

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS - PPGEC

Mauricio Nazarete Lopes

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS:

Um olhar para o Rock, Rap e Kpop da cidade de Rio Grande/RS

Rio Grande

2023

Mauricio Nazarete Lopes

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS:

Um olhar para o Rock, Rap e Kpop da cidade de Rio Grande/RS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paula Regina Costa Ribeiro

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª Juliana Ribeiro de Vargas

Linha de Pesquisa: Discursos, culturas e subjetividades na Educação em Ciências

Rio Grande

2023

Ficha Catalográfica

L864r Lopes, Mauricio Nazarete.
 Representações de masculinidades juvenis contemporâneas : um
 olhar para o rock, rap e kpop da cidade de Rio Grande/RS / Mauricio
 Nazarete Lopes. – 2023.
 165 f.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
 FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Rio
 Grande/RS, 2023.

 Orientadora: Dra. Paula Regina Costa Ribeiro.

 Coorientadora: Dra. Juliana Ribeiro de Vargas.

 1. Masculinidades 2. Estudos culturais 3. Culturas juvenis 4.
 Estudos de gênero I. Ribeiro, Paula Regina Costa II. Vargas, Juliana
 Ribeiro de III. Título.

CDU 008:78-055.1

Mauricio Nazarete Lopes

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS:

Um olhar para o Rock, Rap e Kpop da cidade de Rio Grande/RS

Banca examinadora da Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.



Prof.^a Dr.^a Paula Regina Costa Ribeiro (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof.^a Dr.^a Juliana Ribeiro de Vargas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof.^a Dr.^a Joanalira Corpes Magalhães

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof.^a Dr.^a Carin Klein

Universidade Luterana do Brasil

RIO GRANDE, 2023.

AGRADECIMENTOS

A minha família, meus pais, André e Márcia, por sempre me ensinarem a ter esse amor pelos estudos e a entender esse valor transformador da Educação. Sou profundamente agradecido por todo esse amor, carinho, incentivo e apoio que vocês sempre me deram. Reconheço todos os nossos esforços para chegarmos aonde estamos tentando chegar. Agradeço a minha irmã Anelise, que é a melhor irmã do mundo, e uma das minhas maiores professoras dá vida. A cada dia que compartilhamos junto, estás sempre me ensinando a ser uma pessoa melhor. Muito obrigado a vocês. Amo vocês!

Assim como meus pais, meus avós sempre foram meus incentivadores nos estudos, infelizmente eles nasceram em um Brasil que não dava oportunidades para as classes sociais mais baixas a época, e assim sempre também me ensinaram a valorizar tudo aquilo que eu tive e tenho enquanto oportunidades. Mas, para além desse lado material da vida, meus avós me ensinaram principalmente a valorizar o lado afetivo, humano, carinhoso, amoroso, atencioso que a gente deve ter com a nossa família e também com as demais pessoas. Acho que é com essas vivências familiares que esse amor pela educação foi crescendo dentro de mim.

Nesse momento de finalização da escrita estamos atravessando por um dos momentos de maior dificuldade. Dessa forma, dedico essa escrita a minha avó Shirley.

Agradeço a Yasmin, amor da minha vida, que a conheci no final da graduação, enquanto era uma mestranda do Gese e eu um estagiário do Ceamecim, e que desse encontro da central de empréstimos, estamos hoje compartilhando nossas vidas juntos em nossa casa. Obrigado por tudo que estamos construindo e dividindo. Te agradeço por todos os teus ensinamentos e também por sermos parceiros tanto na vida, no amor, em casa, mas também em sala de aula, como por exemplo termos compartilhado durante esse período do meu mestrado o segundo semestre como sendo o estagiário da estagiária. Te amo!

Também gostaria de agradecer de início as minhas orientadoras. Primeiramente, a Paula, que a conheci no final da minha graduação e logo de cara já tive o desejo de ser seu orientando para adquirir muitos “confetos” junto a ela. Todas as nossas trocas durante esse processo, tanto as relacionadas com esta pesquisa de mestrado, como as nossas demais atividades junto do Gese, sempre tive a Paula me incentivando e acreditando no meu potencial. Assim, também agradeço a minha

coorientadora, a Juliana Vargas, ou melhor a Jú, que a conheci no início dessa jornada, apesar de ser apenas virtualmente, pois ainda não nos encontramos pessoalmente, mas que ao longo dessa jornada, também trocamos muitos “confetos”,

Bom, me falta palavras para eu dizer o quanto vocês duas são especiais em minha vida. Vocês são duas mulheres cientistas que me inspiram e servem como referência para além da vida acadêmica. Gratidão pelas nossas orientações as segundas de manhã, que sempre foram especiais, tanto pelos conselhos, incentivos, carinhos, assim como os puxões de orelha, que também foram importantes para o meu amadurecimento!

Gostaria de agradecer a minha banca: a Professora Joanalira Magalhães, ou melhor, a Joanelinha, por todos os conselhos, críticas, recomendações, ajudas... E que para além deste lugar de banca, também foi a professora supervisora do meu estágio de docência, no qual eu tive contato com a minha primeira turma como docente em disciplina de ciências em uma universidade. Foi um prazer compartilhar um semestre contigo! Agradeço também a Professora Carin Klein, por ter aceitado participar também da banca, e por ter acrescentado muito desde a qualificação do projeto de pesquisa, também aprendi muito com seus conselhos, recomendações e críticas. Dessa forma, agradeço as duas por terem dedicado seus tempos para a leitura e pelo carinho.

Agradeço a minha amiga Tainá, por ter me trazido de volta para o campo da educação, por ter me levado para o Ceamecim, para o Ônibus da Ciência e para a Aventura do Corpo Humano. Por teres me apresentado as Fafás, serei eternamente grato a ti, por ser essa minha amiga, e que quero que um dia sejamos além de amigos, colegas de trabalho, sei que chegaremos lá.

Agradeço à Fafá Stein e a Fafá Branco, por confiarem no “amigo” da Tainá e terem me aceitado como estagiário, e que hoje já me reconheço como “Muriço”. Vocês duas foram fundamentais também para a minha escolha de seguir trabalhando com Educação, tenho vocês duas como exemplo. Agradecendo as Fafás, também agradeço a Sarah, que também é uma grande amiga que o Ceamecim me apresentou.

Tenho gratidão por todas/os/es meus colegas do Gese, que para além das professoras, Paula, Joanalira, Ju Lapa, Ju Vargas e Gisa, a qual compartilhamos muitas aprendizagens diariamente, todas vocês foram fundamentais também para o meu crescimento e amadurecimento no grupo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a “Mãe FURG”, que está proporcionando ao seu filho ser um Mestre em Educação em Ciências. E que para além de ser uma universidade que proporciona um ensino de excelente qualidade, ela também me proporciona a ser um ser humano muito melhor. Gratidão

RESUMO

Esta dissertação foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, na linha de pesquisa “Discursos, Culturas e Subjetividades na Educação em Ciências”. A pesquisa teve como objetivo problematizar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop, da cidade de Rio Grande/RS. Assim, ancorado nos campos teóricos dos Estudos Culturais em suas perspectivas teóricas pós-estruturalistas, Estudos de Gênero, em especial nas Masculinidades, e no campo das Culturas Juvenis, esse estudo foi desenvolvido com o interesse de analisar e discutir as representações de masculinidades que são produzidas e reproduzidas nessas culturas juvenis e que acabam atuando/influenciando na constituição dos sujeitos jovens pertencentes esses estilos musicais. Como forma de movimentos metodológicos para a construção desta pesquisa, produziu-se um movimento de análise cultural dessas culturas juvenis e que para sua produção foi subdividido em três movimentos. Um primeiro com o objetivo de investigar as produções acadêmicas já publicadas a respeito dessa temática, um segundo movimento de pesquisa que volta seus olhares para as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes no ciberespaços do Facebook relacionados a estes estilos musicais e direcionados aos usuários da cidade de Rio Grande/RS, e por fim, um terceiro movimento a fim de investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nessas culturas através de entrevistas narrativas junto a nove jovens pertencentes a estes estilos musicais. O movimento de investigação no ciberespaço do Facebook tinha como objetivo investigar as representações de masculinidades juvenis em dois vídeos de grupos locais onde identificamos jovens que são subjetivados por suas vivências, as quais são marcadas pela violência e criminalidade. Dessa forma, encontramos representações de masculinidades juvenis contestadoras, no que se refere às suas realidades sociais, além de resistentes às práticas que delimitam seus modos de ser e de viver. O movimento de análise relacionado às entrevistas narrativas tinha como objetivo investigar representações de masculinidades juvenis presentes nas narrativas de jovens que se descrevem como pertencentes às culturas dos estilos musicais mencionados. Assim, os resultados relacionados às narrativas dos jovens nos apresentaram jovens que buscavam um distanciamento de representações “tradicionais/hegemônicas” das masculinidades assim buscando por formas de representações plurais/dissidentes/queers, mesmo que esses diferentes estilos musicais investigados visibilizem determinadas posturas como representativas para a masculinidade. A produção desse estudo de mestrado, possibilita ver que estes jovens se distanciam de linearidades construídas socialmente para as possíveis representações de masculinidades juvenis para essas culturas e estilos musicais. Inseridos nessa perspectiva pós-estruturalista, entendemos que esses sujeitos são constituídos socialmente e que por serem sujeitos, eles tencionam/rompem com as formas existentes de vivenciar suas masculinidades associadas a essas culturas, ou até mesmo produzem outras formas para vivenciar suas masculinidades.

Palavras-Chave: Masculinidades, Estudos Culturais, Culturas Juvenis, Estudos de Gênero.

ABSTRACT

This dissertation was produced in the Graduate Program in Science Education, in the line of research "Discourses, Cultures and Subjectivities in Science Education". The research aimed to problematize the representations of contemporary youth masculinities present in youth cultures of Rock, Rap and Kpop, in the city of Rio Grande/RS. Thus, anchored in the theoretical fields of Cultural Studies in their post-structuralist theoretical perspectives, Gender Studies, especially in Masculinities, and in the field of Youth Cultures, this study was developed with the interest of analyzing and discussing the representations of masculinities that are produced and reproduced in these youth cultures and that end up acting/influencing the constitution of young subjects belonging to these musical styles. As a form of methodological movements for the construction of this research, a movement of cultural analysis of these youth cultures was produced, which for its production was subdivided into three movements. A first with the objective of investigating the academic productions already published on this theme, a second movement of research that turns its gaze to the representations of contemporary youth masculinities present in the cyberspaces of Facebook related to these musical styles and directed to users of the city of Rio Grande/RS, and finally, a third movement in order to investigate the representations of contemporary youth masculinities present in these cultures through narrative interviews with nine young people belonging to these musical styles. The research movement in Facebook's cyberspace aimed to investigate the representations of youthful masculinities in two video clips from local groups where we identified young people who are subjectivated by their experiences, which are marked by violence and criminality. In this way, we find representations of contesting youthful masculinities, with regard to their social realities, in addition to being resistant to the practices that delimit their ways of being and living. The analysis movement related to the narrative interviews aimed to investigate representations of youthful masculinities present in the narratives of young people who describe themselves as belonging to the cultures of the aforementioned musical styles. Thus, the results related to the narratives of young people presented us with young people who sought a distance from "traditional/hegemonic" representations of masculinities, thus searching for forms of plural/dissident/queer representations, even if these different musical styles investigated make certain postures visible as representative for the masculinity. The production of this master's study allowed us to see that these young people distance themselves from socially constructed linearities towards the possible representations of youthful masculinities for these cultures and musical styles. Inserted in this post-structuralist perspective, we understand that these subjects are socially constituted and that because they are subjects, they intend/break with the existing ways of experiencing their masculinities associated with these cultures, or even produce other ways to experience their masculinities.

Keywords: Masculinities, Cultural Studies, Youth Cultures, Gender Studies.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1. Imagem demonstrando parte da coleção de discos de vinil que influenciaram no meu gosto musical, principalmente os relacionados com o estilo Rock And Roll.	21
Figura 2. Foto do Centro de Convivência da Universidade Federal do Rio Grande.	23
Figura 3. Foto do evento Virada Cultura no Prédio do curso de Artes Visuais.	24
Figura 4. Artistas influenciadores do Rock Internacional e Nacional.	43
Figura 5. Rappers ícones do Rap consciente.	47
Figura 6. Snoop Dogg e 50 cent, rappers protagonistas do gangsta-rap.	48
Figura 7. Psy, o primeiro sul-coreano a conquistar 2 bi de acessos no Youtube.	50
Figura 8. Imagem do grupo musical sul-coreano BTS.	51
Figura 9. Grupo Underground em Rio Grande/RS.	59
Figura 10. Em A, imagem de divulgação de um evento publicado no grupo Underground Rio Grande. Em B, foto de divulgação da banda Pragah, e em C, foto de divulgação da banda Necromatório, ambas publicadas no grupo.	60
Figura 11. Em A, divulgação de um show de rock de uma banda formada apenas por mulheres. Em B, uma publicação de uma participante do grupo, buscando fazer uma provocação em relação a participação das mulheres nos eventos locais.	61
Figura 12. Página RapNacional RioGrande - RS	63
Figura 13. Imagens de Rappers da cidade de Rio Grande publicadas na página RapNacional Rio Grande.	63
Figura 14. Em A, uma publicação convidando para o show da cantora Tati Zaqui, e em B a divulgação da música Par Perfeito de Jota Yakuza feat Carol.	65
Figura 15. Publicações de músicas da plataforma Youtube compartilhadas na Página RapNacional RioGrande-RS.	66
Figura 16. Página Anima Soul	68
Figura 17. Jovens participantes do campeonato de cosplays do Anima Soul.	69
Figura 18. Grupo de jovens praticando Random Play Dance, modalidade de Kpop, durante o evento do Anima Soul.	70
Figura 19. Captura de tela da sessão de imagens do campeonato de dança de Kpop na modalidade individual.	71
Figura 20. Imagens retiradas da página Anima Soul do campeonato de dança de Kpop na modalidade de grupo. Em A o grupo Apology, e em B o grupo G2Shine.	71
Figura 21. Convite para jovens pertencentes a cultura juvenil do Rock.	72

Figura 22. Convite para participantes da cultura juvenil do Rap.	73
Figura 23. Convite para participantes da cultura juvenil do Kpop.....	73
Figura 24. Captura de imagem da publicação do convite no tópico de discussão do grupo Underground em Rio Grande/RS.	74
Figura 25. Print do grupo Underground em Rio Grande/RS.....	91
Figura 26. Print da Página RapNacional Rio Grande – RS.	92
Figura 27. Três prints de cenas do videoclipe da música Farda demente – Banda Sarrafo.	94
Figura 28. Prints das cenas do videoclipe Salve Quebrada part II – Gaúchos MC’s feat Igãõ.	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BGV	Bairro Getúlio Vargas
CEAMECIM	Central de Empréstimos do Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CC	Centro de Convivência
DVD	Disco Digital Versátil
EC	Estudos Culturais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FURG	Universidade Federal do Rio Grande - FURG
GESE	Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola
MC	Mestre de Cerimônias
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PPGEC	Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências
RS	Rio Grande do Sul
SBECE	Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação
TV	Televisão

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	13
2. JUSTIFICANDO A PESQUISA E TECENDO MINHAS NARRATIVAS LIGADAS A VIVÊNCIAS JUVENIS	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO	27
3.1 Before I Forget (Antes que eu me esqueça) - Iniciando os diálogos junto ao campo dos Estudos Culturais	27
3.2 Running Free (Correndo Livre) – Os Estudos de Gênero	31
3.3 Caught in a mosh (Pego em uma roda punk) – O campo de Estudos das Masculinidades e as outras possibilidades de ser homem	33
3.4 We Will Rock You (Nós vamos sacudir você) – A constituição dos/as Jovens como Categoria social e as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop	38
4. MOVIMENTOS METODOLÓGICOS	53
4.1 – Movimento Exploratório	54
4.2 Movimentos Operatórios de pesquisa.....	56
4.2.1 - O ciberespaço como forma de aproximação com os jovens pertencentes as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop.	56
4.2.2 Movimento de envio de convites para participantes da pesquisa	72
4.2.3 Explorando a entrevista narrativa como método e conhecendo os entrevistados	75
4.2.4 A análise cultural para investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas.....	79
5. ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS	82
5.1 ARTIGO 1:	82
SER HOMEM NAS QUEBRADAS: UM OLHAR SOBRE VIDEOCLIPES DE GRUPOS MÚSICAIS DE RAP E ROCK DO SUL DO BRASIL.....	82
5.1.1 Introdução.....	83
5.1.2 Os videoclipes e as músicas como artefatos culturais.....	84
5.1.3 Os Estudos de Gênero e das Masculinidades	86
5.1.4 As culturas juvenis e os estilos musicais	88
5.1.5 Caminhos metodológicos e analíticos.....	91
5.1.6 Apresentando os videoclipes analisados	94
5.1.7 Alguns achados a respeito das masculinidades juvenis contemporâneas representadas nos dois videoclipes.....	97

5.1.8 Concluindo.....	100
5.1.9 Referências.....	102
5.2 ARTIGO 2:.....	106
REPRESENTAÇÕES PLURAIS DE MASCULINIDADES JUVENIS: O QUE DIZEM JOVENS DO ROCK, DO RAP E DO KPOP DO SUL DO BRASIL	106
5.2.1 Apontamentos iniciais.....	107
5.2.2 Estilos Musicais e Culturas Juvenis.....	109
5.2.3 Alguns apontamentos sobre as masculinidades.....	112
5.2.4 Apontamentos Metodológicos – A Entrevista Narrativa e os Participantes	115
5.2.5 Representações de Masculinidades Juvenis em estilos musicais: plurais/dissidentes/queers	117
5.2.6 Apontamentos Finais	124
5.2.7 Referências.....	126
6. ÚLTIMAS ESTROFES DA PESQUISA	131
6.1 A respeito das páginas.....	131
6.2 Com relação aos videoclipes	132
6.3 No que diz respeito as narrativas.....	133
6.4 Um último folego	135
Apêndice I	146
Tabelas movimentos exploratórios.....	146
Apêndice II	158
Roteiro de Perguntas	158
Apêndice III	161
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	161

1. APRESENTAÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo problematizar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop, da cidade de Rio Grande/RS, a fim de investigar como as construções de masculinidades estão sendo (re)produzidas nos espaços de sociabilidade dos/as jovens pertencentes a essas culturas juvenis, e de como essas representações de masculinidades juvenis presentes nessas culturas acabam atuando na constituição desses sujeitos homens jovens.

Vale ressaltar que esta pesquisa de mestrado se constituiu a partir de minhas inquietações relacionadas as masculinidades, e que ao entender que estas eram produzidas através de construções sociais, está temática acabava por me instigar a ingressar no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, com o interesse de pesquisar tal tema. Entretanto, durante o início da minha jornada no curso de mestrado, o projeto ao qual fui aprovado, tivemos que fazer deslocamentos devido a pandemia de Covid-19. Assim, a partir de uma reunião junto as orientadoras, decidimos por investigar as masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais. Esse deslocamento de pesquisa, acaba indo ao encontro das minhas vivências juvenis que estão relacionadas com os estilos musicais, tendo em vista que me sinto pertencente a cultura juvenil do Rock, mais especificadamente, do Heavy Metal.

Desse modo, atraído por essa temática de pesquisa, esta dissertação está estruturada em seis capítulos, sendo eles: 1) este primeiro capítulo de Apresentação; 2) Justificando a pesquisa e tecendo minhas narrativas ligadas a vivências juvenis; 3) Referencial teórico; 4) Movimentos metodológicos; 5) Produzindo artigos, analisando as representações de masculinidades juvenis contemporâneas; 6) Últimas estrofes da pesquisa.

Nesse sentido, buscando discorrer brevemente a respeito do segundo capítulo, “Justificando a pesquisa e tecendo minhas narrativas ligadas as vivências juvenis”, neste capítulo apresento minha trajetória acadêmica que me conduziu até o programa de pesquisa a qual essa dissertação está sendo produzida, assim como, apresento minha trajetória ligada as culturas juvenis relacionadas com os estilos musicais,

buscando apresentar algumas discussões prévias a respeito da influência dessas vivências na minha constituição enquanto sujeito homem.

No terceiro capítulo, “Referencial Teórico”, está dividido em quatro partes e seus títulos iniciam com nomes de músicas internacionais, buscando fazer uma aproximação com o título da seção do texto. Assim, na primeira parte que tem como título, “Before I Forget (Antes que eu me esqueça) - Iniciando os diálogos junto ao campo dos Estudos Culturais”, nesta seção do texto apresento algumas discussões teóricas a respeito do campo dos Estudos Culturais, assim como o entendimento desta perspectiva teórica para o conceito de representação. Na segunda parte do texto, “Running Free (Correndo Livre) – Os Estudos de Gênero”, apresento e discuto o nosso referencial teórico a respeito dos Estudos de Gênero que possibilitaram o surgimento do campo de estudos das Masculinidades. Na terceira parte do capítulo, “Caught in a mosh (Pego em uma roda punk) – O campo de Estudos das Masculinidades e as outras possibilidades de ser homem”, apresentamos e discutimos o referencial relacionado as masculinidades e como este campo vem se desenvolvendo no Brasil. Na quarta, e última parte, “We Will Rock You (Nós vamos sacudir você) – A constituição dos/as Jovens como Categoria social e as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop”, apresentamos e discutimos o nosso referencial relacionado ao campo das culturas juvenis e de como foram emergindo e se diversificando os estilos musicais aqui investigados, e apresentamos algumas pesquisas que vêm problematizando as masculinidades nessas culturas juvenis.

No quarto capítulo, apresentamos os “Movimentos metodológicos”, em que está dividido em um primeiro movimento, denominado de “Movimento Exploratório”, em que exploramos as pesquisas já efetuadas com a temática das juventudes, música e masculinidades no site do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. O segundo movimento metodológico da pesquisa está denominado de “Movimentos Operatórios de Pesquisa”, no qual apresentamos os procedimentos para a produção dos dados e para as análises dos dados, que estão divididos em: “O ciberespaço como forma de aproximação com os jovens pertencentes as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop”; “Movimento de envio de convites para participantes da pesquisa”; “Explorando a entrevista narrativa como método e conhecendo os entrevistados”; “A análise cultural para investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas”.

No quinto capítulo da dissertação, que está intitulado de “Analisando as representações de masculinidades juvenis contemporâneas”, apresentamos os dois

artigos resultantes dessa pesquisa de mestrado. Sendo assim, o primeiro artigo tem como título, “Ser homem nas quebradas: um olhar sobre videoclipes de grupos musicais de Rap e Rock do Sul do Brasil”, investigamos as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes em dois videoclipes de grupos musicais locais da cidade. E o segundo artigo, tem como título “Representações plurais de masculinidades juvenis: o que dizem jovens do Rock, do Rap e do Kpop do sul do Brasil”, em que analisamos as narrativas de jovens pertencentes a estas culturas juvenis a fim de investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas em suas narrativas.

No sexto e último capítulo, apresentamos as considerações finais desta pesquisa que estão intituladas de “Últimas estrofes da pesquisa”, em que tecemos algumas considerações a respeito do processo de produção deste trabalho de mestrado. Assim, produzimos considerações a respeito das representações de masculinidades juvenis que conseguimos identificar nas páginas investigadas na rede social do Facebook, assim como nos dois videoclipes investigados, e também as representações de masculinidades juvenis presentes nas narrativas dos nossos jovens participantes desta pesquisa. Por fim, apresentamos algumas problematizações finais a respeito da pesquisa, assim como sobre as nossas perspectivas futuras para essa pesquisa.

2. JUSTIFICANDO A PESQUISA E TECENDO MINHAS NARRATIVAS LIGADAS A VIVÊNCIAS JUVENIS

Nesse primeiro movimento de escrita apresento¹ uma breve narrativa a respeito da minha trajetória, a fim de apresentar os sentidos que fui dando às minhas vivências, enquanto um sujeito homem, jovem, que vivência/ou culturas juvenis relacionadas a estilos musicais, temática desta pesquisa, que são diretamente responsáveis por quem sou e como venho me constituindo enquanto pessoa e pesquisador. Desta forma, ao me aproximar dessas vivências, vou além do pensar apenas os caminhos que percorri, mas também me possibilita criar ferramentas para justificar minha escolha sobre a temática desta pesquisa.

O início do meu caminho dentro do universo acadêmico ocorreu no ano de 2012, quando ingressei no curso de Ciências Biológicas Licenciatura na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Desde a metade da minha juventude, sempre tive um olhar mais carinhoso pelas questões do meio ambiente e a curiosidade pela natureza. Aliados a estas curiosidades com a natureza também existiam, da minha parte, a valorização pelas questões em torno da educação, da importância das professoras e professores, que fizeram parte da minha formação no ensino fundamental e médio. Esta valorização pelos/as professores/as vem de casa, já que tenho meus pais como exemplo, sendo ambos formados em licenciaturas.

Durante os três anos cursando licenciatura, tive momentos de muito aprendizado, tanto para a formação acadêmica, quanto para a formação como pessoa/ser humano. Um destes momentos, foi a possibilidade de ter sido estagiário por cerca de um ano do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBID). O PIBID ao qual eu estava inserido tinha uma vocação interdisciplinar com ênfase na Educação Ambiental. A escola em que realizava o projeto era localizada na periferia urbana da cidade, a Escola de Ensino Municipal Viriato Correa, localizada no Bairro Getúlio Vargas, conhecido popularmente como BGV e apresentava realidades diferentes das quais eu estava acostumado e que propuseram muitas mudanças na minha formação.

¹ Na justificativa escrevo em primeira pessoa do singular, pois apresento a minha trajetória pessoal. Em outros momentos do texto escrevo em terceira pessoa do plural, entendendo que essa pesquisa foi compartilhada com minhas orientadoras.

Eu considero todos os momentos em que eu estive estagiando no PIBID Educação Ambiental como marcos em minhas trajetórias acadêmica e de vida, em um modo geral. Pois as experiências e vivências que pude desfrutar nesses ambientes foram de muito aprendizado junto à comunidade da escola. As atividades que realizávamos na escola como “pibidianos”, falando enquanto grupo, eram atividades pedagógicas que permitiam que os/as estudantes descrevessem os impactos e a influência do Polo Naval à época na comunidade da escola. E por meio destas atividades, fazendo parte desse grupo do PIBID, eu pude mudar toda a minha perspectiva enquanto pesquisador e até mesmo de vida, pois antes eu nunca tinha estado em um lugar com tantas relações acolhedoras, de muito afeto e aprendizado.

Apesar desse desejo pela licenciatura em Ciências Biológicas ter dado um rumo ao início da minha trajetória acadêmica, no ano de 2015 eu optei por fazer a mudança de curso para o curso de Ciências Biológicas Bacharelado. Esse desejo de mudança ocorreu quando, entre diferentes fatores, no meio do ano de 2014, o projeto do PIBID interdisciplinar com ênfase na Educação Ambiental chegou ao seu final, consequentemente fazendo com que eu buscasse novas oportunidades de estágios. Durante esse período, eu consegui um estágio como voluntário no laboratório de entomologia², e as atividades de pesquisa dentro do laboratório e aquela curiosidade a respeito da natureza, somado às críticas que eu possuía aos/as professores/as do curso de Ciências Biológicas licenciatura que naquela época não discutiam nos primeiros anos do curso os aspectos envolvidos com as metodologias de pesquisas científicas. O que ocorria de maneira diferente no curso de Ciências Biológicas bacharelado, eu acabei optando pela mudança para esse curso.

Foi nesse curso e dentro do laboratório de entomologia, imerso dentro do mundo dos insetos, que passei a compreender os processos de pesquisa científica, desde a elaboração de questionamentos até os processos metodológicos para encontrar os resultados. Este fator na minha formação foi importante, pois acredito que foi determinante para o meu amadurecimento dentro da área da pesquisa.

Foi também ao longo da graduação que eu tive o contato com o movimento estudantil e que me possibilitou conhecer os movimentos sociais do Movimento dos

² Entomologia é o ramo da zoologia que estuda os insetos. Fonte: dicionário Oxford Languages.

Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)³ e do movimento ligado às juventudes de zonas urbanas, que pode ser considerado como um braço do MST das zonas urbanas das cidades, que era o Movimento Social Levante Popular da Juventude⁴, o qual fiz parte até a minha formatura. Foi através dos movimentos sociais que eu pude ter um primeiro contato com as discussões e referenciais teóricos, tais como os textos da autora Helena Abramo⁵, que debatiam as questões de juventude do Brasil.

No último ano cursando a graduação, tive a oportunidade de fazer um estágio como bolsista na parte administrativa da Central de Empréstimos do Centro de Educação Ambiental, Ciências e Matemática (Ceamecim). O Ceamecim é um centro interinstitutos da FURG e tem como um de seus objetivos, auxiliar na formação de professores/as de Ciências e Matemática por meio de princípios de cooperação, interação, reflexão e construção pedagógica. A Central de Empréstimos funcionava como uma minibiblioteca com centenas de livros, materiais didáticos, materiais biológicos e de laboratório que ficavam à disposição dos/as estudantes da FURG para utilizarem nas apresentações de trabalhos e nos seus estágios de docências. Entre os diversos livros presentes nas estantes, eu pude ter um primeiro contato com os livros relacionados aos estudos dos gêneros e das sexualidades, a exemplo dos livros “História da Sexualidade” de Michel Foucault e os livros produzidos pela Professora Doutora Paula Regina Costa Ribeiro e demais colaboradoras: “15 anos de Mariana: um convite a outras aprendizagens sobre os corpos”, e a trilogia de livros “Histórias de Maria”.

Conforme iniciava essas leituras, conhecia novos temas e novas interpretações sobre os Estudos de Gênero e Sexualidade, por mais que essas leituras tenham sido realizadas de maneira superficial. Surgia uma vontade por querer pesquisar dentro desta área, pois estas temáticas me inquietavam, especialmente a produção das masculinidades em relação às interações sociais existentes dentro da nossa sociedade. A partir das leituras, tais como Raewyn Connel (1995), “Políticas da Masculinidade”, a respeito das masculinidades, eu enquanto sujeito homem, ia

³ O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento de ativismo político e social brasileiro, de inspiração marxista. Teve sua fundação oficial no mês de janeiro de 1984, entretanto a sua origem surge na oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar, principalmente ao longo dos anos 1970.

⁴ Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação estrutural da sociedade brasileira. Link para o site do movimento: <https://levante.org.br/>.

⁵ ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília Pontes (Orgs). *Juventude em Debate*. São Paulo: Cortez, 2002.

questionando as significações de masculinidades que existiam ao meu redor. Principalmente, aquelas relacionadas a algumas expectativas que a minha família depositava em mim, como por exemplo, me associar as representações de homem associado ao esporte. Assim, desde muito cedo, com cerca de 6/7 anos de idade já era matriculado em escolinhas de futebol e de basquete.

Juntamente com essas leituras de masculinidades, também produzi algumas inquietações relacionadas a algumas vivências minhas durante o meu período escolar, tanto do ensino fundamental, como do ensino médio, que contribuiriam para a minha constituição enquanto sujeito homem. Durante um bom tempo desse período, eu era membro das bandas marciais das escolas que frequentei. Ao longo do início da minha jornada na banda marcial da escola do ensino fundamental eu iniciei tocando um instrumento chamado de surdo, que após iniciar na cultura das bandas marciais, percebi que havia muito preconceito/*bullying* com os seus praticantes, inclusive oriundos das/os professoras/es. Desse modo, eu tinha muito desejo de tocar outro instrumento, que era o Bumbo. Esse instrumento, era um instrumento grande, geralmente tocado pelos homens/meninos maiores da banda, e que por ser grande tinha um aspecto de pesado. Nessa lógica das masculinidades serem produzidas através de construções sociais e culturais, dentro dessa cultura das bandas marciais, percebo que essa mudança de instrumento acabou me proporcionando mais “tranquilidade” dos meus demais colegas homens por ter essa representação de força.

Durante o período do ensino médio, meus pais sempre me incentivaram para que eu buscasse ingressar no ensino superior, buscasse por dar seguimento aos meus estudos. Entretanto, durante esse mesmo período, entre outros familiares, também havia falas que tinham como intenção me convencer a ir para o serviço militar, ou até mesmo construir uma carreira militar, como a Marinha e o Exército. Dessa forma, durante essas leituras iniciais a respeito das masculinidades, interpreto, que para esses meus familiares, essa significação de um possível “Mauricio Militar”, seria uma forma de me associar a representações de masculinidades hegemônicas, ou seja, para esses familiares todas as demais formas que não fosse a de um militar, eu estaria sendo uma representação de homem subalterno, a margem do centro (CONNEL, 1995).

Conforme eu ia buscando por mais leituras nesse campo das masculinidades, eu ia produzindo mais inquietações em relação a todas as minhas vivências que influenciaram na minha constituição enquanto sujeito homem. Devido a esse desejo

por pesquisar dentro desta área de gênero e sexualidade e com a temática em masculinidades, participei do processo seletivo que ocorreu no ano de 2020 para ingressar no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências na linha de pesquisa “Discursos, Culturas e Subjetividades na Educação em Ciências” que “Desenvolve pesquisas vinculadas aos processos de produção de discursos, culturas e subjetividades na educação em Ciências, nos diversos campos de saber e instâncias sociais.” (PPGEC, 2021).

Dessa forma, buscando ingressar nessa linha de pesquisa do PPGEC, enviei para a seleção a proposta do seguinte projeto: “Narrativas de estudantes de Rio Grande sobre as representações de masculinidades no ambiente escolar”. Posteriormente a aprovação na seleção, durante uma reunião com as orientadoras, decidimos fazer um deslocamento da escola para outros espaços educativos devido aos tempos de pandemia de Covid-19 que estávamos vivendo durante os anos de 2020 e 2021, o que poderia nos proporcionar algumas dificuldades nesse caminho.

Trago comigo uma série de vivências que contribuíram com questionamentos para fazer uma pesquisa com Estudos de Gênero e Sexualidade, em especial as Masculinidades, relacionando com os Estudos Culturais e as Culturas Juvenis. Tendo em vista que participei de diferentes culturas juvenis, desde as relacionadas ao esporte, como relacionadas aos movimentos sociais, como já mencionei anteriormente, o Levante, que me proporcionaram um contato com diversas culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais do Rap e do Funk, com jovens das periferias de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, que ao longo da minha trajetória, anteriormente, eu não tinha tido esse contato mais aprofundado. O contato que eu tinha com esses estilos musicais sempre havia sido durante as festas que eu frequentava, desde o final do ensino médio, até aquele momento da graduação.

Eu sempre fui uma pessoa muito ligada a música, e a partir de uma reunião com as Orientadoras, definimos voltarmos nossos olhares para as culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais. Uma das vivências que trago comigo é a que desde pequeno, sempre gostei de ouvir os discos de Rock do meu pai ou aos DVDs de shows do meu Tio. Nesses discos (Figura 1) e DVDs, encontrava diversas vertentes que nasceram e se diversificaram a partir do Rock, como o Heavy Metal. Desta forma, o Heavy metal, conhecido popularmente como “Rock Pesado”, compartilho que é o meu estilo musical preferido até os dias de hoje, sendo a banda inglesa Iron Maiden a minha favorita.

Figura 1. Imagem demonstrando parte da coleção de discos de vinil que influenciaram no meu gosto musical, principalmente os relacionados com o estilo Rock And Roll.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2021

Entretanto, foi na metade da minha juventude, mais precisamente durante o primeiro ano do ensino médio no Colégio Estadual Lemos Júnior, localizado na cidade de Rio Grande, que eu descobri que existiam diferentes grupos de jovens que se reuniam devido a diferentes culturas juvenis, tais como os de estilos musicais. E entre esses diferentes grupos que se reuniam em torno dos estilos musicais, estava presente um grupo de jovens que se reuniam e conversavam sobre os mesmos gostos musicais que eu tinha.

Eu e meus colegas, que em maioria éramos homens, fazíamos parte do grupo denominado de “os roqueiros” da escola, devido a apresentarmos uma série de características e marcadores que nos identificavam/representavam como tal, como o uso de roupas pretas e os meninos apresentando cabelos compridos. Entre alguns homens praticantes da cultura juvenil do Rock e do Heavy metal, um dos primeiros movimentos enquanto jovem, descobrindo esse estilo musical, é de buscar se parecer com seus ídolos do Rock/Heavy Metal ou de identificações com as suas bandas de preferência. No meu caso, durante uma fase dos meus 15 anos até os 17 anos, eu buscava vestimentas que me aproximassem do cantor do Iron Maiden, Bruce Dickinson. Outros amigos, buscavam se parecer com Slash, guitarrista do Guns and

Roses, ou com o Gene Simmons, baixista da banda Kiss, também com o baterista falecido do Slipknot, Joey Jordison.

Uma parte da minha família apresentava bastante preconceito com os/as jovens que andavam de roupas pretas e escutavam rock e heavy metal, cresci escutando diversas frases preconceituosas a esse respeito, como por exemplo: “esses rapazes de que usam roupas pretas são drogados, marginais e etc”. E durante uma fase entre os meus 15 e os 18 anos de idade, ou seja, menor pela idade legal, que tive uma certa liberdade que meus pais me proporcionaram para andar na rua junto aos/às meus/minhas amigos/as. Por vezes, escutei dos/as meus/minhas parentes essa frase a respeito dos roqueiros serem marginais, e não fazerem a ligação que as roupas que eu usava me igualavam a aqueles/as jovens que eles/as falavam suas frases preconceituosas.

Outro fator, ao qual eu também buscava essa identificação com o cantor do Iron Maiden, Bruce Dickinson, é que a época, ele possuía cabelos curtos, e minha mãe, juntamente com minhas avós, me “proíbiam” de ter cabelo comprido. Entretanto, havia uma relação de troca com minha mãe, ela não via “tanto” problema em eu andar de preto com meus amigos, ela gostava de Rock também quando era mais nova, mas não aceitava essa parte de eu querer ser “cabeludo”. Admito que tentei algumas vezes ser resistência, mas elas me ganhavam no cansaço, e meu cabelo também não colaborava, demorava muito para crescer e ficar caído que nem o dos famosos, ou dos meus amigos.

No ensino médio, e entre, meus 16 anos até os 20 anos, eu costumava frequentar festas/eventos dedicados exclusivamente ao movimento “underground” do Rock rio-grandino. Esses eventos eram denominados de “FestRocks”, onde geralmente tocavam cerca de três a cinco bandas, performando músicas autorais ou covers de grupos famosos. Durante esse mesmo período de “descobrimento da noite”, eu também tive contato com diferentes culturas relacionadas aos estilos musicais, principalmente as relacionadas ao pagode, pois parte dos meninos da minha aula eram “pagodeiros” e íamos juntos para as festas/boates da cidade que tinham como shows grupos de pagode. Mas vale ressaltar que nesses eventos, sempre se apresentavam DJ’s que tocavam outros estilos musicais, como música eletrônica, pop, funk e rap.

Quando ingressei na Universidade, as culturas juvenis relacionadas com os diferentes estilos musicais também se faziam presentes, e até de forma mais

intensificada. Pelo fato de o ambiente universitário proporcionar uma liberdade a qual não é permitida aos/às jovens durante o ensino médio, podemos até verificar/afirmar que as culturas juvenis podem ser vivenciadas de maneira diferenciadas nos espaços de lazer universitário. Em Rio Grande, os/as estudantes da FURG possuem diversos espaços que podem ser considerados de práticas de lazer, esses espaços podem ser internos ou externos aos “muros” da universidade. Dentro do campus da Furg podemos encontrar o Centro de Convivência, conhecido popularmente como o CC” (Figura 2), um espaço onde todos/as membros/as da comunidade acadêmica, desde funcionários/as a servidores, se encontram durante os intervalos e horários de almoço e janta.

Figura 2. Foto do Centro de Convivência da Universidade Federal do Rio Grande.



Fonte: Arquivo pessoal (2012).

No campus Carreiros da FURG também encontramos espaços de lazer e convivência de culturas juvenis em diferentes áreas e locais para além do CC. Nos meus últimos anos de graduação, um destes locais em que ocorriam diversos eventos culturais, era o prédio das artes que pertencia ao Instituto de Letras e Artes da Furg. Neste local ocorriam os eventos denominados “Virada Cultural” (Figura 3), onde ocorria desde shows de diferentes estilos musicais, como rock, rap, e música popular brasileira, assim como outros tipos de intervenções artísticas que acabavam proporcionando um local de encontro dos jovens acadêmicos.

Figura 3. Foto do evento Virada Cultura no Prédio do curso de Artes Visuais.



Fonte: <https://www.facebook.com/furg.artesvisuais/photos/> (2018). (Acesso em 15 mai. 2021).

No que diz respeito as práticas de culturas juvenis na parte externa aos “muros” da universidade, o bairro do Balneário Cassino, localizado na cidade de Rio Grande, cerca de 16 km do campus Carreiros da FURG, é um espaço de sociabilidade importante a ser destacado. É considerado durante o ano letivo da universidade como um bairro universitário, pois muitos acadêmicos vivem neste bairro, e muitos dos eventos que incentivam as práticas de culturas juvenis acabam ocorrendo neste local. Durante os finais de semana ao longo do período letivo, no Cassino ocorrem diversas festas, denominadas de “festas universitárias”, tanto nas casas dos/as estudantes como em boates e clubes, que acabam contemplando todos os perfis de estilos musicais.

Ao revisitar minha trajetória e por compreender o quão marcante foram as culturas juvenis em minha formação enquanto sujeito, principalmente as que dialogam com o “universo” da música, encontro motivações/inquietações para a realização da pesquisa de Mestrado com esta temática. De acordo com a autora Dagmar Meyer (2012) “torna-se um sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e um processo de aprendizagem.” (p. 50).

Assim, buscando dar um sentido para as minhas inquietações e questionamentos com a temática das masculinidades e das culturas juvenis, após uma definição com as orientadoras, o primeiro movimento de construção da pesquisa

de mestrado tinha como objetivo investigar as narrativas de homens jovens sobre a construção das masculinidades que compartilham experiências e vivências produzidas por diferentes estilos musicais. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, íamos ouvir jovens entrevistados pertencentes as culturas juvenis do Rock, Rap, Kpop, Pagode e Música Tradicionalista Gaúcha. E tendo em vista, que durante o ano de 2021, estávamos enfrentando a pandemia de Covid-19, e que os espaços de sociabilidade da juventude estavam suspensos/proibidos, assim, para proteger a todos da contaminação e disseminação do vírus e das consequências de sua doença. O movimento de busca por contato com esses jovens ocorreu através de buscas em páginas das redes sociais direcionadas para os estilos musicais e para os/as usuários/as de Rio Grande/RS.

Entretanto, após o processo de defesa de projeto de qualificação, fizemos uma readequação da pesquisa, limitando o número de culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais, buscando dar a profundidade/atenção merecida aos estilos musicais. Partindo do entendimento que a investigação com maior número de estilos musicais, não nos possibilitaria o aprofundamento necessário para o estudo. Dessa forma, investimos nossos olhares para as culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais do Rock, Rap e Kpop.

E tendo em vista que o método de aproximação com os jovens pertencentes a essas culturas juvenis seria as páginas e grupos do Facebook. Ainda durante esse processo de readequação metodológica da pesquisa, optamos por também construir um olhar investigativo para os artefatos culturais que circulam nesses ambientes virtuais. De acordo com Joanalira Corpes Magalhães (2012) e Caroline Amaral (2019) os artefatos culturais – imagens, vídeos, textos entre outros – são produções carregadas por significados e códigos, e que neste sentido, circulam através das publicações e interações presentes nesses ciberespaços.

Portanto, durante esse processo de reorganização da pesquisa, fizemos deslocamentos aos quais o objetivo geral da pesquisa se propõe: **problematizar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop, da cidade de Rio Grande/RS.**

Já como objetivos específicos para esta dissertação, buscamos:

- Investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas visibilizadas em dois videoclipes, um do estilo musical do Rock e outro do Rap,

compartilhados em páginas direcionadas para o público da cidade de Rio Grande/RS no Facebook.

- Investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes em narrativas de jovens pertencentes as culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais do Rock, Rap e Kpop.

Dessa forma, os deslocamentos no objetivo da pesquisa, buscaram a inserção desse olhar para as masculinidades representadas também nas páginas e grupos do Facebook, além dos espaços de sociabilidade da juventude do município Rio Grande/RS.

No próximo capítulo desta dissertação, apresentamos algumas interlocuções teóricas com autoras/es que contribuem para a discussão dessa temática de pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo buscamos dialogar, dentro do campo dos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista, com autoras/es que estabelecem articulações relacionadas com as Juventudes e as Culturas Juvenis, assim como os Estudos de Gênero e as Masculinidades. Desta forma trazemos para o referencial teórico as colaborações dos/as autores/as, Stuart Hall (1997), Tomaz Tadeu Silva (1999), Rosa Fisher (2002), Marisa Vorraber Costa (2003), Carles Feixa (1999; 2004; 2005;), Juarez Dayrell (2002; 2003), Sandra Andrade e Dagmar Meyer (2014), Guacira Louro (1997, 2007), Judith Butler (2003), Raewyn Connell (1995; 2003; 2013). A partir das contribuições destes autores/as procuramos analisar as potencialidades de se investigar as narrativas de jovens sobre a construção das masculinidades juvenis de diferentes estilos musicais.

3.1 Before I Forget (Antes que eu me esqueça) - Iniciando os diálogos junto ao campo dos Estudos Culturais

Os Estudos Culturais (EC) constituem um campo de teorização e investigação bastante heterogêneo, que conforme afirmam Cary Nelson e demais autores (1995, p. 13), um campo “interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra disciplinar”, que centra suas análises em fenômenos culturais. Entre outras palavras, os Estudos Culturais permitem analisar a dimensão cultural existente nas diferentes práticas sociais.

Desde o seu surgimento, os Estudos Culturais proporcionaram questionamentos para os entendimentos em relação a cultura, que conforme Tomaz Tadeu da Silva (1999, p. 14), o tornam um “campo de luta em torno da construção e da imposição de significados sobre o mundo social.”. Ainda de acordo com Marisa Vorraber Costa, Rosa Fischer e Luiz Henrique Sommer (2003, p. 37), “os EC configuram espaços alternativos de atuação para fazer frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa”, ou ainda entre “cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular”. Assim, se consolidando como um campo que problematiza esse tipo de relações dicotômicas, possibilitando afirmar que as manifestações representativas, ou

seja, as que possuem significados para os grupos sociais, possam ser compreendidas como produções culturais.

Neste sentido, para analisar a partir dessa perspectiva de estudos, necessita-se ter compreensão do conceito de cultura. Deste modo, destacamos que a cultura pode ser compreendida como o modo de vida de um determinado grupo social, englobando desde a produção de artefatos, como: músicas, objetos, livros, revistas, sites de redes sociais, assim também como conjuntos de processos e práticas, como por exemplo, linguagens, comportamentos, valores e as estruturas de poder (HALL, 1997; NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 1995).

Segundo Stuart Hall (1997), integrantes de uma mesma cultura partilham os significados que circulam em meio às suas práticas culturais. Tais práticas são entendidas como práticas de significação, uma vez que é através delas que os significados são produzidos, expressos e intercambiados entre os sujeitos. Para além disto, Hall (1997) afirma que os significados culturais não são apenas formas de olhar e perceber as coisas do mundo, mas constituem práticas culturais que produzem efeitos nas condutas, organizando-as e regulando-as. Assim, podemos compreender que a cultura é formada por uma rede de significados que fazem parte de cada grupo social, definindo como esses grupos devem ser. Deste modo, ao mesmo tempo podemos verificar que a cultura é a produtora dos modos de vida assim como produzida por tais modos (HALL, 1997).

Nesse sentido, ao buscarmos aproximar os entendimentos produzidos a respeito da cultura na atualidade, a mesma “precisa ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo o que está associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social.” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 38). Dessa forma, as pesquisas dentro do campo dos Estudos Culturais, também buscam problematizar diferentes elementos que influenciam nos aspectos das produções culturais das sociedades, tais como os efeitos das estruturas econômicas e políticas.

Nesta perspectiva de as sociedades serem compostas por forças diversificadas, George Yúdice (2002) em seu livro: *El Recurso de La Cultura usos de la cultura en la era Global*, afirma que o papel da cultura se expandiu como nunca para as esferas políticas e econômicas, e acredita que seja melhor fazer uma abordagem da questão de cultura do nosso tempo como um recurso, devido a globalização acelerada da cultura. De acordo com o autor

[...] a cultura está sendo crescentemente dirigida como um recurso para melhoria sociopolítica e econômica, ou seja, para aumentar sua participação nessa era de envolvimento político decadente, de conflitos acerca da cidadania (Young, 2000), e do surgimento daquilo Jeremy Rifkin (2000) chamou de capitalismo cultural. (YÚDICE, 2002, p. 23).

A partir deste entendimento, podemos observar que o comércio mundial possibilitou uma maior distribuição de bens simbólicos, tais como: música, filmes, programas de televisão, turismo etc., que proporcionaram à esfera cultural um protagonismo maior do que em qualquer outro momento da história da modernidade (YÚDICE, 2002). O que para Hall (1997), tem influenciado os meios de produção, circulação e troca cultural, fazendo com que a cultura tenha uma função importante no que diz respeito à estrutura e organização da sociedade moderna. Alinhado a essa expansão tecnológica nos meios de informação, há também os avanços nos meios de transporte, tanto de cargas e produtos, como de passageiros/as, o que proporcionou um encurtamento do tempo das viagens de longas distâncias, entre diferentes regiões e continentes. Nesse processo, diferentes setores culturais se beneficiaram de uma maior proporção de recursos humanos, materiais e tecnológicos no mundo inteiro, e como mediadores desse processo surgem as indústrias culturais (HALL, 1997).

Há também como elemento nesse processo, também denominado de “processo revolucionário cultural” por Hall (1997), o surgimento do mercado mundial de ações e investimentos financeiros, formado a partir da aceleração da mobilidade geográfica dos fundos. Conforme Stuart Hall (1997) observa que, “hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias.” (HALL, 1997, p. 17). A mídia encurta a velocidade com que as diferentes formas de informação e comunicação e representações culturais podem viajar, “enredando em uma teia” sociedades com histórias distintas, com diferentes modos de vida, em diversos estágios de desenvolvimento e situadas em diferentes fusos horários, causando impactos sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão a vida, sobre a cultura num sentido mais local (HARVEY, 1989; HALL, 1997). E buscando uma aproximação junto a atualidade, a internet conecta e aproxima mais ainda as pessoas junto às diferentes formas de representações culturais.

Deste modo, ao compreendermos dentro da perspectiva pós-estruturalista, de que a cultura é constituída como práticas de significações para os sujeitos, e que assim, a linguagem é o meio pelo qual damos sentidos as coisas, dessa forma, sendo fundamental para a produção do significado. De acordo com Hall (1997), a linguagem atua como sistemas de representações, constituídas por meio de discursos produzidos e reproduzidos através de redes de significações. E que, sendo assim, pensadores/as deste campo teórico, buscam tencionar em suas pesquisas como essas redes de significações estão circulando e proporcionando a construção de pedagogias culturais.

Dito isto, os EC, nos proporcionam entender que as músicas, filmes, programas de tv, plataformas de Streaming com suas produções, livros, documentos, e mais recentemente, as redes sociais, que conectaram/aproximaram ainda mais os sujeitos, com suas publicações que através de compartilhamentos circulam ainda mais rapidamente entre as sociedades, são artefatos culturais. Ou seja, o que buscamos dizer é que essas produções culturais são permeadas de valores, representações, saberes e significados de um dado tempo e de uma determinada sociedade (MAGALHÃES, 2012).

Aliás, tendo em vista que nosso objetivo de pesquisa é um olhar para as culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais, compreendemos que as músicas, os videoclipes, todos os produtos que possuem uma “intencionalidade” a partir da música, são locais pedagógicos que buscam a todo momento nos dizer algo. Sendo pelo o que tentam nos mostrar/dizer, ou também pelo que tentam nos ocultar (GOELLNER, 2007; MAGALHÃES, 2012). Assim, a partir dessa perspectiva, os artefatos culturais são constituídos por pedagogias culturais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo, construindo e reproduzindo as representações que circulam na sociedade. O que acaba indo ao encontro do que este campo teórico, os Estudos Culturais, busca mostrar, que são muitos os espaços que educam, para além daqueles veiculados a escola.

No decorrer de nossas práticas, tanto individuais, como sociais, ou seja, no que fazemos, ouvimos, pensamos, dizemos e sentimos, que desse modo, como representamos, que produzimos os significados (HALL, 2002; AMARAL, 2017; BRITO, 2021). Logo, por meio desse modo que interpretamos as pessoas, os objetos, os eventos, proporcionamos esses sentidos a esses signos/representações que integramos em nossas práticas sociais.

Conforme Carin Klein e Juliana Vargas (2019), a cultura possibilita as aproximações e distinções dos sujeitos, dos grupos sociais, durante os processos de sociabilização. Alguns marcadores sociais como as diferenças de classe social, de gênero, sexualidade, etnia e até de geração, se constituem e se articulam nessa lógica de âmbito cultural. Nesse sentido, os Estudos Culturais nos auxiliam a investigar as representações de masculinidades juvenis presentes nas culturas do Rock, Rap e Kpop. Sendo assim, no próximo item problematizamos o entendimento a respeito dos Estudos de Gênero e das Masculinidades.

3.2 Running Free (Correndo Livre) – Os Estudos de Gênero

Neste subcapítulo do texto, apresentamos algumas teorizações em relação aos estudos dos homens e das masculinidades, assim como, direciono as nossas escolhas teóricas que nos auxiliaram para o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado. Entretanto, anteriormente ao aprofundamento teórico em relação as masculinidades, produziremos uma breve discussão teórica a respeito do conceito de gênero e das teorias feministas contemporâneas que foram fundamentais para que os homens e a noção de masculinidade na produção acadêmica das ciências humanas e sociais pudessem ser debatidas (BRITO, 2018; MEDRADO; LYRA, 2008).

O que compreendemos hoje a respeito do conceito de gênero está ligado à história do movimento feminista, organizado a partir dos anos 1960, que teve início junto às suas lutas contra o androcentrismo e todas as formas de dominação e de violência contra as mulheres. Dos anos 60 para frente, surgiram novas formas de se pensar as diferenças de gênero, o que levou a uma pluralidade de perspectivas feministas, que hoje em dia são denominadas de ondas dos movimentos feministas (LOURO, 1997; MEYER, 2010).

Para Dagmar Meyer (2010), as quatro ondas do movimento feminista foram de extrema importância para se repensar e reconstruir os entendimentos acerca do conceito de gênero, sendo um processo no qual passou por uma série de modificações ao longo de sua concepção. A partir disso, as contribuições dos movimentos feministas colaboraram, até a atualidade, no repensar a forma como o gênero estava sendo utilizado, proporcionando a este campo teórico, um deslocamento importante para a compreensão do Gênero. Esse deslocamento ocorreu quando diferentes pesquisadoras dos movimentos feministas de diferentes perspectivas teóricas, passaram a compreender as desigualdades entre homens e

mulheres não sendo somente explicáveis a partir das diferenças biológicas entre os sexos, ou ainda, como consequências de uma desvantagem socioeconômica das mulheres em relação aos homens (MEYER, 2010).

Dessa forma, dentro dos Estudos de Gênero, na perspectiva pós-estruturalista, as pesquisadoras começam a descrever que é junto a construção social, aliado ao valor histórico, que as sociedades acabam por valorizar ou desvalorizar o ser homem e o ser mulher. Conforme apresentam as autoras Dinah Quesada Beck e Bianca Salazar Guizzo (2013, p. 7).

a proliferação de estudos e a polissemia de significados e sentidos múltiplos acerca do conceito de gênero dentro do feminismo em diversas localidades mundiais, foi possível assentar algumas considerações fundamentais: uma delas é a de que ao longo de nossas vidas, imersos/as nas diferentes instâncias nas quais estamos inseridos/as vamos nos constituindo como homens e mulheres, processo esse que nunca se encontra finalizado, esgotado.

As autoras também discorrem a respeito de outra assertivo presente nessas proliferações de pesquisas dentro desse campo dos Estudos de Gênero, que é a compreensão de que nascemos e vivemos em espaços, tempos e ocasiões específicos e diversificados, assumindo representações que definem múltiplas formas de se viver e experimentar as feminilidades e as masculinidades (BECK; GUIZZO, 2013).

Para Guacira Lopes Louro (1997) o entendimento de gênero, na perspectiva pós-estruturalista, está relacionado às diversas formas de viver as masculinidades e as feminilidades, assim como as diversas formas de compreender os significados atribuídos aos homens e as mulheres em cada cultura.

Já a filósofa Judith Butler (2003), em seu livro “Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade” questiona as concepções dos gêneros como construções sociais baseadas no sexo, assim, a autora discute em suas análises sexo e gênero como construções discursivas. E a partir dos seus conceitos podemos compreender que o gênero:

não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. (BUTLER, 2003, p. 242).

Diante disso, podemos entender que a construção do gênero somente pode ocorrer a partir de várias práticas e aprendizagens, em diversos momentos, sendo produzido por um conjunto de instâncias sociais e culturais, ocorrendo sempre através de um processo minucioso e em constante desenvolvimento. Deste modo, podemos entender que a expressão gênero de um indivíduo é algo discursiva e culturalmente produzida, que ultrapassa o dispositivo binário de gênero pelo fato de a pessoa se constituir independente do sexo genital que é atribuído a ela ou a ele ao nascer (MELLO, 2021).

Ainda de acordo com as teorizações de Butler (2003), ao entender que as falas, atos e gestos, a partir de normas impostas com o viés da heterossexualidade reprodutora, enquadra os sujeitos em modelos binários, coerentes e inteligíveis. A autora reconhece o gênero como Performativo, que por essa proposição “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser.” (BUTLER, 2003, p. 69).

Ao entender que os processos de identificação do gênero são entrelaçados com as noções de performatividade, de acordo ainda com Butler (2014, p. 7), “vamos assumir que a performatividade descreve os processos de representação como condições e possibilidades de performances, e que não podemos compreender esta operação sem nenhuma dessas dimensões.”.

Dessa maneira, inseridos nessa perspectiva pós-estruturalista dos Estudos de Gênero, reconhecemos as potencialidades dos significados/representações que possam ser atribuídos às masculinidades juvenis contemporâneas, em acordo com as teorizações de Butler em relação a performatividade de gênero. Desse modo, a partir desses entendimentos, buscamos apresentar e discutir nosso referencial teórico para o campo das masculinidades, e quais as perspectivas que serão utilizadas para a análise das representações de masculinidades nas culturas juvenis aqui estudadas.

3.3 Caught in a mosh (Pego em uma roda punk) – O campo de Estudos das Masculinidades e as outras possibilidades de ser homem

Durante as décadas dos anos 1970 e 1980, nos Estados Unidos e na Europa, surgiram estudos sobre os homens e as masculinidades, denominados de *mens studies*, a partir de pesquisadores/as ligados aos movimentos feministas da época. Esses pesquisadores/as em sua maioria eram homens que tencionavam suas

vivências e experiências em torno das masculinidades fazendo o uso de pesquisas que possuíam um caráter interdisciplinar, a partir de diferentes vertentes e abordagens teóricas (CECHETTO, 2004, BRITO, 2018).

No Brasil, os estudos acadêmicos sobre os homens e as masculinidades emergiram durante o final da década de 1980 e o início da década de 1990, com pesquisadores/as aliados aos aportes teóricos dos estudos feministas propuseram demandas para se pensar a importância a respeito do masculino em pesquisas contemporâneas sobre gênero (BRITO, 2018). Nesses estudos, a noção da existência de uma categoria que apresentasse a pluralidade de masculinidades estava nascendo entre as teorizações brasileiras, propondo contestar os modelos essencialistas de leitura sobre o gênero masculino, assim inserindo tencionamentos e problematizações também entre os homens (HEILBORN; CARRARA, 1998; CECHETTO, 2004; BRITO, 2018).

Tendo em vista que estamos inseridos no campo das masculinidades, a partir de um olhar pós-estruturalista, compreendemos que as masculinidades são produzidas através de formas plurais, que podem ser traduzidas como um conjunto de atributos e comportamentos que são associados aos homens, e que juntamente, fatores associados as construções sociais e culturas influenciam na constituição de diferentes masculinidades (CONNEL, 1995). De acordo com Guilherme Reyna Careaga (2006), o estudo das masculinidades constitui um campo que focaliza suas análises nas significações sociais produzidas sobre os homens, nas relações de poder e de dominação que eles exercem em relação às mulheres e também a outros homens, nos modos com que esse poder se agrega e dissemina-se nas estruturas e instituições sociais.

Entretanto, o termo masculinidade começou a ser usado no século XVIII, em decorrência de esforços científicos para diferenciação entre os sexos biológicos (OLIVEIRA, 2004). Tal uso dessa expressão, no entanto, não incorporava as discussões sobre a constituição dos gêneros, em seus aspectos sociais e políticos. Da mesma maneira, conforme os/as seguintes pesquisadores/as Gomes (2008, 2010); Connel e Messerschmidt, (2013), Separavich e Canesqui (2013), Connel (1995), argumentam em seus trabalhos, que a masculinidade não pode ser compreendida a partir de uma única perspectiva, pois os entendimentos relacionados a este conceito relacionam-se com diferentes dimensões sociais, econômicas, geracionais e culturais

contextualizadas historicamente, o que justifica a utilização do termo “masculinidades” na sua pluralidade.

No entanto, entre as diferentes noções teóricas originárias dos *men's studies*, a teoria da masculinidade hegemônica foi uma das mais difundidas entre as pesquisas de masculinidades (CONNEL, 1995, CONNEL, MESSERSCHIMIDT, 2013; BRITO, 2021). A partir das contribuições da pesquisadora australiana Raewyn Connel (2003), que nomeou a masculinidade hegemônica como uma dinâmica cultural no qual os homens exigiam e buscavam manter uma posição de liderança nas sociedades ocidentais, fazendo o uso de práticas de legitimação do patriarcado, submissão das mulheres, e atuando na hierarquização entre os próprios homens, assim constituindo representações de masculinidades tidas como subalternas (BRITO, 2018).

Ao compreendermos que nas sociedades circulam diferentes representações de masculinidades, há modelos de masculinidades que adquirem maior legitimidade social, caracterizando-se como hegemônicos e orientadores de valores, comportamentos e atitudes (CONNEL; MESSERCHMIDT, 2013). Essas (re)produções sobre as masculinidades, proporcionam uma gama de características que são atribuídas e cobradas aos homens, como não transparecer a emoção, ou “proibição” do uso de certas cores, serem impostos a praticar futebol desde novos, ou esportes que exijam força, o que acaba reforçando atributos de gênero na sociedade. A masculinidade torna-se um processo que necessita ser constantemente vigiado, reiterado e ligado a uma lógica de sexo-gênero-sexualidade.

Na última década, no Brasil, emergiu um debate sobre a chamada masculinidade tóxica, que está aliada aos modos normativos de “ser homem”, que de acordo com João Gabriel Portilho e colaboradores (2020, p. 1) “é uma enunciação contemporânea muito próxima aos sentidos da teorização da masculinidade hegemônica.”. Desde cedo, jovens e meninos, são subjetivados por essa hegemonia atuando em suas constituições, causando um desequilíbrio emocional em suas relações sociais (CASTRO, 2018; PORTILHO, 2020).

Dentro desta perspectiva, a partir das teorizações das masculinidades hegemônicas, tais estudos abriram caminhos para que demais pesquisadores/as do campo das masculinidades produzissem trabalhos em que investigam e relatam diferentes formas de masculinidades, como marginalizadas, alternativas, subalternas, plurais, dissidentes e queers (OLIVEIRA; BRITO; LOPES, 2023; BRITO, 2022; SEFFNER, 2003).

Tendo em vista que nessa pesquisa de mestrado buscamos fazer uma análise cultural das representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes tanto nos ciberespaços, como em videoclipes dos grupos musicais locais, e também nas narrativas dos jovens aqui entrevistados. Entendemos que há a possibilidade de se encontrar diferentes produções de ser homem nessas culturas juvenis, e que estas podem variar de acordo com os seus contextos sociais culturais. A partir dessa perspectiva, há uma pluralização de masculinidades que vêm sendo tencionadas por pesquisadores/as junto a temática das culturas juvenis.

Em relação as masculinidades apresentadas e tencionadas junto as culturas juvenis do Rock e seus subestilos musicais, encontramos na literatura pesquisas que veem discutindo algumas representações de masculinidades nessa culturas juvenil, assim temos os trabalhos de Cristiane Pawlowski (2013), que tenciona algumas representações de masculinidades hegemônicas junto aos homens desse estilo musical, no mesmo sentido, Leonardo Turchi Pacheco (2017), também faz essas mesmas discussões, entretanto, direcionadas para os sujeitos homens conhecidos popularmente como metaleiros. Outro trabalho encontrado relacionado aos metaleiros, é da pesquisadora Manuela Belen Calvo (2020), que discute as representações de masculinidades presentes nessa cultura juvenil associadas a temáticas de guerra, tanto dos povos ancestrais, como das duas grandes guerras que tivemos no século XX. Um dos exemplos de representações que a pesquisadora apresenta são os jovens do heavy metal que buscam discursos e processos simbólicos que sejam relacionados com culturas barbaras, como os guerreiros Vikings.

Já relacionados as masculinidades presentes na cultura juvenil do Rap, encontramos trabalhos de pesquisadores/as que tencionam em sua maioria as masculinidades negras representadas em músicas e videoclipes desse estilo musical, como o trabalho de Daniel dos Santos (2017), que investigou as representações do homem negro no subestilo Gangsta Rap, um dos subestilos do Rap, nas obras audiovisuais dos rappers Jay-Z e 50 Cent. A pesquisadora Eliane Cristina Brito de Oliveira (2017), também fez investigações junto ao subestilo musical do Gangsta Rap, com um olhar para as masculinidades negras e para as representações de feminilidade nesse estilo musical no Distrito Federal entre os anos de 1990 e 2015.

Por fim, as representações de masculinidades juvenis presentes no Kpop, estão presentes pesquisas que apresentam e discutem representações de

masculinidades juvenis que buscam um distanciamento das lógicas de essencialismo binário, como o trabalho de Alejandra Barrera Ugarte (2020), que discute tais representações, e acrescenta que além dessas, os jovens dessa cultura juvenil também buscam experimentações com elementos andrógenos sem serem julgados por outros jovens participantes dessa cultura. Buscando essa mesma linha de investigação junto ao Kpop, Justina Bechi Robaski (2019), discute em um dos seus eixos de dissertação “A juventude e as Masculinidades”, assim apresentando as possibilidades de masculinidades “suaves” atreladas a sentidos antes aproximados/considerados como “próprios do Feminino”, tais como vaidade, delicadeza, sensibilidade e atenção.

No campo das masculinidades, durante os últimos anos, vem surgindo discussões relacionadas as masculinidades que se aproximam dessa lógica de distanciamento de essencialismos binários. Leandro Teófilo de Brito (2021), vem analisando e discutindo as masculinidades a partir de uma perspectiva dissidente/*queer*, tendo como alicerce as discussões teóricas da filósofa Judith Butler (2015) e de Jacques Derrida (2004), para a interpretação de significações do masculino no contexto do esporte brasileiro. De acordo com este autor, a masculinidade *queer* se traduz como um “horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino” (BRITO, 2021, p.10).

Conforme ainda vem apresentando a perspectiva *queer* para as masculinidades, Brito (2018, p. 71), a descreve como:

Contestando o caráter essencialista das identidades sexuais e de gênero, a perspectiva *queer* busca problematizar a heterossexualidade como norma, como um modelo compulsório a ser seguido e incorporado pelos sujeitos, assim como busca questionar o binarismo masculino/feminino. Destacam-se, neste contexto, aquelas e aqueles que além de não se conformarem com um modelo heterocentrado para viver seus desejos, desestabilizam o sistema dicotômico e fixo da identidade e performance de gênero, que se restringe ao masculino/feminino.

O termo *Queer*, é originário dos Estados Unidos, possuía um sentido pejorativo, como forma de xingamento, para se referir a homossexuais, tendo um sentido de estranho ou ridículo. Entretanto, o termo foi assumido pelo movimento homossexual e lésbico como forma de contestar e se opor aos preconceitos, assim ressignificando

não somente a expressão linguística, como também afetou importante parcela do movimento propriamente dito (LOURO, 2008; BRITO 2021).

As teorizações queers que buscam relações com o campo das masculinidades, nos permitem fazer aproximações com as representações de masculinidades dissidentes que também vêm sendo discutidas no campo dos Estudos de Gênero. As sexualidades dissidentes se caracterizam a partir de formas de ser e estar no mundo com base em modos que desviam de normas (cis) heteronormativas (RUANI; COUTO JUNIOR; BRITO, 2021). Sendo assim, as masculinidades que representam/performam as formas dissidentes, buscam esse distanciamento do referencial idealizado para lógica binária das sociedades. Conforme Ruan Ruani e colaboradores (2021, p. 2), “apresentar uma masculinidade, nesta perspectiva, é muito mais do que dizer-se homem; é também trazer para o discurso aspectos constituintes das masculinidades que fogem aos padrões (cis)heteronormativo.”.

Ao findar as discussões teóricas que contribuíram para a construção de nossos aportes a respeito do campo das masculinidades, assim como, a apresentação de algumas formas de representações de masculinidades que vêm sendo apresentadas/tencionadas em pesquisas acadêmicas. No próximo capítulo do texto, introduzimos o campo das Culturas Juvenis, através de um referencial teórico que vêm discutindo a importância dessas culturas para a constituição da juventude enquanto uma categoria social. Além disso, trazemos um breve histórico a respeito das culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais do Rock, Rap e Kpop, em que já iremos apresentar algumas aproximações com as representações de masculinidades juvenis contemporâneas.

3.4 We Will Rock You (Nós vamos sacudir você) – A constituição dos/as Jovens como Categoria social e as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop

Na contemporaneidade, a juventude não se restringe mais à uma palavra, a um estado de espírito e/ou uma temporalidade circunscrita pela materialidade biológica (FELIX; VARGAS, 2019). Alguns/algumas autores/as como Carles Feixa (2004) Luis Antonio Groppo (2016) Jeane Felix e Juliana Vargas (2019) vêm apontando alguns fatores que associados operam na expansão da compreensão do entendimento de juventude no contexto das sociedades ocidentais, apresentam o ser/estar jovem como uma forma de representar e/ou vivenciar uma condição juvenil, constituída por marcas

históricas em diferentes tempos e espaços, com vivências que se diferenciam entre distintos grupos sociais.

De modo semelhante a outros autores, Luis Antonio Groppo (2016) classifica a juventude como uma categoria social. Para o autor, isto não significa limites fixados pela idade biológica. “Na verdade, a definição de “faixas etárias” é ela mesma uma construção social das sociedades modernas, sociedades que buscam por meio das ciências, do Direito e do Estado definir um critério universal de categorização das idades da vida.” (2016, p. 43).

Esta proposta de pesquisa não possui, na sua perspectiva, uma visão sobre juventude relacionada de maneira direta com a idade cronológica dos sujeitos. Entretanto, os discursos legais que categorizam e delimitam o que seriam os/as jovens no Brasil, vem produzindo esse conceito de juventude como os seguintes documentos: Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), que considera adolescentes aqueles e aquelas que têm entre 12 anos completos e 18 anos completos. O Estatuto da Juventude (2013) que considera jovens os/as sujeitos que tenham entre 15 anos e 29 anos completos. No mundo, as Nações Unidas através de suas declarações (1981), considera os sujeitos entre 14 e 25 anos como jovens e descrevem, também, a adolescência como uma etapa localizada entre os 14 e 18 anos.

Entretanto, ao tentar buscar na nossa história onde e quando as sociedades começaram a entender que há um período de transição entre a infância e a vida adulta, a autora Helena Altmann (2007) aponta que foi a partir do século XVII que as sociedades ocidentais iniciam um processo de prolongamento de um período transitório entre a infância e a vida adulta, dando origem a fase chamada de adolescência. Mas conforme a autora ainda sugere, é somente no século XIX que essa “fase da vida” consolida-se e triunfa em nossa sociedade (ALTMANN, 2007).

Claudia Pereira e demais autores (2009) afirmam que em épocas anteriores ao início do século XIX, o período da vida humana entre o final da infância e a idade adulta tão pouco chegava a ser denominado como uma determinada etapa da vida. Não era considerado a época um período/idade de transição, a adolescência simplesmente não existia (PEREIRA; ROCHA; PEREIRA, 2009).

O autor Carles Feixa (2004) pontua em seu texto que a produção dos discursos em torno do que se compreende pela juventude contemporânea surge no início do século XX. Para o autor, a obra *Adolescence: It's Psychology and its relations to*

Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education de autoria Granville Stanley Hall, publicada em 1904, torna-se um marco para compreender a faixa etária que hoje denominamos como juventude contemporânea. O texto de Granville Stanley Hall (1904), caracteriza que a adolescência ocorre entre 13 e 25 anos, e que durante este período os jovens são caracterizados por não necessitarem agir como os adultos. Conforme Feixa (2004) a obra de Hall contribuiu para “difundir uma imagem positiva da adolescência como paradigma do progresso da civilização industrial, celebrando a criação de um período de vida livre de responsabilidades e um modelo de juventude caracterizado pelo conformismo social.” (p. 298).

É importante referir que a partir da década de 1950, houve uma revolução nos costumes e nos modos de ser, podemos verificar que os/as jovens se beneficiam do melhoramento econômico dos países no período pós-guerras no ocidente, e as sociedades de uma forma geral se tornam sociedades consumistas devido às influências oriundas dos meios de comunicação (FEIXA, 2004).

A pesquisadora Elisabete Garbin (2001) por sua vez, contribui com seu estudo destacando que há diferenças nas gerações de jovens, pois para a pesquisadora, os jovens dos anos 2000 não são os jovens dos anos 1970, nem os dos anos 1980, e assim por diante. Pois, ao longo desses últimos 70 anos, algumas gerações estiveram marcadas por grandes guerras, outras por ditaduras ou, ainda, por outros acontecimentos, que por consequência acabam por deixar marcas. Em seus textos, Garbin ainda afirma que “ser/estar/parecer/ jovens numa leitura atual, é dizer que se é dono de uma identidade juvenil - é assumir uma prática cultural.” (2001, p. 80).

Durante o início desse século XXI, podemos acompanhar que as diversas pesquisas foram emergindo a respeito das juventudes, tais como Feixa (1999; 2003), Dayrell (2002; 2005) e Hall (2003) sobre práticas culturais juvenis contemporâneas buscando trazer importantes pautas para o debate, apresentando diferentes cenários em que se produzem determinados modos de “ser e estar” jovem. Daniela Azevedo e demais colaboradoras (2012), apontam que os “sujeitos que muitas vezes nos inquietam por nos parecerem estranhos, alienígenas, fora de ordem da paisagem moderna que nos constitui como sujeitos a partir de um conjunto de instituições e procedimentos.” (p. 5). As autoras também contribuem discorrendo que “estes/as jovens que adentram na cena contemporânea têm se caracterizado por suas diferentes culturas, que se constituem em muitos lugares ao mesmo tempo” (AZEVEDO; GARBIN; DALMORO, 2012, p. 5). São jovens que convivem desde a

infância com o surgimento e desenvolvimento de novas tecnologias, fazendo com que estes fiquem cada vez mais conectados. O que tem proporcionado modificações as noções de tempo e espaço, permitindo novas formas de relações/interações.

De acordo com Carles Feixa (1999), “as culturas juvenis referem-se à forma como as experiências sociais dos jovens se expressam coletivamente por meio da construção de estilos de vida distintos”. Que ocorrem em sua maioria “no tempo livre, em espaços intersticiais da vida institucional.” (FEIXA, 1999). Outro autor do campo das culturas juvenis, Juarez Dayrell (2002) menciona que o mundo da cultura surge como um espaço privilegiado de práticas que permitem aos/às jovens demarcarem uma identidade juvenil, que possibilita aos/às mesmos/as entenderem que conquistaram uma liberdade para além daquelas que são muitas vezes impostas, tanto pelos pais ou como pelas demais instituições.

Neste contexto, a música acaba sendo uma das atividades que permite às juventudes essa sensação de liberdade, visto que acaba os/as envolvendo/a e os/as mobilizando/a, possibilitando aos/às mesmos/as que deixem de ser simples fruidores/as e passem também a ser produtores/as. Proporcionando, por exemplo a formação de grupos musicais das mais diversas tendências, compondo, apresentando-se em festas e eventos, criando formas de mobilizar recursos culturais da sociedade atual para além da lógica de mercado.

Para além destes fatores, conforme já dito neste texto, verificamos que na nossa sociedade contemporânea a música se constitui em um produto da indústria cultural, sendo comercializada através de diversos meios: rádio, TV, discos, shows e internet. Além disso, os produtos oriundos da música, através de suas letras e mensagens, somados aos/as artistas, acabam por agregar em torno de si vários outros produtos, tais como: roupas, calçados, alimentos, bebidas etc.

Estes elementos possibilitam aos/às jovens descobrirem símbolos materiais e/ou culturas de identidade. E a partir desse surgimento das culturas de identidade dentro das culturas juvenis, podemos verificar que nas regiões que tem origem anglo-saxônica houve uma inversão a partir do surgimento dos estilos musicais do blues e do rock, que são estilos originários a partir das classes mais baixas, dentro da música. O blues, quando criado, era música de lamento de escravos e prisioneiros, música marginal, malvista pela sociedade à época. O rock, musicalmente, surge do blues e da música negra americana. Falando especialmente do Rock, os/as jovens das classes médias e altas passaram a aceitar os produtos provenientes deste estilo

musical, para além da música, eles/as passaram a consumir as roupas e a linguagem das classes mais baixas (HOBSBAWN, 1995).

Feixa (1999) aponta que a diferença do Rock para outras culturas musicais anteriores, como por exemplo, o jazz. O que distingue o Rock de outros estilos musicais é a sua estreita integração no imaginário da cultura jovem, pois os ídolos musicais eram/são homens jovens como os jovens consumidores, ou seja, eram da mesma idade e de mesma origem social, apresentando semelhanças e interesses.

Foi a partir do movimento ocasionado pela grande expansão do estilo musical do rock que “a massa jovem adquiriu um protagonismo inédito, antes apagado diante das crises e conflitos da Segunda Guerra Mundial.” (BOMFIM; PERCINIO, 2015, p. 86). Nos anos 1960, o rock se tornou uma manifestação musical de grande apelo em que se misturavam afetos, convicções, rebeldia, devaneios, urgências e seus efeitos sobre o corpo (HOBSBAWM, 1995).

Partindo do entendimento que o Rock provocou uma cisão nos valores impostos nessa época, que eram predominantemente conservadores, este estilo também “encorajou a separação da juventude do controle familiar.” (FRIEDLANDER, 2017, p. 45). Paralelamente a isso, também se inseriu neste contexto a realidade mercadológica, pois com a intenção de atingir essa juventude através da formação de uma nova indústria cultural, em que o rock foi um ingrediente importante nesse meio, como um novo nicho de mercado.

Segundo Friedlander (2017), há um cabo de guerra entre o que ele chama de as duas diferentes formas de existência do rock: de um lado uma função estético-cultural enquanto práxis culturais dos/das jovens, de outra, uma forma econômica enquanto mercadoria de produção de distribuição em massa.

Dentro desta identidade cultural proporcionada por este estilo musical, diversos rockeiros e rockeiras levam muito a sério suas práticas culturais, dando bastante valor às suas formas particulares de se vestirem e cortes/penteados de cabelo, assim como consumir os produtos de grandes bandas e ídolos deste estilo, como também marcar presença em shows de bandas e artistas locais, incentivando uma cultura local (MARTINEZ; RAMIREZ, 2013).

Nesse processo de construção de identidade “rockeira”, tanto o visual (roupas, tatuagens, maquiagens, piercings etc.) como os diferentes estilos musicais existentes dentro do rock, como o heavy metal, hard rock, punk, gótico, entre outros, constituem-se como símbolos chave para a diferenciação entre os/as jovens. Pois aliados estes

fatores, de vestimenta e diferentes estilos visuais, todos são classificados como rockeiros. Entretanto, não significa que um jovem punk e um jovem gótico se vistam de mesma maneira ou pensem de mesma maneira, utilizam os acessórios e produtos que são carregados de significados do rock de maneira diferente (MARTINEZ; RAMIREZ, 2013). Para exemplificar essas representações visuais do homem roqueiro, trazemos a seguir alguns grupos musicais⁶, consagrados como ídolos do rock internacional e nacional (Figura 4).

Figura 4. Artistas influenciadores do Rock Internacional e Nacional.



Fonte: Montagem pessoal de imagens disponibilizadas no Google Imagens.

O visual e o look (corte de cabelo, roupas, tatuagens) podem representar autonomia e liberdade no que diz respeito aos padrões de vestimenta dos adultos, pois demonstra alguma independência em relação aos adultos, pais e sociedade, permitindo a esses jovens projetarem a sua imagem e ao mesmo tempo construírem identidades e diferenças (CRESPO, 2005).

⁶ Apresentamos uma montagem com alguns ídolos do rock nacional e internacional como a esquerda superior a banda Guns and Roses (EUA) e a esquerda inferior Marilyn Manson (EUA), a direita superior a banda Fresno (BRA) e a direita inferior a banda Sepultura (BRA).

Conforme González (2008)

Roupas pretas, por exemplo, representam o duelo perpétuo diante da sociedade consumida, os cabelos longos simbolizam bandeiras que tremulam no contínuo balançar das cabeças diante dos acordes das guitarras, mas em um contexto cotidiano, o uso da cor preta, cabelos longos e ouvir rock em um volume muito alto, são expressões de protesto e descontentamento com a sociedade. (GONZÁLEZ, 2008, p. 29, tradução nossa).

A partir desta identificação com o estilo musical do rock, que o jovem roqueiro identifica/percebe através de seus ídolos e demais amigos características que estão ligadas à sua masculinidade, seja em um show, bar ou locais de recreação junto aos/às seus/suas amigos/as onde esse estilo musical é ouvido, tendo em vista que por vezes este ambiente é criado por e para os homens. Assim, conforme Mirian Valenzuela Martinez e Maria de Los Angeles Patiño Ramirez (2013, p. 37) “se a masculinidade é uma construção social, então ser roqueiro também é.”. Deste modo, podemos compreender que um jovem se aproxima da cultura proporcionada pelo estilo musical do rock por ideologia, gosto e interesses pessoais, e estes fatores acabam colaborando na construção de sua masculinidade.

Assim, desde seus primórdios, o rock vem atravessando as fronteiras, chegando nos diferentes continentes, e se disseminando e proporcionando o surgimento de diferentes variações de estilos musicais a partir do Rock. A partir da fácil globalização proporcionada pelas tecnologias midiáticas, o rock tornou-se um movimento que transcende todas as fronteiras, gerando inúmeros valores, tradições e práticas, configurando uma matriz de identidades socioculturais singulares (GONZALEZ, 2008). Diante disto, conforme o rock foi se desenvolvendo ao longo dos anos, foram surgindo novos “subestilos” musicais. Dessa forma, emergiram o Heavy Metal, Classic Rock, Hard Rock, Glam Rock, Rock Progressivo, Surf music, Pop Rock, Punk Rock, Hardcore, Emo Rock, todos mundialmente consolidados. Entretanto, no Brasil, houve o surgimento de estilos de Rock and Roll “Abrasileirados”, como o movimento Rock Brasil, Tropicália e Samba Rock, entre outros (GROPPO, 2016).

De acordo com Jeder Janotti Junior (2003), o rock se diversificou tanto que suas fronteiras, entre os diversos subestilos musicais, ficaram difíceis de serem delineadas, inclusive com os demais estilos musicais. A partir dessa compreensão de diversidade de representações culturais dentro de um mesmo estilo musical, trabalhos acadêmicos têm tencionado algumas formas de representações de masculinidades

que estão presentes desde a construção cultural do Rock até a atualidade (CALVO, 2020; FEIXA, 1999; MONTEIRO, 2021; PACHECO, 2017; PAWLOSKI, 2013). Conforme a pesquisadora Cristiane Pawloski (2013), por mais que “as características do movimento rock carreguem ideias de liberdade, de igualdade, de contestação e ruptura com o sistema político e cultural dominante, o rock delinea-se como um universo artístico e musical predominantemente masculino.” (p. 60),

Diante destas afirmações de Pawloski (2013) a respeito da cultura juvenil do Rock ser delimitada pelo envolvimento e protagonismo dos homens, outros movimentos culturais relacionados a música também possuem essa característica. Neste sentido, o movimento cultural do Hip Hop, movimento ao qual o estilo musical do Rap é um dos seus pilares, também é um movimento que teve desde a sua origem e desenvolvimento a participação massiva dos homens em relação as mulheres (DAYRELL, 2002).

Como mencionamos anteriormente, o rap é um estilo musical considerado um dos pilares da cultura hip-hop. O hip-hop é uma cultura artística que é formada por três elementos culturais: música (rap), somado a discotecagem (DJ), dança (break) e o grafite (DAYRELL, 2002). Teve surgimento nas periferias de Nova Iorque e Chicago, ambas cidades dos Estados Unidos, nos meados dos anos 1970. O nome rap é oriundo da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), e que proporciona a criação de um som próprio, pesado e arrastado, reduzido ao mínimo no qual são utilizados apenas bateria, *scratch* e voz. Dayrell (2002), sugere em seu texto que “desde então, o rap aparece como um gênero musical que articula a tradição ancestral africana com a moderna tecnologia, produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão a partir do seu enraizamento nos guetos negros urbanos.” (p. 126).

Diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos, em que o break era utilizado para uma disputa entre as gangues, no Brasil, o break que foi o primeiro elemento do hip-hop a chegar, os primeiros dançarinos não tinham o foco na disputa, mas na diversão e construção da autoestima. Apesar disso, foi o rap o elemento do hip-hop que ganhou propagação nacional durante os anos 1990, tanto pelo conteúdo das letras, quanto pelos modismos, sendo o grupo Racionais MCs a ganhar repercussão nacional (SANTOS; CABRERA, 2021).

As culturas juvenis estão para além do grande mercado ou centros urbanos. De acordo com Dayrell (2002) nas periferias urbanas podemos constatar uma efervescência cultural protagonizada por parcelas dos setores juvenis. Nesta mesma

perspectiva a respeito das periferias urbanas, Antonio Flávio Moreira e Paulo Melgaço Junior (2010) salientam que estudar as periferias nos possibilitam analisar as práticas sociais pelos/as moradores/as que habitam tais zonas urbanas, e também nos permitem um olhar para a compreensão dos discursos circulantes em seus espaços. Conforme ainda destacam os autores Moreira e Melgaço Junior (2010, p. 23) “trabalhar com a periferia permite conhecer e cruzar fronteiras, bem como lidar com vozes que sempre estiveram à margem.”.

Diferentemente da imagem socialmente criada a respeito dos pobres, que é quase sempre associada a violência e à marginalidade, eles também se posicionam como produtores culturais (DAYRELL, 2002). Neste sentido, a música é o produto cultural mais consumido entre os/as jovens de periferias, que inseridos no universo proporcionado pela música, criam seus próprios grupos musicais de estilos diversos, tendo um destaque para os estilos do rap e o funk.

Os/as produtores/as e compositores/as de rap buscam utilizar a música para orientar os/as jovens, principalmente, a pensar de maneira crítica e reflexiva, por vezes, deixam em segundo plano determinadas emoções humanas (SANTOS, 2013). Deste modo, os rappers buscam através de suas composições sensações para que os/as jovens organizem propostas ou projetos de vida.

Dayrell (2002), discorre que o rap possui um papel significativo na vida dos/as jovens, pois através do exercício da criatividade, que é imposta pela característica deste estilo musical, proporciona aos/às jovens que se introduzem na cena pública para além da figura de um sujeito espectador passivo. Desta forma, os/as jovens acabam por se tornarem como criadores/as ativos/as, contra todos os limites de um contexto social que lhes nega a condição de criadores (DAYRELL, 2002).

Assim como os demais estilos musicais, o rap possui suas diferentes vertentes musicais. Conforme podemos acompanhar nos sites canalraprj.com.br e redbull.com, assim como diversas pesquisas acadêmicas envolvendo este estilo, o rap é formado por uma série de diferentes vertentes musicais, neste texto, focamos nas vertentes mais populares: Boom-pap, Gangsta-RAP, Rap Consciente e o TRAP.

Conforme Michel Antônio Brasil Teixeira (2018) relata em sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais, “o termo “boom bap” se refere a um estilo de produção de beats proveniente da costa leste dos Estados Unidos” (p. 136). Os beats no universo do Rap representam as batidas que proporcionam ritmo e velocidade às palavras e por

consequência as músicas. Desta maneira, conforme as reportagens apresentadas pelos sites Red Bull e Canal RAP RJ, o boom-bap está presente no movimento hip-hop desde seus primórdios. Teixeira (2018) também salienta que “os beats no estilo boom bap se caracterizam pelo uso dos tambores bumbo e caixa bem evidentes e pelo uso constante de samples.” (p. 136).

O Rap Consciente é uma vertente do Rap que possui como uma de suas características as suas letras com reflexões de cunho político, luta e resistência às opressões sociais, dois dos artistas mais expoentes desta vertente no Brasil são o Rapper Emicida (Leandro Roque de Oliveira) e o Rapper Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira) (Figura 5). Conforme Volnei Righi (2011, p. 205) “O RAP consciente, defende o uso da palavra e do conhecimento como instrumento de luta, e a música-RAP como canal de valorização do negro, da sua comunidade, dos seus valores e da sua cultura”.

Figura 5. Rappers ícones do Rap consciente.



Fonte: Imagens retiradas do site www.simaigualdaderacial.com.br e www.nsctotal.com.br (Acesso em 16 out. 2021).

Diferentemente do Rap Consciente, o Rap Gangster, tem como uma principal característica um desejo por uma versão glamourizada da vida do crime, aliado a um discurso marcado pela misoginia. As letras possuem forte referência à resistência social, mesmo que através da violência (OLIVEIRA, 2017). Nessa vertente do Rap, também encontramos grupos que apresentam letras que valorizam o consumo de roupas e acessórios de marcas famosas e caras, como também carros luxuosos e drogas. Estas características estão muito presentes no Gangsta-RAP Estadunidense,

onde este estilo teve sua origem. Dois dos artistas mais influentes deste segmento são os rappers Snoop Dogg (Calvin Cordozar Broadus, Jr.) e 50 cent (Curtis James Jackson III) (Figura 6).

Figura 6. Snoop Dogg e 50 cent, rappers protagonistas do gangsta-rap.



Fonte: <https://co.pinterest.com/> (Acesso em 16 out 2021).

No Brasil, segundo Loureiro (2015) o grupo Racionais MC's é o que mais influenciou na constituição de uma tradição do Rap Nacional, cujo traço marcante é o grito-denúncia do conjunto de espoliações que negros/as e pobres sofrem cotidianamente nas cidades. Os Racionais MC 's se tornaram na visão de muitos, a voz dos periféricos do Brasil, as suas músicas alcançaram todas as regiões do país e, numa forma estética apurada, criticaram a violência que permeia a sociedade brasileira (LOUREIRO, 2015). No início dos anos 1990, o grupo lança o álbum Raio X do Brasil, as músicas desse álbum como “Fim de Semana no Parque” e um “Homem na Estrada” se tornaram verdadeiros hinos nas comunidades, e tais músicas foram reconhecidas como o RAP Gangsta brasileiro, conforme Eliane Cristina Brito de Oliveira (2017), os Racionais recebem esse rótulo “por deflagrar a intransigência da polícia nas favelas e morros, o racismo, a falta de políticas públicas, educação, saúde, transporte, condições de moradia, as ausências estatais.” (p. 68). Essas produções do grupo são consideradas crônicas e falam a respeito de realidades vivenciadas por “toda comunidade pobre da Zona Sul”, que se igualava às realidades das periferias do Brasil (OLIVEIRA, 2017).

Nos últimos anos, o Trap tem se tornado uma das vertentes mais populares entre os/as jovens, e tem sua origem nos estados do sul dos Estados Unidos. Seu nome faz referência às trap houses, que são construções abandonadas nas cidades que os traficantes se encontram para processar e vender drogas, nestes lugares também organizam festas. Segundo Teixeira (2018) “A sonoridade do trap evoluiu ao longo da década de 1990, a partir das produções do grupo Three Six Mafia e de produtores da região. Porém, o estilo começou a alcançar maior visibilidade no final dos anos 2000, a partir de trabalhos como os dos rappers T.I. Gucci Mane e Waka Flocka Flame.” (p. 142).

Entre as diferentes vertentes do Rap, conforme Sandra Mara Santos (2015) dentro do Rap “as masculinidades são compreendidas como uma representação social cujas marcas como, por exemplo, virilidade, força, agressividade e outros semelhantes, são usadas para confrontar a estrutura social agressiva e as pessoas que detêm o poder em nossa sociedade” (p. 12). Neste sentido, podemos perceber que dentro desta cultura juvenil que é presente massivamente nas periferias urbanas, as juventudes necessitam utilizar de marcas agressivas e de força. A autora ainda salienta que para cantar o rap a mulher ou o homem têm que adotar alguns desses significados (SANTOS, 2015).

Diferentemente dessas características de contestação social que o rap possui, entre as mais recentes culturas juvenis brasileiras, o Kpop é uma das que mais vem ganhando força, e que apresenta representações de jovens diferentes dos/as jovens do Rock e do Rap. Nesse sentido, entre as culturas juvenis brasileiras atuais, diversas são originárias do leste asiático, principalmente a partir da década dos anos 1990, como os desenhos animados, conhecidos como animes, as histórias em quadrinhos conhecidas como mangás, além dos videogames e jogos eletrônicos, vindos principalmente do Japão. Entretanto, na última década no Brasil, começa a se popularizar entre os jovens brasileiros um estilo musical originado da junção entre Korea (nesse caso, Coreia do Sul) e pop.

O k-pop é um estilo musical moderno, que por mais represente o pop-Sulcoreano, suas raízes têm influências da música pop dos Estados Unidos, repleto de misturas de ritmos como o rock, dance e eletrônico, além de apresentar uma estética de videocliques e moda próprios (BARBOSA; CHACEL, 2020). Um marco para este estilo musical coreano ocorreu durante o ano de 2012, a música do rapper Psy (Figura 7), *Gangnam Style*, foi o primeiro videoclipe de um artista da Coreia do Sul a

conquistar mais de dois bilhões de acessos no Youtube. De acordo com Souza (2015), o kpop começa a se tornar conhecido e ganhar traços do seu imenso alcance, especialmente entre os jovens.

Figura 7. Psy, o primeiro sul-coreano a conquistar 2 bi de acessos no Youtube.



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/> (Acesso em 15 out. 2021)

Anteriormente à pandemia de Covid-19, o kpop representava uma movimentação econômica superior a dois bilhões de dólares ao ano, refletindo inclusive no cenário econômico internacional, como por exemplo no Brasil, através de shows e vendas de produtos (BARBOSA, 2020). O k-pop vem se destacando nos últimos anos por suas bandas formadas por jovens em sua maioria, garotos e não tocam apenas músicas, elas lançam um estilo de vida, como eles/as mesmos/as costumam dizer.

Posteriormente ao surgimento de Psy, falando mais precisamente dos últimos 5 anos, o grupo BTS (Figura 8) se tornou um fenômeno mundial conforme descreve Aline Gomes Santana e Maria Sallet Tauk Santos (SANTANA; SANTOS, 2019, p. 4) “Um fenômeno mundial em ascensão”. Conforme reportagem no site da revista Quem (2021), o nome do grupo significa em coreano *Bangtan Sonyeondan*, que pode ser traduzido para português como "escoteiros à prova de balas". Segundo Santana e Santos (2019) destacam que o grupo de K-pop sul-coreano tem se destacado e conquistado o cenário mundial com suas produções. Ultrapassando fronteiras, e conquistando fãs em diferentes partes do mundo o BTS e alcançou o sucesso

estrondoso em pouco mais de seis anos. Assim podemos dizer que é definido o grupo BTS por pelos seus fãs e por grande parte da mídia internacional e nacional.

Figura 8. Imagem do grupo musical sul-coreano BTS.



Fonte: www.ofuxico.com.br (Acesso em 20 out. 2021)

A popularização das tecnologias digitais, proporcionou reconfigurações nos limites geográficos e temporais, através da internet, qualquer um, desde que tecnicamente habilitado consegue buscar, produzir e distribuir conteúdo dos mais variados tipos. Como sugere Laiza Ferreira Kertscher e Adriana de Barros Ferreira Cunha (2019, p. 2), “canções em outros idiomas sempre estiveram limitadas às suas fronteiras ou a nichos ligados à determinada cultura.”. Deste modo, a revolução proporcionada pela internet, como o surgimento de plataformas de vídeo, sendo principalmente o Youtube uma delas, deram força para a divulgação de diversos artistas e músicas ao redor do mundo. E posteriormente, as redes sociais permitiram que as pessoas ao redor do mundo a se conectarem dos mais variados lugares, proporcionando a aproximação dos artistas e marcas, com os fãs e consumidores. Neste contexto, o k-pop alcança outros países, para além da Coreia do Sul, ampliando nichos de consumo e número de fãs, também chamados de k-poppers.

O envolvimento dos Kpoppers com a cultura sul-coreana e com os seus ídolos, tanto por meio do consumo de um determinado produto, ou pelo consumo dos conteúdos produzidos pelos grupos musicais, a autora Jakelyne Barbosa (2020, p. 12) sugere que “ao analisar o consumo dos fãs jovens brasileiros, no que diz respeito à k-

pop, é partir do pressuposto que muito mais do que a compra de produto, mas sim um relacionamento afetivo com seus ídolos e com a cultura sul-coreana.”.

Para além deste tema, o K-pop através de suas boy-bands, proporciona ao mundo, uma variedade de personalidades e diferentes representações de masculinidades, que podem ser desde fofo, engraçado, despreocupado, quase infantil, até áspero, sensual e sugestivo, como aponta Alejandra Barrera Ugarte (2020) em sua tese. As boybands assumem uma ideia de masculino ligada à dança extremamente enérgica e às vezes sensual. Os grupos masculinos possuem uma proximidade com o hip-hop, o que torna praticamente obrigatória a inclusão de trechos de rap nas canções e o break como dança. Apesar disso, os rapazes não escapam da necessidade de se mostrarem bonitos, mesmo que sua imagem principal seja a de homem masculinizado, forte e viril.

Entre a cultura do Kpop podemos verificar que há uma classificação a respeito das diferentes formas de masculinidades, conforme OH (2015, p. 63) apresenta “enquanto ‘beast idols’ se refere a homens cujos corpos e personalidade são masculinas e fortes como uma fera, ‘flower boys’ se referem aos homens que tem uma face angelical e corpo magro e formato gracioso.”. Neste contexto, podemos encontrar grupos que são considerados/formados por flower boys como SHINee 92 e outros como beast idols, como o grupo 2PM (UGARTE, 2020).

Ugarte (2020) salienta que entre os jovens, o modelo de masculinidade presente no K-pop permite que os jovens experimentem elementos andrógenos sem serem julgados pelos outros jovens fãs; da mesma forma, procuram incorporar esses elementos ao seu cotidiano.

Como podemos verificar, o Kpop chega ao Brasil e se expande por quase todo o território nacional sendo um estilo musical, que traz junto de si uma cultura juvenil que acaba por quebrar barreiras dentro das masculinidades. Nesse sentido, a fim de alcançar nosso objetivo de produzir uma análise cultural das representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes no Rock, Rap e Kpop do município de Rio Grande/RS. No próximo capítulo do texto apresentamos os movimentos metodológicos que utilizamos para o desenvolvimento desta pesquisa de mestrado.

4. MOVIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir das contribuições dos campos teóricos dos Estudos Culturais, Estudos das Masculinidades, e Estudos das Culturas Juvenis, em suas vertentes pós-estruturalistas, buscamos apresentar neste capítulo os movimentos metodológicos de pesquisa que nos auxiliaram na produção desta dissertação. Neste sentido, os movimentos de pesquisa foram divididos em um primeiro, denominado de “movimento exploratório”, assim chamado por ter um objetivo de buscar conhecer o que já havia sido produzido sobre juventudes, masculinidades e música. Para a pesquisadora Jiani Adriana Bonin (2012, p. 5), “os movimentos exploratórios podem incluir uma gama de procedimentos, como o levantamento de dados já existentes relativos ao fenômeno investigado, disponíveis em bancos de dados, em pesquisas anteriores e em outros cenários.”.

Os demais movimentos de pesquisa são denominados de “movimentos operatórios”, que consistem na produção e análise dos dados e estão divididos em três movimentos: 1) **O ciberespaço como forma de aproximação junto aos jovens pertencentes as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop**: primeiro movimento de pesquisa que tem como objetivo identificar páginas e grupos nas redes sociais relacionadas as culturas juvenis e aos estilos musicais direcionadas aos usuários de Rio Grande/RS, a fim de fazer uma aproximação com possíveis jovens a serem entrevistados. 2) **A entrevista narrativa e os entrevistados**: segundo movimento de pesquisa que tem como objetivo apresentar e discutir a metodologia de entrevista narrativa utilizada para a produção de dados da pesquisa, e também apresentar os jovens entrevistados; 3) **A análise cultural para investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas**: o terceiro movimento de pesquisa consiste na análise cultural dos dados produzidos através das páginas e dos videoclipes investigados, e também das entrevistas narrativas, sobre as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nos três estilos musicais investigados.

Destacamos que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Furg inscrito com o número de CAAE 47671621.2.0000.5324.

4.1 – Movimento Exploratório

A partir da definição da temática escolhida para a produção desta pesquisa de mestrado, um dos primeiros passos ocorreu através do movimento exploratório de levantamento por teses e dissertações no site Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, que ocorreu durante o primeiro semestre de 2021, utilizando os descritores “masculinidades”, “juventudes” e “música”, que tivessem sido publicados durante os últimos trinta anos, em que para a inclusão destes trabalhos nesta pesquisa foi feita a leitura dos títulos, depois dos resumos e a seguir do trabalho na íntegra para conhecer e estabelecer conexões com a temática desta dissertação.

Ao todo, foram encontrados 102 trabalhos⁷ que foram separados em três categorias, sendo elas:

1) A primeira categoria é denominada **trabalhos relacionados à música e masculinidade**, em que encontramos 16 trabalhos nesta categoria, sendo 14 trabalhos de dissertação e dois de teses. E as principais discussões tecidas são relacionadas a como a cultura musical influencia na construção da masculinidade; as relações entre o Rap, o Hip Hop, o Rock and Roll, o Kpop, Pop e o Funk e a construção cultural da masculinidade a partir desses estilos musicais; quais representações de masculinidades estão sendo produzidas e reproduzidas nos diferentes estilos musicais; e a influência do rap na construção das masculinidades negras. Entretanto, a partir das discussões tecidas nos trabalhos selecionamos trabalhos que nos auxiliaram para as investigações neste estudo e fazem parte dessa categoria e buscamos fazer uma breve apresentação.

Destacamos a dissertação de Daniel dos Santos (2017), que tem como título “Como fabricar um Gangsta: masculinidades negras nos vídeos dos rappers Jay-Z e 50 cent”, a dissertação de Eliane Cristina Brito de Oliveira (2017) com o título “Do Gangsta às minas: o Rap do Distrito Federal e as Masculinidades Negras” e a dissertação de Vitor Moraes Gomes (2019) intitulada “O homem negro nos Racionais MCs: uma etnografia da masculinidade subalterna”.

2) A segunda categoria é denominada **trabalhos relacionados a música e culturas juvenis**, foram encontrados um total de 40 trabalhos, sendo 11 teses e 29

⁷ No Apêndice 1, apresentamos as tabelas com todos os trabalhos encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

dissertações, e as principais discussões apresentadas nessas obras são: as relações entre música e a constituição do sujeito jovem; como a música afeta os jovens emocionalmente; como a música pode influenciar a trajetória escolar de jovens; como é o consumo de música por jovens; relações entre rap, rock and roll e funk e a construção dos sujeitos jovens; e as conexões entre o rock and roll e a formação do mercado cultural juvenil.

Dessa forma, os trabalhos dessa categoria que contribuíram para as nossas análises foram a dissertação de Luiz Antonio Groppo (1996) intitulada “O rock e a formação do mercado cultural juvenil. A participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80”. A tese de Juarez Tarcísio Dayrell (2001) “A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte”. Para a cultura juvenil do Rap também utilizamos a dissertação de Joelma de Sales dos Santos (2016) “Rap, periferia e as questões de gênero: história e representações”. Em relação a cultura juvenil do Kpop, contamos com as contribuições da dissertação de Justina Bechi Robaski (2019) “Representações de juventudes sul-coreanas: uma análise cultural do K-drama hello, my twenties!”. E para a cultura juvenil do Rock, mais precisamente do subestilo musical do Heavy Metal, a dissertação de Adrielle Luchi Coutinho Bove (2017) “Juventude e Heavy Metal: usos do espaço, práticas de consumo e produção de significados na cidade de Juiz de Fora, MG”.

3) Por fim, a terceira categoria é denominada de **trabalhos relacionados a masculinidades**, em que encontramos 46 trabalhos, sendo 9 teses e 37 dissertações. Nesse sentido, as principais discussões presentes nesses trabalhos são relacionadas a como se dá a constituição da masculinidade a partir da música; masculinidade e formação docente; masculinidade e construção corporal; relações entre saúde e masculinidade; associações entre masculinidade, criminalidade e violência; construção da masculinidade e a sua relação com o desempenho na escola; e a relação entre masculinidade e juventudes.

Em relação a essa última categoria, alguns dos trabalhos visualizados no catálogo e que nos auxiliaram para as investigações foram: a dissertação de Kleber Lopes da Silva (2016) “Isso é coisa pra macho – a construção de masculinidades nos encontros de motociclistas em Goiânia”. A dissertação de Maira Mello Cabral e Matos (2011) “À deriva: juventude e masculinidades”. A tese de Oscar Ulloa Guerra (2015)

“Como ser homem nestes tempos? Pedagogias de gênero no Manual H”. A tese de Leandro Teófilo de Brito (2018) “Enunciações de masculinidades em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer”. E por fim, a dissertação de Wesley Carvalho Sasso (2018) “Masculinidades Plurais: um estudo sobre homens dissidentes de gênero e sexualidade no projeto chicos”.

Após a finalização dessa etapa de movimento exploratório através de um levantamento das pesquisas realizadas e que dialogam com a nossa temática de estudo, efetuamos o passo seguinte na pesquisa que foi de produzir os movimentos operatórios, que consistiam na aplicação da metodologia de operacionalização desta pesquisa.

4.2 Movimentos Operatórios de pesquisa

Nesta seção do texto iremos apresentar os movimentos operatórios efetuados para a produção e análise dos dados desta pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa está dividida em dois movimentos operatórios: primeiramente iremos apresentar e discutir a metodologia empregada para a produção dos dados no ciberespaço que foi utilizado também como forma de aproximação com os jovens pertencentes as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop. Este movimento junto a esses ciberespaços nos possibilitou efetuar um movimento de análise também das representações de masculinidades nesses ambientes virtuais, e que proporcionaram a produção do primeiro artigo, que tem através de uma investigação de dois videoclipes de grupos musicais que foram publicados nas páginas dos estilos musicais do Rock e do Rap. O segundo movimento operatório da pesquisa consistiu em produzir uma análise cultural das representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas narrativas de jovens pertencentes a estes estilos musicais aqui investigados. Assim, nas próximas seções de metodologia também iremos apresentar o método de entrevistas narrativas e os jovens participantes desta pesquisa.

4.2.1 - O ciberespaço como forma de aproximação com os jovens pertencentes as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop.

Um dos primeiros movimentos operatórios de pesquisa consistiu em buscar por jovens que se sentiam pertencentes as culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop. Dessa forma, buscamos fazer a aproximação com os jovens pertencentes a essas culturas

juvenis que fazem o uso de ciberespaços/redes sociais como forma de práticas de interação cultural. A autora Shirlei Rezende Salles (2012, p. 111), menciona que “a cibercultura produzida nos ciberespaços exerce um papel importante na constituição de modos de existência juvenis.”. Assim, tornando esses ambientes virtuais em espaços de aproximação dos/as jovens a partir de interesses em comum, no caso desta pesquisa, o interesse em comum são as culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais do Rock, Rap e Kpop.

O ciberespaço utilizado como forma de aproximação aos jovens foi a rede social Facebook, pois acreditamos que entre suas possibilidades de interação, esta rede possibilita aos/às usuários/as de criar ou consumir conteúdos relacionados com diversas áreas temáticas, sendo por meio de Páginas ou Grupos. Conforme o próprio Facebook explica a respeito das Páginas,

As páginas são locais no Facebook que artistas, figuras públicas, empresas, marcas, organizações e organizações sem fins lucrativos usam para se conectar com fãs ou clientes. Quando uma pessoa curte ou segue uma página no Facebook, ela começa a ver as atualizações dessa página no seu Feed de Notícias. (FACEBOOK, 2021).

A rede social também explica que “os grupos são espaços para as pessoas conversarem sobre interesses em comum. É possível criar grupos para qualquer coisa, como reuniões de família, equipes esportivas com os colegas de trabalho, e clubes de leitura.” (FACEBOOK, 2021). O Facebook também salienta que os/as administradores/as dos grupos podem “personalizar as configurações de privacidade dos grupos”. Neste sentido, os/as administradores/as têm o poder de controlar os/as usuários/as de seus grupos.

Deste modo, a partir deste entendimento a respeito dos grupos e páginas do Facebook, e ao entender também que estas ferramentas proporcionam redes de produção e de consumo de diversas culturas, como no caso deste estudo, que possibilita a interação de jovens por intermédio das diferentes culturas juvenis relacionadas a música. Foi efetuado um levantamento de Páginas e Grupos que têm como foco, apresentar e discutir os temas relacionados aos diferentes estilos musicais e suas culturas juvenis, mas que também tenham como foco, o público restrito a cidade de Rio Grande/RS.

A partir da escolha desse movimento de análise⁸, efetuamos um levantamento de publicações de imagens e vídeos, assim como interações entre os/as usuários/as, com um recorte temporal entre os anos de 2015 e 2022. Conforme Marcilene Forechi e demais colaboradoras (2018), as redes sociais proporcionaram nos últimos anos cada vez mais a interação de seus/suas usuários/as, ou seja, se tornaram cada vez mais presentes entre a sociedade através do compartilhamento de notícias, difusão de ideias e denúncias, assim como a mobilização e organização de diferentes culturas, tais como a do nosso foco de estudo, as culturas juvenis.

Sendo assim, a seguir apresentamos as páginas e grupos que encontramos relacionadas aos estilos musicais do Rock, Rap e Kpop, também iremos apresentar uma análise cultural em relação as representações de masculinidades juvenis que estão presentes em publicações e interações usuários/as. Em relação a análise cultural das páginas do Rap e do Rock, tais investigações resultaram em um trabalho no qual apresentamos no evento 9º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação - SBECE, que ocorreu entre os dias 23 a 26 de maio de 2022. Os vídeos compartilhados nas páginas do Rap e do Rock, também nos possibilitaram investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nesses artefatos midiáticos, que resultaram em nosso primeiro artigo científico que será apresentado na próxima seção do texto.

Dito isto, as páginas e grupos selecionadas foram:

Grupo relacionado ao Rock:

O grupo **Underground em Rio Grande/RS** (figura 9), que hoje em dia, ou seja, no ano de 2023, possui aproximadamente 700 membros, sendo que quando iniciamos a pesquisa no grupo, o mesmo possuía 726 membros. Este grupo é dedicado a fazer a interação de sujeitos que se sintam atraídos pela cultura local do Rock. Entre participantes da cultura juvenil do Rock e todas as suas variações de subestilos musicais, é comum encontrarmos a expressão “underground”, pois trata-se de um ambiente cultural que busca fugir dos padrões comerciais, e neste sentido, acaba fomentando um movimento cultural local, que está relacionado à produção musical, literária e artes plásticas.

⁸ Movimento este que surgiu a partir das contribuições da banca avaliadora do Projeto de Qualificação. Durante o mês de dezembro de 2021.

Figura 9. Grupo Underground em Rio Grande/RS.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/382628758528466>

Dessa forma, ao primeiramente caracterizar as publicações encontradas no grupo Underground Rio Grande, grupo direcionado ao estilo musical do Rock'n'Roll e todas as suas variações, quando acessamos o tópico de imagens no grupo, ao olharmos todas as imagens já publicadas, podemos verificar a presença massiva de imagens que retratam grupos musicais formados exclusivamente por homens, como a Figura 10, que apresenta uma montagem de imagens publicadas no grupo. Nessa montagem, podemos identificar que em Figura 10A há um convite para um festival local com bandas formadas exclusivamente por homens, que dialogam com os estilos do Heavy Metal e Hard Rock.

Figura 10. Em A, imagem de divulgação de um evento publicado no grupo Underground Rio Grande. Em B, foto de divulgação da banda Pragah, e em C, foto de divulgação da banda Necromat6rio, ambas publicadas no grupo.



Fonte: Montagem de imagens retiradas do grupo Underground Rio Grande.

<https://www.facebook.com/groups/382628758528466>

Nas figuras 10B, que apresenta a banda Pragah, e 10C, que apresenta a banda Necromat6rio, podemos ver imagens de divulga76o, e assim, verificar marcadores corporais (como o corte de cabelo, roupas pretas e tatuagens) que relacionam esses homens/jovens a cultura juvenil do Rock, mais precisamente do Heavy Metal. O visual para esses jovens, pode representar autonomia e liberdade no que diz respeito aos padr6es de vestimenta dos adultos (CRESPO, 2005).

Ainda a respeito das publica76es presentes nesse grupo, destacamos duas publica76es relacionadas com uma banda formada exclusivamente na atualidade por mulheres, a banda She Hoos Go (<https://www.facebook.com/SheHoosGo>). A primeira publica76o (Figura 11A) do ano de 2015 que um membro desse grupo Wayner Bri6o faz um convite para o show/evento da banda She Hoos Go. No cartaz de divulga76o do evento, podemos analisar que h6 o uso de uma fotografia/imagem com mulheres dos anos 1940/1950 em que est6o jogando cartas e fumando cigarros, charutos e cachimbos, e tem a presen7a de dois bal6es de di6logos, um primeiro com os dizeres

“VAI TER PUNK FEMINISTA NO SETE...” e o segundo com “... E SE RECLAMAR VAI TER MAIS!!!”

Na atualidade a She Hoos Go é uma banda formada somente por mulheres, entretanto, durante a publicação desse cartaz de divulgação, ou seja, durante o ano de 2015, o homem que faz a publicação era guitarrista desse grupo musical, que há época possuía cinco membros, sendo quatro mulheres e um homem. O que nos chama atenção nessa publicação relacionada a esta banda de rock é que, entre as diversas publicações de imagens e vídeos existentes neste grupo, que são massivamente publicadas por homens e sobre grupos musicais formados exclusivamente por homens, há a presença dessa banda marcando e enfatizando a presença das mulheres também no circuito local dessa cultura juvenil. Conforme destaca ainda a pesquisadora Cristiane Pawlowski (2013), que pesquisou as mulheres no rock, salienta que este estilo se consolidou como sendo um estilo musical em que os “homens eram as estrelas e as mulheres as tietes.” (p. 60). Assim, as mulheres que desejavam participar, ser as “estrelas”, nesse contexto, sua participação nesse movimento era uma atitude duplamente transgressora, pois precisavam enfrentar o poder de ideias machistas impregnadas neste estilo musical (PAWLOWSKI, 2013).

Figura 11. Em A, divulgação de um show de rock de uma banda formada apenas por mulheres. Em B, uma publicação de uma participante do grupo, buscando fazer uma provocação em relação a participação das mulheres nos eventos locais.



Fonte: Imagens retiradas do grupo Underground Rio Grande.

<https://www.facebook.com/groups/382628758528466>

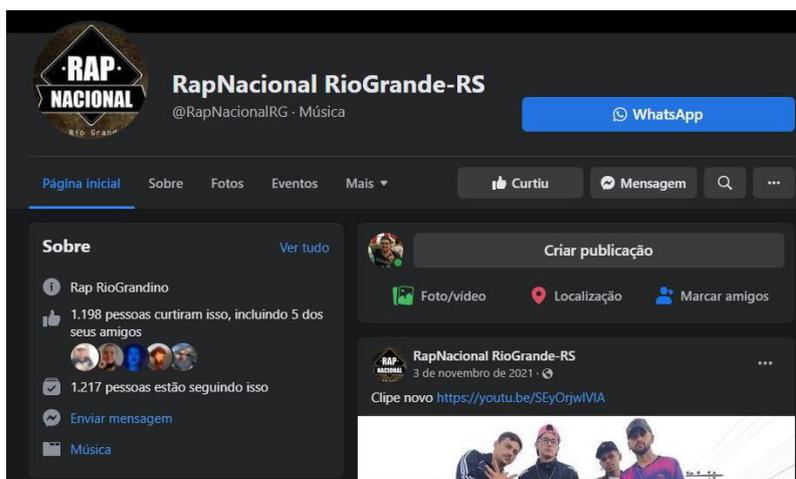
Esta constatação apresentada pela pesquisadora, pode ser exemplificada através de uma publicação feita neste grupo do Facebook. Assim, destacamos a publicação feita por Lídia Campos, durante o ano de 2019 (Figura 11B). Um fato curioso a respeito dessa participante é que a mesma já foi integrante vocalista da banda She Hoos Go. Lídia Campos compartilha no grupo uma publicação de uma página denominada El Dezechux Ruido na qual apresenta uma imagem de uma banda musical de rock formada apenas por mulheres e pede “Menos Groupies, Más ‘Girls Bands’”, que em tradução livre para o português significa Menos Groupies⁵, e Mais Bandas Femininas. E na imagem, a vocalista apresenta um balão de diálogo com a frase “*No quiero al chico del escenario, quiero el escenario!*” que em tradução significa “Não quero o garoto/rapaz do palco, quero o palco!”, demonstrando que as mulheres querem também fazer parte como atrações dos eventos de Rock.

Por muito tempo dentro do rock ouve a crença de que as mulheres só poderiam ser namoradas, groupies ou cantoras. Se a mulher tocar um instrumento? Só se for para conquistar algum homem. Conforme o estudo publicado por Tiago José Lemos Monteiro (2004) e o estudo de Julia Medici e colaboradores (2017), essa representação das mulheres dentro do universo do rock’n’roll ser reduzida a esses três “papeis” possíveis, é devido à forte influência deste estilo musical ser formado essencialmente em grande maioria pelos homens.

Página relacionada o Rap

A Página **RapNacional Rio Grande – RS** (figura 12) durante o início desta pesquisa possuía cerca de 1.2 mil seguidores/as, entretanto durante o segundo semestre do ano de 2022, ao fazer uma busca por mais informações nesta página constatamos que ela havia sido excluída ou renomeada alterando todas as suas publicações. Mas ressaltamos que durante o segundo semestre de 2021 e o primeiro semestre de 2022 conseguimos produzir algumas análises nesta página. Assim, a Página RapNacional Rio Grande – RS era uma página que apesar do nome fazer uma alusão ao Rap Nacional, era uma página dedicada a divulgar o Rap Rio-grandino, assim durante nossas investigações, encontramos nesta página uma série de publicações que divulgam eventos da cidade, tanto de atrações regionais como eventos de atrações nacionais que se apresentam cidade, assim como também a divulgação de videoclipes de grupos de rap formados por jovens de Rio Grande no seu Feed de Notícias.

Figura 12. Página RapNacional RioGrande - RS



Fonte: Captura da tela durante acesso a página RapNacional Rio Grande
<https://www.facebook.com/RapNacionalRG>

Podemos verificar através de um álbum de imagens (Figura 13) presentes nesta página, que tem como título “Músicos de Rio Grande”, diversos homens que se apresentam de forma oposta/subversiva a essa ideia de masculinidade hegemônica. E sim, representações de masculinidades alternativas, mas que se aproximam de masculinidades agressivas, que tentam demonstrar a virilidade e a força.

Figura 13. Imagens de Rappers da cidade de Rio Grande publicadas na página RapNacional Rio Grande.



Fonte: Captura da tela durante acesso a página RapNacional Rio Grande
<https://www.facebook.com/RapNacionalRG>

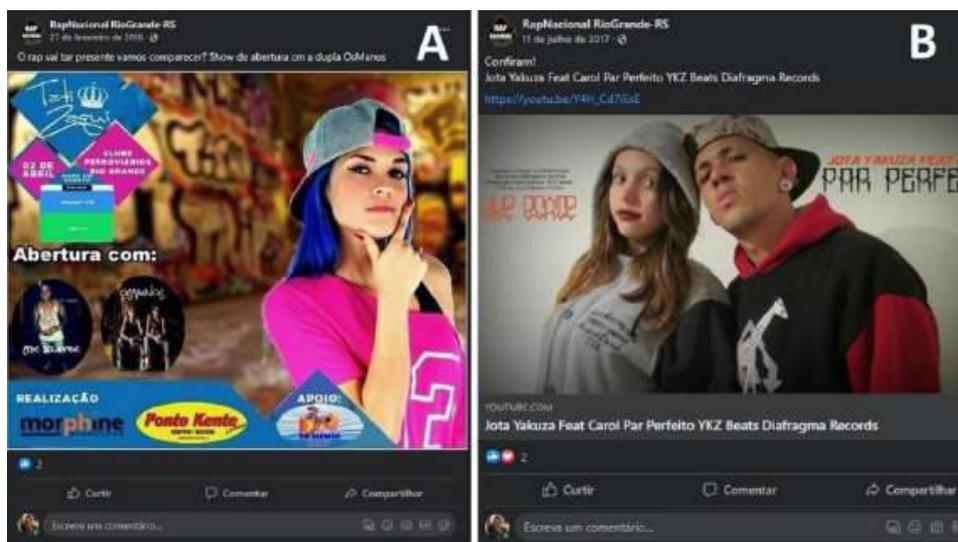
Conforme Sandra Mara Santos (2017), dentro do Rap, “as masculinidades são compreendidas como uma representação social cujas marcas como, por exemplo, virilidade, força, agressividade e outros semelhantes, são usadas para confrontar a estrutura social agressiva e as pessoas que detêm o poder em nossa sociedade” (p. 12). Neste sentido, podemos perceber através das imagens publicadas na página RapNacional Rio Grande que tais características estão presentes também nos eventos locais deste estilo musical. Assim, conforme a autora ainda salienta que para cantar rap o homem tem que adotar algum desses significados de masculinidades (SANTOS, 2017).

Outra discussão que gostaríamos de destacar, é a que dentro do recorte temporal, 2015 a 2022, de publicações analisadas encontramos apenas duas publicações que apresentam mulheres como cantoras de Rap nessa página. Uma publicação é a de divulgação de um show de uma artista de nível nacional, Tati Zaqui (Figura 14A), e a outra publicação de um compartilhamento de divulgação de um videoclipe do MC Jota Yakuza Feat Carol, no qual divulgam a música Par Perfeito (Figura 14B). Outra característica relacionada as mulheres nesta página é a baixa interação das mesmas entre os/as demais usuários/as e também com as publicações feitas pelos administradores, que são homens.

Conforme Ana Carolina dos Santos Marques e Ricardo Lopes da Fonseca (2020, p. 35), em seu artigo “A representação das mulheres no Rap: instituindo espacialidades, quebrando barreiras” destacam:

O movimento Hip Hop, o rap, ainda são compostos predominantemente por homens e os conteúdos de diversas rimas reforçam os discursos machistas e que objetificam as mulheres. Faz-se necessário que os rappers percebam que possuem uma grande visibilidade no cenário do rap e que por meio de sua denúncia das discrepâncias raciais e de gênero, as pautas femininas podem ganhar mais força. O rap representa a voz da periferia e a presença e participação de mulheres em suas manifestações, assim como outros grupos sociais vulneráveis, é extremamente empoderador e possibilita a divulgação da realidade vivenciada por elas cotidianamente.

Figura 14. Em A, uma publicação convidando para o show da cantora Tati Zaqui, e em B a divulgação da música Par Perfeito de Jota Yakuza feat Carol.



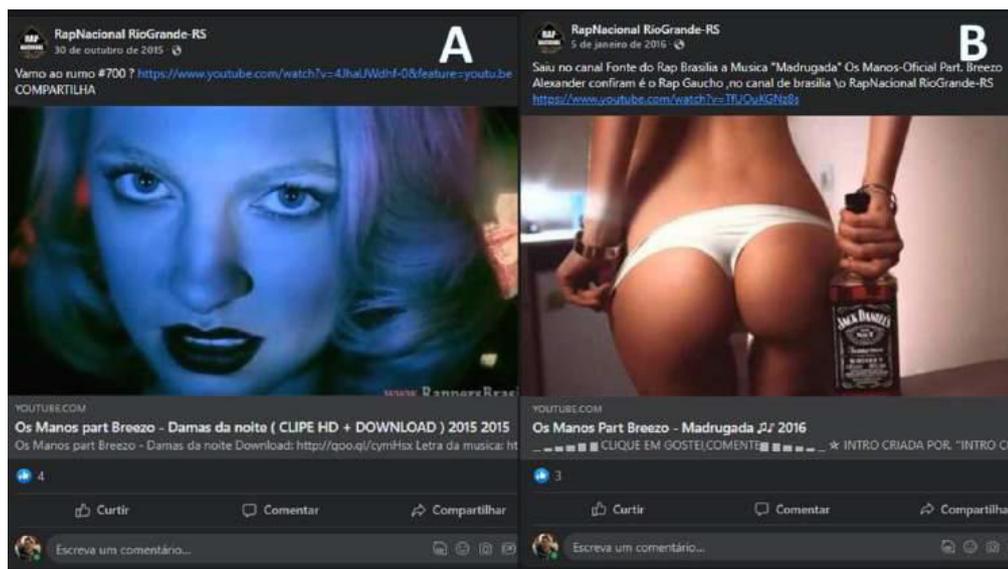
Fonte: Captura da tela durante acesso a página RapNacional Rio Grande
<https://www.facebook.com/RapNacionalRG>

E conforme a/o pesquisador/a Ana Carolina dos Santos Marques e Ricardo Lopes da Fonseca (2020) destacaram a respeito do movimento Hip Hop e o Rap ainda serem compostos predominantemente por homens e em diversas músicas reforçarem discursos machistas. O mesmo ocorre também na página RapNacional – Rio Grande. De acordo com as publicações que encontramos nesta página, também encontramos divulgação de videoclipes que reforçam a masculinidade hegemônica, conforme ilustramos na Figuras 9A e 9B, com os videoclipes da dupla Os Manos Part Breezo, com as músicas Dama da Noite de 2015, e Madrugada de 2016.

Em ambas as músicas, o grupo musical utilizou imagens para servirem como capas/thumbnail6 que são carregadas de significados. Conforme podemos analisar, primeiramente na Figura 15A, Os Manos MC utilizam da imagem de uma mulher loira com um olhar sensual e a utilização do batom vermelho para representar como modelo para a música Damas da Noite. E na segunda imagem, Figura 15B, o grupo musical faz uso da imagem de uma mulher retirando com uma mão a única peça de roupa que ela está vestindo e segurando uma garrafa de whisky com a outra mão. As duas imagens escolhidas pelo grupo musical fazem o uso da objetivação/erotização da mulher, pois conforme (MATSUNAGA, 2008, p. 112) “a mulher e sua sexualidade adquirem contornos distintos para o hip hop, pois de um lado a mulher é vista como “linda e sensual”, em outros momentos como “promíscua e vulgar”.”. Entretanto, nos últimos anos, no rap há uma movimentação de posição contrária ao uso da “mulher

objeto”, pois para uma parcela de participantes deste estilo musical, o uso desta concepção não contribui para uma formação positiva de jovens e demais pessoas consumidoras desta música, pois ela só trabalha com a erotização e não com o âmbito intelectual (SANTOS, 2017).

Figura 15. Publicações de músicas da plataforma Youtube compartilhadas na Página RapNacional RioGrande-RS.



Fonte: Captura da tela durante acesso a página RapNacional Rio Grande <https://www.facebook.com/RapNacionalRG>

A partir desse movimento de investigação das publicações no grupo Underground Rio Grande – RS e na página RapNacional Rio Grande RS, constatamos que havia o compartilhamento de videoclipes produzidos por grupos musicais locais e que alguns artefatos midiáticos possuíam representações de masculinidades juvenis que nos permitissem fazer algumas análises. Dessa forma, esse movimento de análise nos proporcionou produzir um dos artigos científicos dessa dissertação, intitulado “Ser homem nas quebradas: um olhar sobre videoclipes de grupos musicais de Rap e Rock do Sul do Brasil”.

Os videoclipes foram selecionados seguindo alguns critérios, como: de ordem cronológica de publicação, e que estes apresentassem elementos para a discussão a respeito das representações de masculinidades juvenis. Desse modo, os videoclipes selecionados para a investigação foram: 1) o videoclipe da música *Farda Demente*, da banda **Sarrafo**. O grupo Underground Rio Grande é direcionado ao público do rock e de todas as suas variações de subestilos musicais. Nesse sentido, a Sarrafo é uma

banda de hardcore beatdown, conforme está descrito em suas redes sociais⁹. Ela é composta por cinco homens jovens. O videoclipe selecionado para análise foi publicado no Youtube, na data de 7 de setembro de 2019, e compartilhado no grupo do Facebook na mesma data; 2) o videoclipe da música *Salve quebrada part II*, do grupo musical de rap **Gauchos MC's**¹⁰ com participação do rapper Igã. Essa canção apresenta, em sua letra, características do subestilo musical do rap consciente, que é um dos subestilos do rap mais disseminados pelo Brasil, que retrata as dificuldades enfrentadas pelos moradores e jovens das periferias urbanas do país (SANTOS, 2017). O videoclipe da música *Salve quebrada part II* foi, primeiramente, publicado no Youtube, na data de 21 de abril de 2021. Posteriormente, ele foi compartilhado na página do Facebook, na mesma data.

Como observamos, esses vídeos foram, em um primeiro momento, publicados na plataforma Youtube e, posteriormente, divulgados/compartilhados no Facebook. O Youtube é um site estadunidense de compartilhamento de vídeos, criado em 2005 e adquirido pela empresa Google em novembro de 2006. Durante a sua primeira década de existência, o Youtube fazia uso do slogan *Broadcast Yourself*, o qual, em tradução livre, significa: transmita você mesmo (ROCKEMBACH, 2018). O que vem proporcionando as pessoas, em especial os/as jovens, que possuem afinidades com as tecnologias de produção de audiovisual, a produzirem seus artefatos culturais de forma independentemente de “investidores”, como era antigamente os vídeos produzidos pelas gravadoras que possuíam os direitos sobre os grupos musicais.

O movimento de análise cultural das representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nos vídeos investigados ocorreu através de investigações que buscavam analisar as representações/significações presentes no artefato midiático, ou seja, voltamos nossos olhares tanto para as letras das músicas, como a performance dos jovens, como a produção visual empregada nos vídeos.

Página Relacionada com o Kpop

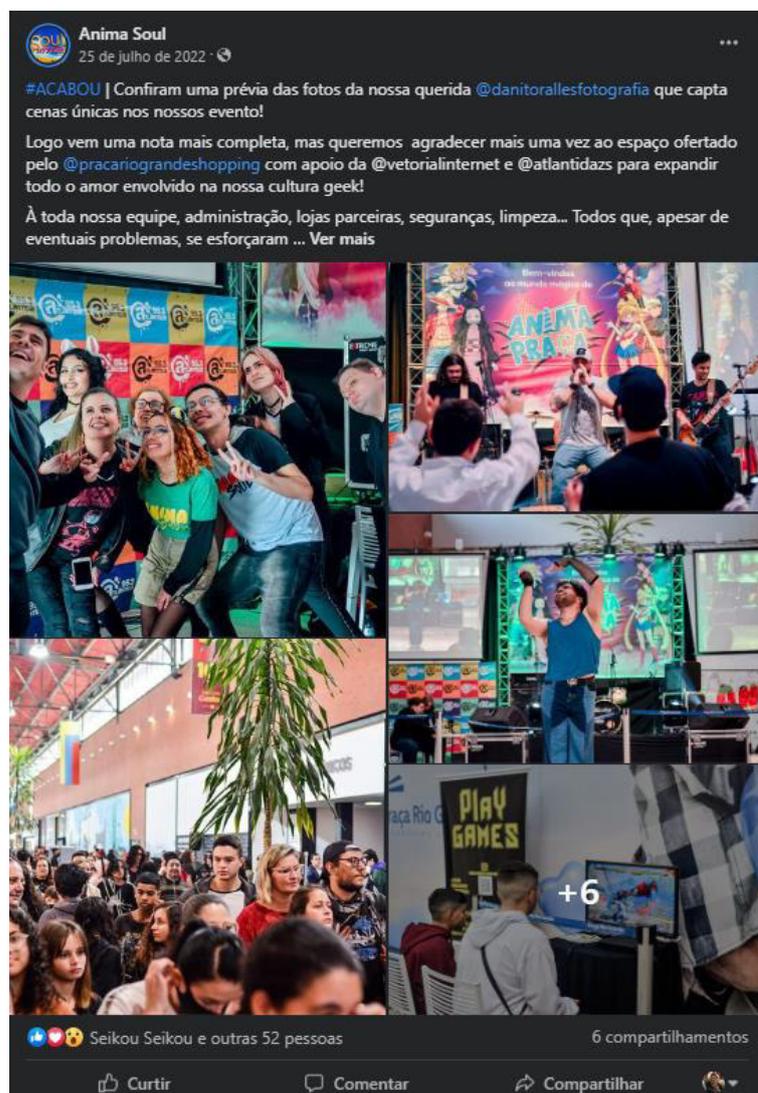
A página **Anima Soul** (Figura 16) possui hoje em dia cerca de 4 mil seguidores/as, sendo que no início de nossas análises a página possuía 3,5 mil seguidores/as. Selecionamos esta página para a busca por participantes pertencentes

⁹ Link para o perfil no Instagram da banda Sarrafo <https://www.instagram.com/sarrafohc/>.

¹⁰ Link para o perfil no Facebook do grupo Gauchos MC's <https://www.facebook.com/gauchosmcs>.

a cultura juvenil do Kpop. O Anima Soul é um evento local da cidade de Rio Grande que busca proporcionar entretenimento para jovens desta cidade que possuam gostos relacionados ao entretenimento da cultura juvenil geek e as culturas juvenis oriundas do leste asiático (Figura 16). Entre suas diversas atividades do evento, há os campeonatos de cosplay (Figura 17), onde os jovens usam fantasias de personagens de histórias em quadrinhos, como a Mulher Maravilha e o Flash, ambos personagens da Liga da Justiça, ou mangás, que são histórias em quadrinhos de origem japonesa. Neste evento também há shows de bandas de rock que performam músicas relacionadas/presentes em jogos de videogames e em desenhos animados japoneses.

Figura 16. Página Anima Soul



Fonte: Fonte: <https://www.facebook.com/AnimaSoulRG>

Figura 17. Jovens participantes do campeonato de cosplays do Anima Soul.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1641589379556346&set=a.1641598302888787>

Como mencionamos anteriormente, o Anima Soul é um evento que possui a presença de diversas culturas juvenis oriundas do Leste Asiático, entre essas culturas, o estilo musical do Kpop é uma das que possui maior público. A produção cultural do Kpop ocorre de maneira diferente em relação as culturas do Rap e do Rock, em que os/as jovens compõem suas músicas ou reproduzem músicas de artistas já consagrados no cenário nacional e internacional. A produção cultural do Kpop nessa cidade ocorre em torno da manifestação artística da dança, através de campeonatos de grupos ou de modalidades individuais, em que os/as jovens performam danças de músicas de grupos famosos/as/consagrados/as internacionalmente do Kpop, tais como: BTS, Ateez, Black Pink, Seventeen, entre outros. Há também uma modalidade denominada de *Random Play Dance* (dança aleatória) (Figura 18), onde jovens vão para a pista para performar coreografias de refrãos de músicas “famosas” deste estilo musical.

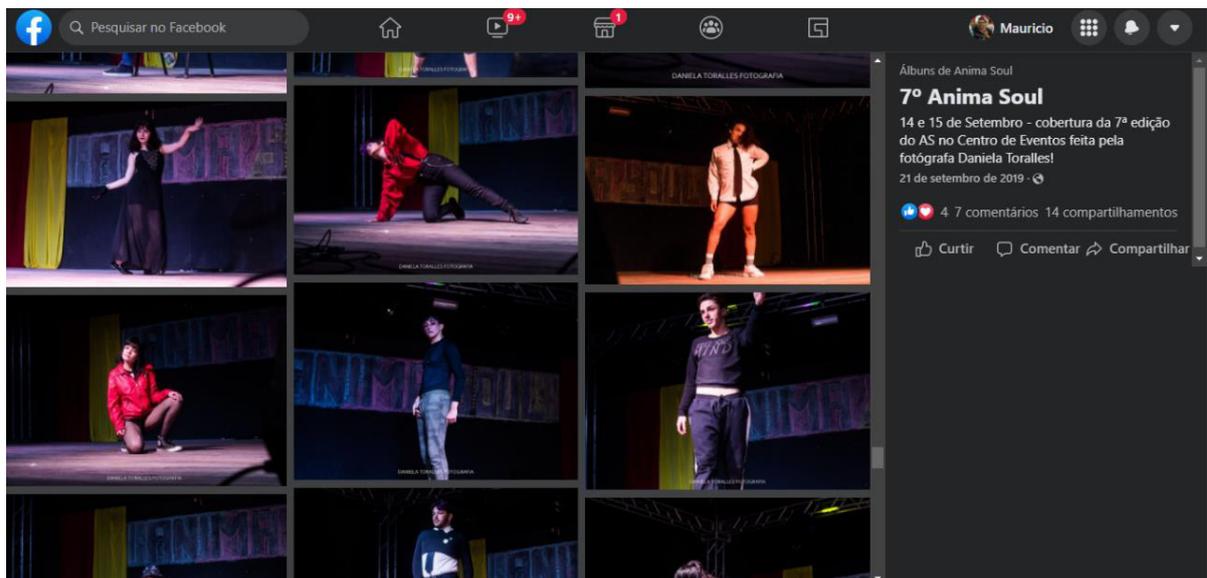
Figura 18. Grupo de jovens praticando Random Play Dance, modalidade de Kpop, durante o evento do Anima Soul.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1641587892889828&set=a.1641598302888787>

Nas imagens publicadas na página do Anima Soul, encontramos imagens de meninos/homens que participam dos campeonatos de dança do Kpop, tanto na modalidade individual (figura 19) como participando do campeonato na modalidade de grupos (Figura 20). Os grupos de dança do Kpop em maioria são formados por mulheres, entretanto encontramos grupos formados por mulheres e homens, como os exemplos dos grupos Apology (Figura 20A) e G2Shine (Figura 20B).

Figura 19. Captura de tela da sessão de imagens do campeonato de dança de Kpop na modalidade individual.



Fonte: <https://www.facebook.com/AnimaSoulRG>

Figura 20. Imagens retiradas da página Anima Soul do campeonato de dança de Kpop na modalidade de grupo. Em A o grupo Apology, e em B o grupo G2Shine.



Fonte: <https://www.facebook.com/AnimaSoulRG>

Durante o processo de investigação das representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes na página do Anima Soul, vimos que nossas análises seriam superficiais, diferentemente das análises produzidas junto ao grupo Underground em Rio Grande e a página RapNacional Rio Grande. Dito isso, na próxima seção do texto iremos apresentar o movimento de envio de convites aos jovens participantes dessas páginas.

4.2.2 Movimento de envio de convites para participantes da pesquisa

Após finalizar a etapa de levantamento de páginas e grupos, foi efetuado um movimento de envio de convites para seguidores das páginas RapNacional Rio Grande e Anima Soul e para os membros do grupo Underground em Rio Grande. Neste sentido, efetuamos a produção de convites direcionados a cada estilo musical, conforme pode ser visto nas Figuras 21, 22 e 23. Os convites foram publicados nos tópicos de discussões das páginas ou do grupo (Figura 24) e foram enviados também aos seguidores e membros de forma individual, caso essa modalidade tivesse bloqueada na Página. Dessa forma, a partir da data de 22 de agosto de 2021 iniciamos as publicações e os envios de convites como podemos verificar na Figura 24, com um exemplo de publicação no grupo Underground em Rio Grande. Entretanto, através dessa metodologia de envio de convites através de publicações na linha do tempo das páginas ou nos espaços de discussão dos grupos não conseguimos retorno de participantes para a pesquisa.

Figura 21. Convite para jovens pertencentes a cultura juvenil do Rock.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 22. Convite para participantes da cultura juvenil do Rap.

Convite
Pesquisa acadêmica

Se você é homem e tem entre 18 e 29 anos e se sente pertencido a cultura do estilo musical **Rap** (e todas suas variações).

Gostaria de te convidar para participar da minha pesquisa de mestrado PPGEC/FURG. A pesquisa será efetuada através de entrevistas.

A pesquisa tem como objetivo investigar as narrativas de homens jovens sobre a construção das masculinidades em grupos que compartilham experiências e vivências produzidas por diferentes estilos musicais na cidade de Rio Grande/RS.

Interessados entrar em contato pelo whats (53) 99115-4051 ou pesquisamestradomasculinidades@gmail.com

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 23. Convite para participantes da cultura juvenil do Kpop.

Convite
Pesquisa acadêmica

Se você é homem e tem entre 18 e 29 anos e se sente pertencido a cultura do estilo musical **KPOP**.

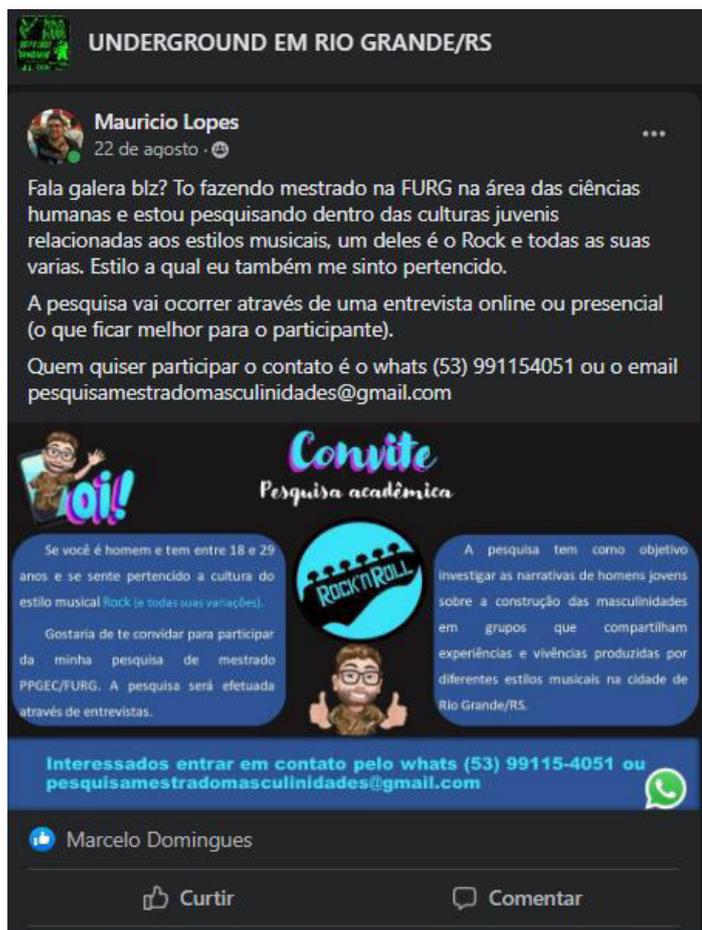
Gostaria de te convidar para participar da minha pesquisa de mestrado - PPGEC/FURG. A pesquisa será efetuada através de entrevistas.

A pesquisa tem como objetivo investigar as narrativas de homens jovens sobre a construção das masculinidades em grupos que compartilham experiências e vivências produzidas por diferentes estilos musicais na cidade de Rio Grande/RS.

Interessados entrar em contato pelo whats (53) 99115-4051 ou pesquisamestradomasculinidades@gmail.com

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 24. Captura de imagem da publicação do convite no tópico de discussão do grupo Underground em Rio Grande/RS.



Fonte: Arquivo pessoal

Assim, a partir dessa ausência de respostas das publicações, empregamos uma metodologia de enviar convites aos membros ou aos seguidores das páginas de forma individual. No entanto, nesta metodologia de envio, o Facebook só permite visualizar seguidores das páginas que sejam amigos/as na rede social, assim foi enviado convites para os seguidores que são amigos do perfil do facebook do mestrando e que se encaixavam nos critérios para a pesquisa.

Cabe ressaltar que no convite que enviamos aos participantes apresentamos os critérios definidos para a participação nesta pesquisa, que são: que sejam homens jovens, que possuam entre 18 e 29 anos e que se identifiquem como do gênero masculino e que se sintam pertencentes a essa cultura juvenil proporcionada pelo estilo musical. Destacamos que escolhemos esse recorte de faixa etária a partir da legislação brasileira, o Estatuto da Juventude (2013), e também de autores/as presentes em nossa fundamentação teórica, tais como Carles Feixa (2004), que acabam convergindo em uma mesma interpretação de faixa etária de juventude.

Dessa forma, em relação a resposta individual aos convites enviados, obtivemos a resposta total de nove participantes para essa pesquisa, sendo três participantes de cada estilo musical aqui investigados e que serão apresentados no próximo capítulo deste texto.

4.2.3 Explorando a entrevista narrativa como método e conhecendo os entrevistados

Tendo o objetivo de realizar uma análise cultural para investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop da cidade de Rio Grande, optamos pela metodologia de entrevistas narrativas para a produção dos dados para a pesquisa.

Ao realizarmos entrevistas narrativas, entendemos que esta metodologia possui um caráter qualitativo em um plano investigativo, buscando compreender e interpretar histórias complexas, os seus significados, as experiências e as emoções presentes em um determinado acontecimento ou contexto social (MARTINS; FERREIRA, 2016). Assim, as entrevistas narrativas se tornam um método não estruturado e de profundidade, possibilitando aos/as entrevistados/as de lembrar os acontecimentos a partir de suas perspectivas e representações, retomando experiências pessoais que podem apresentar uma sequência com princípio, meio e fim.

Conforme a pesquisadora Camila Junqueira Muylaert e colaboradores (2014) a entrevista narrativa nos possibilita “o aprofundamento das investigações, a combinação de histórias de vida com os contextos sócio–históricos, tornando possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam e justificam as ações dos informantes.”. Dessa forma, conforme destacam os/a autores/a, as narrativas revelam experiências individuais e nos permitem analisar as identidades dos indivíduos como as imagens que eles possuem sobre si. Mas também cabe ressaltar que o objetivo desta metodologia não é apenas o de “reconstruir a história de vida do informante, mas compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes.” (MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 196).

Sandra dos Santos Andrade (2012), menciona que as histórias que são narradas por meio das entrevistas não são dados prontos ou finalizados, mas que são

documentos que são produzidos na cultura por meio da linguagem, através do encontro do/a pesquisador/a e dos/as sujeitos/as da pesquisa. E esses documentos acabam por adquirirem diferentes significados ao serem analisados no contexto de um determinado referencial teórico, de época ou de uma circunstância social e cultural.

Continuando a sua colaboração a respeito do entendimento das narrativas não constituírem o passado em si, Sandra Andrade (2012, p. 176) diz que as narrativas constituem “sim aquilo que os/as informantes continuamente (re)constroem desse passado, como sujeitos dos discursos que lhes permitem significar suas trajetórias de determinados modos.”. Desse modo, as narrativas nos auxiliam a investigar as representações de masculinidades que produziram significados nas trajetórias dos jovens aqui investigados.

Rosa Maria Hessel Silveira (2007, p. 118), define as entrevistas, [...] como eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise. Dessa forma, ao longo dos processos de entrevistas há um jogo de representações e significados que as permeiam, e que sendo assim, durante o processo das entrevistas não buscamos revelar “verdades”, e sim passamos a investigar de quais significados estão permeando as narrativas.

Para as entrevistas foi elaborado um roteiro semiestruturado que pode ser encontrado no Apêndice II. As entrevistas com os jovens entrevistados ocorreram de forma online, definidas assim pois durante o primeiro ano desta pesquisa de mestrado, que foi o ano de 2021, o Brasil e o Mundo ainda estavam enfrentando a pandemia de Covid-19. Sendo assim, as entrevistas foram previamente agendadas, fazendo o uso de plataformas digitais como o Google Meet, Whatsapp e Direct de mensagens do Instagram. As entrevistas que ocorreram através de videochamadas duraram cerca de 50 minutos, e as entrevistas que ocorreram através de mensagens de textos no Whatsapp e no direct de mensagens do Instagram, tiveram um tempo de duração mais breve. Para a realização das entrevistas foi enviado aos participantes, através de email ou mensagem de texto, o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 2) para os mesmos assinarem.

Com a autorização dos participantes, as entrevistas que ocorreram através da plataforma Google Meet foram gravadas, pois conforme Antonio Carlos Gil (2008, p.

119) é o "o modo mais confiável de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso do gravador" visto que possibilita a redução de elementos subjetivos que possam ocorrer durante a entrevista. Após o movimento de entrevistas, foi efetuada as suas transcrições e após o término, foram enviadas aos participantes para que eles lessem e se acharem necessário fizessem ajustes, supressões e/ou alterações em suas falas.

Sendo assim, como mencionado anteriormente, obtivemos a resposta positiva para participar da pesquisa de nove jovens que se sentem pertencentes as culturas juvenis aqui investigadas, sendo três pertencentes a cada cultura juvenil, ou seja, três jovens do Rock, três do Rap e três do Kpop. A partir disso, iremos fazer a apresentação dos nossos entrevistados através de uma tabela (tabela 1), apresentando algumas características deles, tais como: codinome, a qual estilo musical pertence, idade, classe social, escolaridade, cor da pele, sexualidade, religião e naturalidade. Entretanto, ressaltamos que usamos nome fictícios para nossos pesquisados, de forma a preservar suas identidades e proporcionar maior liberdade para expressar seus sentimentos e ideias a respeito do tema. Assim, nossos entrevistados foram identificados por codinomes a partir de suas próprias indicações de artistas de sua preferência.

Tabela 1. Tabela com informações dos entrevistados.

Tabela 1. Entrevistados								
Codinome	Idade	Estilo Musical	Classe Social	Escolaridade	Cor da Pele	Sexualidade	Religião	Naturalidade
Roger Waters	27	Rock	Classe Média	Ensino Superior Completo	Branco	Heterossexual	Ateu	Rio Grande/RS
Serj Tankian	29	Rock	Classe Média	Ensino Superior Completo	Branco	Heterossexual	Ateu	Rio Grande/RS
Slash	29	Rock	Pobre	Ensino Superior Completo	Branco	Heterossexual	Agnóstico	São Pedro do Sul/RS
Criolo	27	Rap	Classe Média	Pós-Graduado	Branco	Homossexual	Cristão	Paranaíba/MS
Zudzilla	25	Rap	Classe Média Baixa	Ensino Superior Incompleto	Branco	Heterossexual	Umbandista	Rio Grande/RS
Djonga	25	Rap	Classe Média	Ensino Superior Incompleto	Negro	Heterossexual	Ateu	Rio Grande/RS
Siha	20	Kpop	Pobre	Ensino Médio Incompleto	Negro	Bissexual	Umbandista	Rio Grande/RS
Hyunah	20	Kpop	Pobre	Ensino Médio Completo	Branco	Homossexual	Agnóstico	Rio Grande/RS
Hongjoong	18	Kpop	Classe Média	Ensino Médio Completo	Branco	Homossexual	Agnóstico	Rio Grande/RS

Fonte: Arquivo Pessoal

4.2.4 A análise cultural para investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas

O fio condutor desta pesquisa de mestrado é fazer uma análise cultural das representações de masculinidades juvenis contemporâneas nas culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop da cidade de Rio Grande/RS. Diante disto, fizemos a escolha desse método de análise pois está sendo um dos métodos analíticos/investigativos utilizados por teóricos e teóricas do campo dos Estudos Culturais. Conforme Marisa Vorraber Costa (2010), as análises culturais podem contribuir para a aproximação de profissionais da educação de “questões centrais desses novos tempos com suas múltiplas, complexas, divergentes e sempre renovadas demandas.” (p. 148).

As análises culturais são produzidas por diversos objetos de pesquisa e saberes a fim de mostrar que “há representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura.” (WORTMANN, 2007, p. 75), fazendo com que as práticas e discursos constituídos na cultura sejam, comumente, objetos de pesquisa. De acordo com Tomaz Tadeu Silva (1999), as análises culturais se baseiam na ideia de que construções culturais e sociais presentes nas interações se tornam naturalizadas, fazendo com que sua origem social seja esquecida. Dessa forma, “a tarefa da análise cultural consiste em desconstruir, em expor esse processo de naturalização.” (SILVA, 1999, p. 134).

Neste sentido, esse método de análise dos Estudos Culturais se torna uma ferramenta que permite aos/as seus/suas pesquisadores/as entender as organizações sociais, possibilitando investigar possíveis representações e significações encontradas em determinados grupos sociais, podemos analisar como a cultura acaba por ser utilizada para demarcar e sustentar a identidade e a diferença entre os grupos (HALL, 1997).

É a partir dessa perspectiva que compreendemos como as produções culturais acabam por ser um importante meio que atua nos modos de subjetivação dos sujeitos, assim, se tornando um meio capaz de legitimar os modos de ser e viver e ao mesmo tempo de marginalizar os outros (AMARAL, 2017). Conforme ainda Caroline Amaral Amaral (2017, p. 77), a “Análise Cultural é utilizada para pensar e desnaturalizar os significados sociais, as verdades sociais, que, de tão presentes em nosso cotidiano, já não questionamos mais.”. Desse modo, o que circula na sociedade e é considerado como um “fato natural”, nada mais é do que um fenômeno discursivo (HALL, 1997).

Desse modo, essa metodologia de análise se torna um instrumento potente para compreender as relações entre a comunicação e a cultura, assim, se tornando uma ferramenta comprometida em investigar as práticas sociais. Conforme Stuart Hall (1997) todas as práticas sociais que possuem um significado relevante para os sujeitos, possuem uma dimensão cultural.

Nesse processo de produzirmos sentidos aos significados, a linguagem se torna um meio central para o significado e a cultura (HALL, 1997). Diante dessa perspectiva, é através da linguagem que ocorre os sistemas de representação, que estão constituídos desde a utilização de imagens, sons, palavras, escritas, objetos que significam ou representam para as pessoas algo. Assim, os significados culturais possibilitam conduzir e regular as práticas sociais (MORAES, 2019).

Dentro com campo dos Estudos de Gênero e das Juventudes, a análise cultural tem sido utilizada como método de análise, tal fato pode ser constatado no trabalho de Sandra Andrade e Dagmar Meyer (2014), em que as pesquisadoras apresentam uma análise cultural das narrativas juvenis, na qual problematizavam o conceito de moratória social para discutir as relações entre juventude, moratória social e gênero. Através de suas análises, as pesquisadoras viram que o processo de escolarização emergiu como um forte componente da moratória e como que o lugar onde as experiências que importavam estavam ancoradas, a partir da perspectiva dos/as próprios/as jovens. Principalmente quando se trata da constituição de seus futuros, no seu vir a ser.

Entre as diversas pesquisas do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, o grupo vem buscando investigar as práticas sociais que atuam na constituição dos sujeitos, a Análise Cultural vem sendo empregada como método de análise em alguns estudos dos/as participantes. Assim, buscando apresentar alguns exemplos de pesquisas, esse método foi utilizado na dissertação de mestrado de Caroline Amaral Amaral (2017), que tinha como título: “Literatura Juvenil Contemporânea LGBTI: significados sobre identidades de gênero e sexuais”. A autora empregou a metodologia de Análise Cultural com o objetivo de analisar os significados que são produzidos e reproduzidos na e pela literatura juvenil contemporânea acerca das identidades sexuais e de gêneros. Outra pesquisa desenvolvida no grupo que utilizou este método foi a dissertação de mestrado de Barbara Lina Martina Torres das Neves Formentin (2022), intitulada “#SouPrincesaSouReal: analisando representações de gênero em uma campanha da Disney”, que tinha como objetivo investigar a campanha

da #SouPrincesaSouReal da produtora de filmes Disney, no Brasil, a fim de discutir como as produções midiáticas dessa campanha ensina e (re)produz determinadas formas de ser menina/ser mulher em nossa sociedade.

Dessa forma, tendo em vista que a produção dos dados para essa pesquisa ocorreu através de dois movimentos. Sendo um primeiro que tinha como objetivo produzir uma análise cultural das representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas informações a partir dos ciberespaços das páginas RapNacional Rio Grande – RS (Rap), Animal Soul (Kpop) e o grupo Underground em Rio Grande/RS (Rock), em que investigamos as representações presentes em publicações, imagens, vídeos e interações entre os/as jovens desses ambientes virtuais. O que nos possibilitou a produção de um dos nossos artigos científicos, intitulado “Representações de masculinidades juvenis contemporâneas em videoclipes de grupos de Rio Grande/RS”, que teve como objetivo investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes em dois videoclipes de grupos musicais da cidade local do estudo, Banda Sarrafo (Rock) e Gauchos MC’s (Rap).

E um segundo movimento, que ocorreu através de entrevistas narrativas com jovens pertencentes as três culturas juvenis aqui investigadas. Em que utilizamos da análise cultural para investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas narrativas/falas dos entrevistados e que estão circulantes nas culturas juvenis. Este segundo movimento de pesquisa nos proporcionou a produção do segundo artigo científico, intitulado “Representações de Masculinidades Juvenis Plurais: Uma investigação junto a jovens do Rock, Rap e Kpop do interior do RS”.

Prosseguindo com esta pesquisa, no próximo capítulo apresentamos os artigos.

5. ANALISANDO AS REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES JUVENIS CONTEMPORÂNEAS

5.1 ARTIGO 1¹¹:

SER HOMEM NAS QUEBRADAS: UM OLHAR SOBRE VIDEOCLIPES DE GRUPOS MÚSICAIS DE RAP E ROCK DO SUL DO BRASIL

BEING A MAN IN THE HOODS: A LOOK AT VIDEO CLIPS OF RAP AND ROCK MUSIC GROUPS FROM THE SOUTH OF BRAZIL

Resumo

Neste artigo, buscamos investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas visibilizadas em dois vídeos de grupos musicais, compartilhados em páginas do Facebook direcionadas ao público do rock e rap de uma cidade do interior Rio Grande do Sul/RS. Para tanto, no texto estabelecemos algumas conexões com os Estudos Culturais nas suas vertentes pós-estruturalistas, bem como com os Estudos de Gênero e das Masculinidades. Em ambos os vídeos, identificamos jovens que são subjetivados por suas vivências locais, as quais são marcadas pela violência e criminalidade. Dessa forma, encontramos representações de masculinidades juvenis contestadoras, no que se refere às suas realidades sociais, além de resistentes às práticas que delimitam seus modos de ser e de viver. Esses grupos musicais tensionam as ações violentas do Estado e a criminalidade presente em suas quebradas, as quais atingem a vida cotidiana de seus pares.

Palavras-chave: Masculinidades. Juventudes. Música. Estudos Culturais.

Abstract

In this article, we aim to investigate the representations of contemporary youthful masculinities made visible in two video clips of musical groups, shared on Facebook pages targeting rock and rap audiences of a city in the interior of Rio Grande do Sul/RS. Therefore, in the text we establish some connections with Cultural Studies in their post-structuralist aspects, as well as with Gender and Masculinity Studies. In both video clips, we identify young people who are subjectivized by their local experiences, which are marked by violence and criminality. In this way, we found representations of contesting youthful masculinities, regarding to their social realities, in addition representations of resistant youthful masculinities to the practices that delimit their ways of being and living. These musical groups stress the violent actions of the State and the criminality present in their hoods, which affect the daily life of their peers.

Keywords: Masculinities. Youths. Music. Cultural Studies.

¹¹ O artigo foi aceito para publicação na revista Contexto & Educação.

5.1.1 Introdução

Este artigo é um recorte de resultados que emergiram de uma pesquisa de mestrado¹² e tem, como propósito, investigar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas visibilizadas em dois videoclipes, um do estilo musical rock e outro do rap, compartilhados em páginas direcionadas para o público de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul/RS no Facebook. Nos estudos realizados no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE/FURG, temos discutido as temáticas que envolvem o campo dos Estudos de Gênero, na sua vertente pós-estruturalista, e um dos temas que consideramos relevante e atual se trata da constituição das masculinidades juvenis contemporâneas, temática dessa investigação.

O assunto masculinidades está cada vez mais presente nas discussões tanto na sociedade quanto nas pesquisas acadêmicas. (BOGÉA; NUNES, 2022; BRITO, 2022; OLIVEIRA; BRITO; LOPES, 2023; SEFFNER, 2003). Nesse sentido, ao relacionar essa temática ao campo de estudos das culturas juvenis, a pesquisa nos proporcionou um olhar investigativo para as representações de masculinidades que estão produzindo significados para as vivências desses/as jovens pertencentes a essas culturas. Tais representações chegam, até esses jovens, por meio de artefatos midiáticos que circulam por intermédio das redes sociais e plataformas de compartilhamentos de vídeos, como o Youtube. Cabe ressaltar que esses sites e aplicativos estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, atuando em seus processos de constituição e aprendizagem enquanto sujeitos/as. Nesse contexto, a juventude é uma das categorias sociais que mais consomem esses artefatos.

O texto está organizado nas seguintes partes: na primeira seção, realizamos uma breve discussão a respeito da importância da cultura e de seus processos culturais na construção das sociedades a partir dos tencionamentos propostos pelos/as pesquisadores/as deste campo teórico; em um segundo momento, buscamos apresentar e discutir algumas teorizações do campo dos Estudos de Gênero e das Masculinidades, os quais nos auxiliaram na construção desse estudo; na terceira parte deste artigo, procuramos abordar um pouco a respeito dos processos de constituição das culturas juvenis e acerca da importância da música e de seus estilos nesse

¹² Pesquisa realizada no programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, na linha de pesquisa 1: Discursos, Culturas e Subjetividades na Educação em Ciências, e desenvolvida junto ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola. A pesquisa busca investigar as representações de masculinidades presentes em culturas juvenis relacionadas a estilos musicais. Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa, e ao apoio do CNPq.

processo; a seguir, apresentamos as estratégias metodológicas que empregamos para descrever os grupos musicais e seus artefatos; na quinta sessão, discutimos as representações de masculinidades presentes nos dois artefatos culturais produzidos; e, ao finalizar essa escrita, buscamos tecer reflexões sobre as masculinidades juvenis.

5.1.2 Os videoclipes e as músicas como artefatos culturais

Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos, com base na literatura, dialogar com autoras/es que estabelecem articulações relacionadas às Juventudes e às Culturas Juvenis Contemporâneas, assim como com os Estudos de Gênero e Masculinidades no campo dos Estudos Culturais (EC), na vertente pós-estruturalista. Os EC constituem um campo de teorização e investigação bastante heterogêneo. Conforme Cary Nelson e demais colaboradores (1995), trata-se de um campo “interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra disciplinar”, o qual centra as suas análises em fenômenos culturais.

Os fenômenos culturais estão presentes nos processos de constituição dos sujeitos, uma vez que é por intermédio da cultura que são estabelecidas, mas também contestadas, as distinções entre os sujeitos. (VARGAS; KLEIN, 2019). Assim, a cultura se forma como um campo de conhecimento complexo, que “inclui todos os costumes, hábitos, e aptidões adquiridas pelo ser humano durante o processo de sociabilização.”. (id., 2019, p. 191). Dessa maneira, podemos destacar como os processos culturais acabam produzindo efeitos nas constituições dos/as jovens.

Por estarmos inseridos nesse campo teórico dos Estudos Culturais, acreditamos que há outros modos de educar, para além dos muros da escola. Assim, entendemos que as diferentes mídias, constituídas pelos seus conteúdos, que são propagados via televisão, notícias, filmes, por meio da publicidade, assim como nas músicas e videoclipes, atuam como artefatos culturais. Essas produções, por sua vez, são atravessadas por processos culturais que são orientados pelas relações assimétricas de poder. (SILVA, 2010). Nesse sentido, nos artefatos, existe a presença de discursos pedagógicos que são capazes de naturalizar “verdades”, ao mesmo tempo que possibilitam questionarmos e desnaturalizarmos modelos a partir das construções sociais que circundam os sujeitos, no caso deste estudo, os/as jovens, as masculinidades.

Segundo a pesquisadora Marcilene Forechi e colaboradoras (2018), as redes sociais, nos últimos anos, vêm se tornando cada vez mais presentes na sociedade, tendo uma notoriedade para o compartilhamento de notícias, difusão de ideias e denúncias. Essas redes, igualmente, contribuem para a mobilização e organização de diferentes culturas, tais como as culturas juvenis. Desse modo, as diferentes formas de produção de artefatos culturais, que são disseminadas através das redes sociais, tais como a música e os vídeos, acabam funcionando como meio de difusão de pedagogias culturais que transitam em nossa sociedade, ensinando, por intermédio de diferentes maneiras, aos/as jovens, como ser e estar no mundo.

Dessa forma, os vídeos e as músicas são artefatos constituídos por significados, linguagens, pedagogias, que revelam representações que estão ativamente formando os grupos, as pessoas, suas identidades e a cultura a que pertencem (HALL, 1997). Assim, fazemos o uso do conceito de representação a partir do entendimento de que são construídas discursivamente, por meio de uma rede de significados, instituídos e colocados em circulação com o emprego das linguagens. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2010), “as formas pelas quais esse ‘real’ e essa ‘realidade’ se tornam presentes para nós representados.”.

Portanto, inseridos nesse campo de estudo, entendemos que os significados culturais podem organizar e regular as práticas sociais. Logo, ao problematizarmos as possíveis representações e significações encontradas em determinados grupos sociais, podemos questionar sobre como a cultura é utilizada para demarcar e sustentar a identidade e a diferença entre os grupos (HALL, 1997). Diante disso, as músicas e os vídeos nesse artigo abordados, tratam de representações que interpelam os/as jovens que consomem esses artefatos culturais, ensinando maneiras de ser sujeitos. Além disso, carregam verdades da cultura em que atuam na construção de suas constituições, enquanto sujeitos jovens, e na construção de suas masculinidades juvenis.

Tendo em vista que buscamos investigar as masculinidades juvenis representadas nos vídeos investigados, no próximo item dessa escrita, buscamos dialogar, tendo como base nosso referencial teórico, com pensadoras e pensadores do campo teórico dos Estudos de Gênero e das Masculinidades.

5.1.3 Os Estudos de Gênero e das Masculinidades

Ao adentrarmos ao campo dos Estudos de Gênero, na vertente pós-estruturalista, observaremos que o gênero se constitui a partir de construções sociais e culturais, as quais são produzidas por intermédio de várias aprendizagens, discursos e práticas, que ocorrem em diversas situações cotidianas, por meio de um processo minucioso e inacabado. Na concepção de Judith Butler (2003), o conceito em torno das construções do gênero “não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos.” (p. 242).

Buscando o entrelaçamento dessa construção de gênero junto às juventudes, verificamos que “o gênero é uma das importantes modalidades de nomeação, inscrição e pertencimento que definem o que a juventude é e pode vir a ser.” (ANDRADE; MEYER, 2014, p. 87). Nessa mesma linha de pensamento, assim destacam as pesquisadoras Sandra Andrade e Dagmar Meyer (2014, p. 87):

Como construto social que é, trabalhar com o viés de gênero significa considerar que, ao longo da vida e através de diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo instável que não é linear, progressivo ou harmônico, e que nunca está finalizado ou completo.

Para além de um disciplinamento que atua entre os homens e as mulheres, o gênero também opera nas relações entre os homens e homens. Isso atua na construção de hierarquias e lugares sociais, assim como age na diferença de poder entre eles, proporcionando, aos sujeitos masculinos, uma necessidade de, a todo momento, provarem que estão seguindo os padrões estabelecidos para suas masculinidades. (BOGÉA; NUNES, 2022; SEFFNER, 2003).

Dessa forma, ao buscarmos problematizar as representações de masculinidades juvenis nos vídeos, entendemos, a partir desta perspectiva, ou seja, de que o gênero se configura como uma construção cultural e social, que os jovens constituem suas masculinidades por meio de formas plurais de significações, de processos discursivos e simbólicos, que são construídos em diferentes espaços da vida social da juventude contemporânea. Ainda, compreendemos que esses processos operam na forma como os sujeitos constituem suas masculinidades, tendo

como base um conjunto de atributos e comportamentos que são associados aos homens (ANDRADE; MEYER, 2014; BOGÉA; NUNES, 2022; BUTLER, 2003; CONNELL, 1995; SEFFNER, 2003).

No campo de estudos das masculinidades desde os anos 90, a pesquisadora Raewyn Connel¹³ (1995), e posteriormente, um de seus colegas, o sociólogo James Messerschmidt (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013) defendem que diferentes masculinidades podem ser construídas em um mesmo contexto. Logo, é possível pensar que, nas diversas instâncias sociais, existem diversos modos de masculinidade, como a presença de um modelo hegemônico, assim como também aqueles considerados marginalizados ou resistentes.

Desse modo, conforme pontuam Connel e Messerschmidt (2013), ao pesquisarmos as masculinidades, encontramos a identificação de padrões múltiplos de masculinidade, em uma variedade de países e em diferentes contextos institucionais e culturais. Além disso, observamos que certas masculinidades são socialmente mais centrais ou mais associadas com autoridade e poder social do que outras. De acordo ainda com a autora e o autor, “o conceito de masculinidade hegemônica presume a subordinação de masculinidades não hegemônicas, e esse é um processo que agora tem sido documentado em muitos contextos, em nível internacional.” (id, 2013, p. 262).

Nesse sentido, após a introdução, no meio acadêmico, do conceito de masculinidade hegemônica, mais recentemente, encontramos, na literatura, pesquisas que vêm investigando e relatando as diferentes formas de masculinidades, conhecidas como marginalizadas ou plurais. Segundo Antônio Carlos de Oliveira e colaboradores (2023, p. 1):

Observada tal multiplicidade – em contraposição a traços rígidos historicamente associados a uma única forma masculina de estar no mundo –, importa conhecer, descrever, significar e explorar expressões/produções de masculinidades em suas diversas dimensões e manifestações, em interface com outros importantes marcadores sociais, como classe social, raça, sexualidade, geração, origem e pertencimento territorial, dentre outros.

Portanto, ao buscarmos investigar as representações de masculinidades juvenis, em dois videoclipes, entendemos que há a possibilidade de se encontrar

¹³ Durante o início dos anos dois mil, a pesquisadora fez sua transição de gênero. Anteriormente ao ano de 2006, assinava suas publicações como Robert Connel.

diferentes produções de masculinidades, que podem variar de acordo com os seus contextos sociais e culturais. Existe, também, a possibilidade de serem diversas masculinidades em um mesmo grupo de pares. Assim, entre esses jovens investigados, por meio das análises dos videoclipes, será possível encontrar masculinidades hegemônicas ou subordinadas, marginalizadas e/ou resistentes e plurais.

Dessa forma, ao findarmos nossas discussões junto a pensadoras e pensadores do campo dos estudos de gênero e das masculinidades, no próximo item, buscamos aproximações com o campo teórico das Culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais nesse estudo pesquisados.

5.1.4 As culturas juvenis e os estilos musicais

Apesar de encontramos referências bibliográficas de análises realizadas em tempos anteriores (FEIXA, 1999), podemos observar que, desde a década de 1960, o mundo acadêmico, por intermédio de suas pesquisas, vem dando um olhar especial às juventudes. Mais recentemente, encontramos trabalhos de autores e autoras como Carles Feixa (1999, 2004), Stuart Hall e Tony Jefferson (2003), Juarez Dayrell (2002), Sandra Andrade e Dagmar Meyer (2014), Luiz Antonio Groppo (2016), nos quais fica claro que as juventudes não se restringem mais a uma temporalidade circunscrita pela materialidade biológica. Dessa maneira, a juventude está para além de classificações etárias e biológicas. Ela se tornou uma categoria plural, que vivência sua condição juvenil via constituições históricas, em diferentes tempos e espaços, com vivências que se diferenciam entre os distintos grupos sociais.

Entre os diferentes elementos que auxiliaram no surgimento da juventude enquanto categoria social, está a música, a qual foi um dos elementos fundamentais para essa constituição, juntamente com as tecnologias de comunicação, que, desde a década dos anos 1950, têm se desenvolvido e aproximado/conectado a juventude dos diferentes lugares geográficos do planeta. Dessa forma, ao longo desses setenta anos de história, podemos verificar o surgimento de culturas juvenis que estão relacionadas à música e aos processos de identificação dos/as jovens, criando e recriando pertencimentos, articulando-se aos modos de vestir, maneiras de agir e de marcar o próprio corpo.

Na concepção de Juarez Dayrell (2002, p. 119), “o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os/as jovens buscam demarcar uma identidade juvenil.”. Assim, as culturas juvenis relacionadas aos estilos musicais são produzidas/constituídas por intermédio de uma indústria cultural. Nesse sentido, a partir desses produtos, os quais são oriundos dessa indústria mercadológica que os comercializa via diversos meios, tais como rádio, TV, disco, shows e redes sociais, os/as jovens consomem os produtos oriundos dos estilos musicais. Isso se dá em função de suas letras e significados, aliados aos/as artistas, os quais acabam por agregar, em torno de si, vários produtos, a saber: roupas, calçados, alimentos, bebidas, dentre outros.

Tendo em vista que, neste estudo, investigamos dois artefatos midiáticos relacionados aos estilos musicais do rock e do rap, ou seja, culturas juvenis relacionadas a esses estilos musicais, por meio do nosso referencial teórico (FEIXA, 1999; HALL, 2013; GROPPPO, 2016), notamos que desde as origens das culturas juvenis, no período pós-guerras, o estilo musical rock foi um dos estilos musicais que mais contribuíram para a consolidação da juventude enquanto categoria social.

Desse modo, desde seus primórdios, o rock vem atravessando as fronteiras geográficas, conseguindo se disseminar pelos diferentes continentes, de modo a proporcionar o surgimento de novas variações, de subestilos musicais a partir dele. Ainda, os avanços tecnológicos ocasionaram a globalização das tecnologias midiáticas, ajudando o rock a se tornar um movimento que transcende as fronteiras e gera inúmeros valores, tradições e práticas, configurando-se como uma matriz de identidades socioculturais singulares (GONZÁLEZ, 2008).

Feixa (1999) aponta que o diferencial do rock para as outras culturas musicais existentes à época do seu surgimento é que, no imaginário da cultura jovem, os ídolos eram também jovens, da mesma idade e de mesma origem social, apresentando semelhanças e interesses em comum. No Brasil, o estilo musical do rock passou a ter mais visibilidade em 1950, por intermédio de filmes e discos que passaram a divulgar esse estilo musical. Nesse contexto, durante os anos 1960, surgiram os movimentos Jovem Guarda e Tropicália, que se inspiravam nesse rock de origem dos Estados Unidos e Reino Unido. (GROPPPO, 2016). Com o passar dos anos, o estilo do rock foi se desenvolvendo, dando origem a novos subestilos musicais, tais como o punk rock, heavy metal, hardrock, glam metal, hardcore, dentre outros.

Segundo Groppo (2016), a partir dos anos 1980, em nosso país, “foram diferentes movimentos socioculturais de juventude (*punks, darks, hip-hop*), movimentos de grupos musicais (de novo os punks, grupos de heavy metal, vanguarda paulista, rock paulista etc.), selos independentes, shows alternativos e rádios”, que possibilitaram a criação desses movimentos alternativos, também conhecidos como *undergrounds*. Como mencionado pelo autor (GROPPO, 2016), durante os anos 80, havia diferentes movimentos socioculturais alternativos de juventude emergindo no Brasil, entre eles o movimento hip-hop, o qual é uma cultura artística formada por três elementos culturais: música (rap), somado à discotecagem (DJ), dança (break) e o grafite (arte visual). (DAYRELL, 2002; SANTOS, 2017).

O rap é um estilo musical considerado um dos pilares da cultura hip-hop, a qual teve sua origem nas periferias dos Estados Unidos, em meados dos anos 1970, nas cidades de Chicago e Nova Iorque. O termo rap é proveniente da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), pois é um estilo de música que, conforme Dayrell (2002, p. 126), “articula a tradição ancestral africana com a moderna tecnologia, produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão a partir do seu enraizamento nos guetos negros urbanos.”.

Dessa forma, o rap nacional possui um papel significativo na vida da juventude periférica brasileira. Para Dayrell (2002), por intermédio do exercício da criatividade, a qual é imposta pela característica desse estilo musical, os jovens se introduzem na cena pública para além da figura de sujeitos espectadores passivos. Isso, por sua vez, possibilita a esses jovens tornarem criadores/as ativos/as, impondo-se contra todos os limites de um contexto social que lhes impõe que fiquem à margem das produções culturais.

Desse modo, podemos verificar que ambas as culturas juvenis, constituídas a partir dos estilos musicais rock e rap, assim como todas as suas variações de subestilos musicais, interpelam os/as jovens através de uma série de significados, os quais são construídos por meio dos sistemas de representação, que, por vezes, são associados à espontaneidade, vitalidade, versatilidade, beleza, a um estado de espírito, um perfil consumidor ou, até mesmo, a uma condição corporal (VARGAS, 2015).

5.1.5 Caminhos metodológicos e analíticos

A metodologia empregada no desenvolvimento deste estudo está dividida em dois movimentos de pesquisa. Tendo em vista que as redes sociais estão cada vez mais presentes na vida das pessoas (FORECHI, 2018), optamos por utilizar a rede social Facebook como forma de busca por participantes para nossa pesquisa de mestrado, a qual está em desenvolvimento. Esse foi o que denominamos como nosso primeiro movimento de pesquisa. Para tanto, realizamos um levantamento de páginas e grupos no Facebook relacionados a estilos musicais, que fossem direcionados para o público da cidade de Rio Grande/RS. Com base nesse levantamento, encontramos: 1) um grupo relacionado ao estilo musical rock e todas as suas variações de estilos musicais, intitulado **grupo Underground¹⁴ Rio Grande (726 membros)** (Figura 25); 2) uma página relacionada ao estilo musical do rap, denominada **RapNacional Rio Grande¹⁵ (1.198 seguidores)** (Figura 26). Essa página, apesar de apresentar em seu nome uma alusão ao rap nacional, é direcionada para a divulgação de músicas e videoclipes, assim como divulgação de eventos de grupos locais de rap.

Figura 25. Print do grupo Underground em Rio Grande/RS

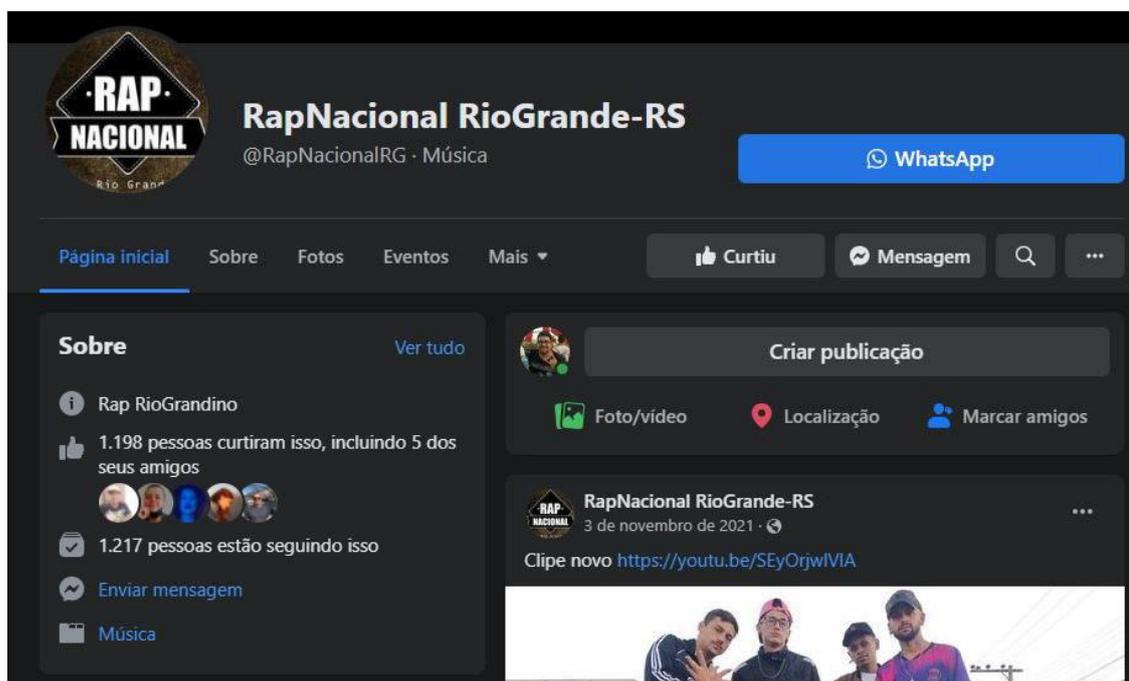


Fonte: [facebook.com/groups/382628758528466](https://www.facebook.com/groups/382628758528466)

¹⁴ Entre a juventude roqueira, é comum encontrarmos a expressão “underground”, que tem como objetivo ser um ambiente cultural que busca fugir dos padrões comerciais e que tem o intuito de fomentar um movimento local relacionado à produção musical, literária e de artes plásticas. (<https://www.significados.com.br/underground/>).

¹⁵ Na data de 19 de agosto de 2022, ao tentar visitar a Página RapNacional Rio Grande, constatamos que ela havia sido deletada. Entretanto, ao fazer a busca pelo nome da Página, encontramos um grupo na rede social com o mesmo nome (<https://www.facebook.com/groups/366696640088371/>. Acessado em 17 out. 2022).

Figura 26. Print da Página RapNacional Rio Grande – RS.



Fonte: facebook.com/RapNacionalRioGrange-RS

Os artefatos midiáticos foram selecionados seguindo os critérios de ordem cronológica de publicação. Ainda, foram selecionados aqueles que apresentassem elementos para a discussão a respeito das representações de masculinidades juvenis. Desse modo, os videoclipes selecionados para a investigação foram: 1) o videoclipe da música *Farda Demente*, da banda **Sarrafo**. O grupo Underground Rio Grande é direcionado ao público do rock e de todas as suas variações de subestilos musicais. Nesse sentido, a Sarrafo é uma banda de *hardcore beatdown*¹⁶, conforme está descrito em suas redes sociais¹⁷. Ela é composta por cinco homens jovens. São locais urbanos marcados por vulnerabilidades sociais, como o convívio com grupos criminosos e preconceito (PINHEIRO, 2011). O videoclipe selecionado para análise foi publicado no Youtube, na data de 7 de setembro de 2019, e compartilhado no grupo do Facebook na mesma data; 2) o videoclipe da música *Salve quebrada part II*, do grupo musical de rap **Gauchos MC's**¹⁸ com participação do rapper Igão. Essa canção apresenta, em sua letra, características do subestilo musical do rap consciente, que é

¹⁶ Hardcore beatdown é um subestilo musical do Rock que teve suas origens no Punk Rock, Hardcore e Heavy Metal, tende a ser um estilo musical mais lento quando comparado aos estilos ao qual teve origem. Fonte: <https://academic-accelerator.com/encyclopedia/beatdown-hardcore>

¹⁷ Link para o perfil no Instagram da banda Sarrafo <https://www.instagram.com/sarrafohc/>.

¹⁸ Link para o perfil no Facebook do grupo Gauchos MC's <https://www.facebook.com/gauchosmcs>

um dos subestilos do rap mais disseminados pelo Brasil. Esse retrata as dificuldades enfrentadas pelos moradores e jovens das periferias urbanas do país. (SANTOS, 2017). O videoclipe da música *Salve quebrada part II* foi, primeiramente, publicado no Youtube, na data de 21 de abril de 2021. Posteriormente, ele foi compartilhado na página do Facebook, na mesma data.

Como observamos, esses vídeos foram, em um primeiro momento, publicados na plataforma Youtube e, posteriormente, divulgados/compartilhados no Facebook. O Youtube é um site estadunidense de compartilhamento de vídeos, criado em 2005 e adquirido pela empresa Google em novembro de 2006. Durante a sua primeira década de existência, o Youtube fazia uso do slogan *Broadcast Yourself*, o qual, em tradução livre, significa: transmita você mesmo (ROCKEMBACH, 2018).

Guilherme Rego Rockemback (2018, p. 42), em sua dissertação, afirmou que:

[..] o YouTube tem sido um grande celeiro de criatividade quando o assunto é engajamento profissional. Divulgação de trabalhos musicais e artísticos, gameplay (vídeos em que os jogadores estão jogando jogos de computador, avaliando sua qualidade e dando dicas sobre o jogo), tutoriais das mais diversas áreas, humor, etc.

Portanto, com base na citação anterior, o Youtube permite a divulgação de trabalhos musicais e artísticos, que são o foco da nossa pesquisa. Assim, compreendemos, ancorados nos Estudos Culturais, que o Youtube se torna uma ferramenta importante para a produção e divulgação de material de grupos musicais locais/regionais, ou seja, aqueles que estão fora do chamado “*mainstream*” da música. Esse é o caso dos vídeos dos grupos musicais Sarrafo e Gaúchos MC’s, os quais foram investigados nessa pesquisa.

Outro ponto a se destacar, a respeito do compartilhamento desses vídeos, é o modo como foram compartilhados no Facebook, isto é, em comunidades (grupos e páginas) que são direcionadas ao público consumidor das culturas juvenis. Essas comunidades têm se caracterizado para além de espaços de sociabilidade, tornando-se espaços de resistência para esses grupos musicais locais.

Assim, no próximo item, apresentamos o material empírico em análise.

5.1.6 Apresentando os videoclipes analisados

***Farda Demente* – Banda Sarrafo**

O artefato midiático produzido pelo grupo musical Sarrafo (Figura 27) apresenta uma temática relacionada à opressão policial presente nas favelas e periferias urbanas do Brasil, bem como durante as manifestações populares contra atos do governo. O videoclipe se passa em uma estrutura em alvenaria abandonada, na cidade de Rio Grande, e por meio de efeitos de edição de imagens/vídeo, podemos assistir aos membros do grupo musical performando a música *Farda demente* de “cara limpa”. Além disso, eles performam a música com vestimentas características de *blackblocks*, como os moletons pretos com capuz e bandanas para esconder os rostos. Em determinadas cenas que aparecem no videoclipe, os jovens estão efetuando a pichação/grafite da bandeira antifascista, que é um dos modos como a banda se descreve em suas redes sociais.

Figura 27. Três prints de cenas do videoclipe da música *Farda demente* – Banda Sarrafo.



Fonte: <https://youtu.be/aMTvmfZc4fU>

Na parte inicial do videoclipe, podemos verificar que os membros performam a música de forma agressiva, através de Riffs¹⁹ pesados e vocais estridentes, apresentando a letra da música, a qual é composta por protestos políticos e sociais

¹⁹ Um riff é uma progressão de acordes, intervalos ou notas musicais, que são repetidas no contexto de uma música, formando a base ou acompanhamento. No estilo musical do rock, são utilizados pelos/as guitarristas.

que criticam as ações do Estado por meio de suas forças policiais contra a população periférica e favelada. Na primeira frase da letra da música, é mencionado: “Sobe o caveirão, na manhã/massacrando pobre”. Durante a primeira estrofe dessa letra de música, a Sarrafo também faz uma crítica às mídias e aos jornais, que aliviam as mortes proporcionadas pela polícia durante essas ações nas favelas e periferias urbanas. Essa realidade é perceptível no seguinte trecho da música “Tiro na cabeça, de fuzil/ de onde ninguém viu/ a mídia alivia...A ação/ viva o batalhão”.

Em outras partes da canção, encontramos a letra abordando a temática das manifestações populares, durante as quais, por vezes, as tropas de choque estão de prontidão e efetuam disparos de balas de borracha, gás lacrimogênio e spray de pimenta contra os manifestantes: “Choque em prontidão, Disparou/ Contra a multidão”.

Por fim, a música apresenta duas estrofes, que são: “Servos da desgraça que suplicam ao senhor/ Soldados do rei que dominam pela dor/ (Roupas que veste o mal)/ Agentes do Estado perpetuando o terror/ (Farda que leva o caos)/ Vítima selecionada simplesmente pela cor/(Roupa que veste o mal)/(Farda que leva ao caos)”. Nesses trechos da canção, o grupo musical caracteriza os agentes do Estado como perpetuadores do terror, os quais atuam como servos da desgraça, que dominam as populações periféricas pela dor. Também há, nessa parte final da música, uma questão racial, visto que a letra da música apresenta que as vítimas dessas ações policiais são selecionadas em função de sua cor.

Podemos observar que a canção Farda demente é uma música carregada de aberto protesto político contra as ações agressivas e opressoras do Estado contra as populações periféricas, faveladas e contra as demais classes trabalhadoras durante as manifestações. De acordo com o mencionado anteriormente, a banda Sarrafo se intitula pertencente ao subestilo musical do hardcore beatdown, que é uma vertente que teve sua origem no hardcore punk. O hardcore é um subestilo musical que teve a sua origem a partir do punk rock. Assim, verificamos que o grupo musical utiliza das características advindas dessas culturas juvenis, de performance agressiva, vocais estridentes, Riffs pesados, e letras que apresentam abertos protestos políticos e sociais. (OLIVEIRA, 2012).

Salve quebrada part II – Gaúchos MC's feat Igãõ

Esse artefato midiático, produzido pelo grupo musical de rap Gaúchos MC's, juntamente com o rapper Igãõ, tem, como objetivo, apresentar a temática da quebrada em que esses jovens rappers vivem (Figura 28), que é o bairro Parque Marinha, o qual fica localizado na Zona Oeste da cidade de Rio Grande. Durante o decorrer da produção audiovisual, podemos acompanhar que o grupo musical emprega imagens aéreas desse bairro, com a utilização de cenas/imagens que apresentam os membros do grupo Gaúchos MC's (Alison “Borges” Vieira e Anderson Vieira) e o rapper Igãõ em uma quadra de basquete, localizada em alguma praça do bairro. Nessa, efetuam o repente da letra da música.

Figura 28. Prints das cenas do videoclipe Salve Quebrada part II – Gaúchos MC's feat Igãõ.



Fonte: <https://youtu.be/E141B-U0QBo>

À medida que as cenas vão ocorrendo ao longo do videoclipe, que tem, como cenário, essa quadra de basquete e alguns outros pontos específicos dessa quebrada, os rappers vão cantando por tais pontos. A primeira estrofe da música é cantada pelo rapper Borges, e ela aborda a presença da criminalidade e das forças policiais no bairro, conforme parte dos primeiros versos da música: “Aqui a bala canta, som infinito/ No meio da madrugada escuta os gritos/ Ao amanhecer as marcas são de tiro”. O rapper Anderson é o cantor da segunda estrofe da canção, a qual tem, como intuito, apresentar e discutir as regras de como se deve viver nesse bairro: “Não é só chegar,

tem que saber se enturmar/ Tem os meus trutas para me apoiar/ Cagueta aqui fica sem falar/ Tarado é poucas ideias/ Mulheres são livres, respeita elas”.

Já a terceira estrofe da música é cantada pelo rapper Igã. Nessa parte, são apresentadas, como temáticas, algumas características da quebrada (do bairro), como as partidas de futebol nos campinhos, os ensaios dos blocos de carnaval. Ainda, são descritos mais alguns lugares que são pontos de lazer da juventude, tais como as mercearias 24 horas para consumo de certas bebidas alcoólicas, como o corote e as caipirinhas.

Nas três estrofes da letra da música, podemos encontrar o seguinte refrão: “A vida real não é conto de fada, salve quebrada/ Os homens me vê já logo me enquadra, salve quebrada/Caminham na rua, mudam de calçada, salve quebrada/É vida real não é conto de fada, salve quebrada”. Desse modo, por meio do refrão da música, o grupo musical manda um “salve” para a sua quebrada. Além disso, nesse refrão, é abordada a questão a respeito da polícia enquadrar os jovens que moram nessa quebrada e lembrado que a vida é real nesse bairro periférico e não um conto de fadas.

Logo, a música *Salve quebrada part II* é um artefato cultural característico do rap nacional. Na letra dessa canção, são discutidas as dificuldades enfrentadas pela juventude e demais moradores das periferias urbanas do Brasil. Assim, concluímos essa parte do artigo, em que tínhamos, como objetivo, apresentar os videoclipes a serem analisados. A partir deste momento, passamos para a próxima parte dessa escrita, em que buscamos discutir as representações de masculinidades juvenis contemporâneas que subjetivam a juventude apresentada nos locais retratados nas letras de música.

5.1.7 Alguns achados a respeito das masculinidades juvenis contemporâneas representadas nos dois videoclipes

Ao analisar os videoclipes dos grupos musicais Sarrafo (Rock) e Gaúchos MCs (Rap), investigados neste estudo, constatamos que neles, através de modos diferentes, é abordada uma mesma temática, relacionada às questões sociais, principalmente o modo de vida nas periferias urbanas e as violências sociais. Desse modo, ao buscar analisar as representações de masculinidades juvenis encontradas nos dois artefatos culturais, identificamos que, em ambos os casos, os jovens são

subjetivados pelas vivências proporcionadas em locais urbanos do Brasil, tanto em escala nacional, quanto em escala local, como em suas “quebradas”. Entre essas vivências, a criminalidade e a violência são problemas que acabam influenciando na vida desses jovens, inclusive as violências que têm origem nas forças policiais do Estado.

Outra questão a se destacar, acerca das representações presentes nos dois artefatos midiáticos, é o fato de essa juventude estar tencionando questões sociais, contrapondo-se a uma ideia de moratória social. Para Dayrell (2003, p. 41), a moratória social representa o espaço que os/as jovens teriam “para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil”. O que encontramos, nos cliques dos grupos musicais, são homens jovens, os quais, por intermédio de sua música, buscam denunciar e combater a violência contra outros jovens de origem periférica, contra as populações negras e contra as mulheres. Logo, esses artefatos culturais proporcionam aos/às espectadores/as uma noção de coletividade, um pensamento para além da compreensão individual de manter-se vivo. Assim, nas letras das canções é esboçado o desejo de que seus pares também sobrevivam.

Nesse sentido, os dois grupos musicais tencionam a representação de uma masculinidade “esperada”/masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), que está relacionada ao fato de que eles têm o objetivo de ir para o conflito/combate de forma violenta e agressiva, assim como sofrem com os atos de violência praticados pelas forças do Estado. Essa juventude não busca se envolver nessa lógica de conflito, que é pautada pela violência física, esses jovens buscam manter-se vivos, tendo em vista que os dados estatísticos demonstram que os homens jovens, **principalmente os pobres e negros** são os que acabam sendo vítimas fatais da violência. Tais dados podem ser corroborados a partir do Atlas da Violência do Ipea (2021), o qual apontou que a violência é uma das principais causas de morte dos homens jovens. A título de exemplo: dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. O município do Rio Grande/RS foi a cidade do interior do estado mais violenta no ano de 2022.

A pesquisadora Melissa de Mattos Pimenta (2014), em seu trabalho “Masculinidades e sociabilidades: Compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade”, destacou que, nos grandes centros urbanos, os jovens do

sexo masculino têm sua perspectiva de chegar à vida adulta ameaçada, principalmente em locais com contextos urbanos de grande exposição à violência. Dessa forma, ao operar as representações presentes nos dois artefatos midiáticos, encontramos jovens que demonstram masculinidades contestadoras da sua realidade social através de sua música, não querendo ir ao encontro da criminalidade ou ir para o conflito/combate. A respeito do grupo musical de rap, Gaúchos MC's, encontramos, no videoclipe desse grupo musical, representações de masculinidades juvenis que são marginalizadas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) em relação às hegemônicas. Ainda sobre esse videoclipe, as masculinidades representadas pelos três jovens demonstram o quanto os homens são interpelados pelas questões sociais que estão em seu entorno, em suas quebradas. Por outro lado, esses jovens também demonstram masculinidades contestadoras/resistentes. Assim, eles, por meio da sua música, de seu "rap", questionam sua realidade local, o bairro Parque Marinha, no qual moram e vivenciam a sua juventude.

A banda de rock Sarrafo, do mesmo modo, apresenta representações de masculinidades juvenis interpeladas pelas questões sociais que se referem à violência e à opressão do Estado. Entretanto, diferentemente do grupo de rap, o videoclipe e a letra da música *Farda demente* abordam as tensões sociais de um modo nacional. No decorrer da apresentação desse artefato midiático, há também uma falta de informações a respeito da realidade em que vivem esses jovens roqueiros. Talvez, os jovens que formam esse grupo musical não vivenciem os mesmos problemas sociais enfrentados pelos rappers do grupo Gaúchos MC's. Esses últimos parecem enfrentar casos relacionados a dimensão racial. Já a banda de rock é formada só por homens jovens brancos. Logo, existe a possibilidade de pertencerem a classes sociais mais elevadas ou a residirem em bairros com moradores/as com maior poder aquisitivo. Na verdade, o que se observa, no videoclipe do grupo Sarrafo, é o objetivo de contestar, por intermédio de sua música, essa realidade de violência vivenciada nas periferias urbanas do Brasil.

De qualquer modo, podemos pensar que, independente do grupo musical analisado, esses jovens respondem, em parte, aos discursos ou às representações naturalizadas acerca das masculinidades juvenis. Assim, deixam claro que devem ser fortes, viris, protagonistas de suas ações. Contudo, em ambos os casos, esses jovens não buscam aderir a uma ideia de ir ao "encontro do conflito/combate" ou de "morrer no combate". A intencionalidade desses jovens é, através de suas culturas juvenis,

contestar essa realidade social em que vivem. Eles usam sua música e seus videoclipes para fazerem essa contestação. Essa característica vai ao encontro da gênese dos dois estilos musicais, o rock and roll e o rap, que sempre buscaram discutir os ideais de liberdade, igualdade, de contestação e ruptura com o sistema político dominante, dando visibilidade à juventude e a necessidade de participação social.

Dessa forma, as representações de masculinidades juvenis contemporâneas encontradas nos artefatos culturais analisados tencionam as masculinidades hegemônicas que estão relacionadas à violência presente nas vivências dos jovens que representam a letra no videoclipe. Cabe ressaltar que as masculinidades hegemônicas, tencionadas por esses grupos musicais, constituem-se nestes ambientes através de estratégias de empoderamento masculino, as quais são produzidas com base em uma forma social de poder. (CORNEAU, 1995; OLIVEIRA; SANTOS, 2020).

Vale ressaltar, ainda, que não podemos compreender a masculinidade hegemônica como somente atos de agressões físicas. Na concepção de Connel e Messerschmidt (2013, p. 245), “a hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão”. Assim, os sujeitos que exercem esse poder não necessariamente agirão usando da violência física. Essa dominação poderá envolver um número maior de pessoas, de modo a ser produzida através da cultura, de instituições como a escola e as forças do Estado, ao contrário de uma violência física, que pode ser produzida a partir de um único sujeito.

5.1.8 Concluindo...

Após as análises realizadas neste artigo, podemos observar que as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nos videoclipes das músicas *Farda demente* (Sarrafo/Rock) e *Salve quebrada part II* (Gauchos MC's/Rap) são representações de homens jovens que estão contestando suas realidades sociais, as quais são marcadas pela submissão a distintas formas de violências. No videoclipe da música *Farda demente*, há uma violenta cobrança que a sociedade exige dos homens apenas por serem homens. Já no videoclipe da música *Salve quebrada part II*, os jovens contestam a ausência do Estado em sua quebrada.

Em ambos os artefatos, encontramos jovens que resistem, por meio de suas músicas, às formas como são tratados pelo Estado, as quais, muitas vezes, têm origem a partir das forças policiais. Logo, esses jovens estão preocupados com suas vidas de forma individual, mas também demonstram uma preocupação com os seus pares, tendo o intuito de que esses também sobrevivam a tais ações violentas.

Nesse sentido, por meio desses dois artefatos investigados, com as contribuições dos Estudos Culturais, problematizamos e analisamos o que pretendem as pedagogias culturais, que são capazes de ensinar comportamentos nas sociedades. Os dois grupos musicais tinham, como tema central, discutir justamente as questões sociais que esses jovens vivenciam, propondo reflexões a partir de suas letras/músicas.

Assim, a partir dois videoclipes, constatamos que esses jovens entendem a potencialidade que esses artefatos culturais possuem em produzir e questionar as relações sociais que são constituídas por pedagogias culturais. Dessa forma, em ambos os artefatos nessa escrita analisados, observamos como esses grupos musicais, através da sua arte, tencionam as relações que resultam a partir das masculinidades hegemônicas. Logo, esses jovens tencionam o discurso que é produzido pelas elites brasileiras, o qual busca colocar esses jovens à margem da sociedade, fazendo o uso do Estado através do uso de violência. Além disso, eles também questionam os discursos produzidos pela comunidade local dos bairros periféricos, os quais, muitas vezes, são produzidos pelas facções criminosas ou pelas milícias, que atuam como se tivessem essa forma social de poder sobre e entre os jovens das diferentes quebradas do Brasil.

Na sociedade brasileira, criou-se um imaginário nas cidades, criando-se uma disputa entre mocinhos e bandidos. Conforme o autor Bruno Manso (2020, p. 189), existe “Uma polícia violenta e disposta a ir à guerra para defender a “parte civilizada”, os mais ricos e brancos, dessas ideias ameaçadoras, seria o contraponto identitário para a formação dos conflitos”. No entanto, o que encontramos, nesses dois artefatos culturais analisados, são homens jovens que, durante os seus processos de constituição enquanto sujeitos, buscam quebrar essa lógica de conflito da sociedade.

Desse modo, ambas as culturas juvenis aqui investigadas, o rap e o rock, ajudam os jovens a terem essa sensação de contestação de suas realidades sociais. Assim, ao denunciarem essas ações, esses artefatos buscam contribuir para que

essas culturas juvenis relacionadas a esses estilos musicais produzam práticas de respeitabilidade na sociedade, principalmente a partir da juventude do país.

5.1.9 Referências

ANDRADE, Sandra; MEYER, Dagmar. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. **Educar em Revista**, v. Edição Especial, n. 1, p. 85–99, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/hT39pphnhSjW5DyJgz73CdB/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 20 mar. 2023.

BOGEA, Arthur Furtado; NUNES, Iran de Maria Leitão. Os discursos normativos de gênero configurando masculinidades no espaço escolar. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, v. 22, p. 1–12, 2022. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/41072>. Acesso em:

10 jan. 2023.

BRITO, Leandro Teófilo De. Enfrentar o vírus como homem e não como moleque: quando a masculinidade tóxica se torna genocida. **Revista Docência e**

Cibercultura, v. 6, n. 2, p. 150–162, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.12957/redoc.2022.62923>. Acesso em: 22 dez. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**.

3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2021. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 5 dez. 2022.

COLLING, Ana Maria. Gênero e história: um diálogo possível? **Contexto &**

Educação, n. 71/72, p. 29–43, 2004. Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1131>.

Acesso em: 14 jul. 2023.

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em:

7 maio 2023.

- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 maio 2023.
- CORNEAU, Guy. Paternidade e Masculinidade. *In*: NOLASCO, Socrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 43–52.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 maio 2023.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 117–136, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 maio 2023.
- FEIXA, Carles. A Construção Histórica da Juventude. *In*: CACCIA-BAVA, Augusto; PAMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzales (Orgs.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004, p. 183–255.
- FEIXA, Carles. **De juvenes, bandas y tribus: Antropologia de la juventud**. 1ª Edição. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1999.
- FORECHI, Marcilene; SANTOS, Karla Natario dos; CONSTANTE, Fernanda Lery Pereira. **Concepções teóricas na propaganda**. Porto Alegre: Sagah, 2018.
- GONZALEZ, Daniel Guzman. Rock, identidad e interculturalidad. **conos. Revista de Ciencias Sociales**, v. 18, n. Janeiro, p. 33–42, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/509/50901805.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2022.
- GROPPO, Luis Antonio. **Juventudes: Sociologia, Cultura e Movimentos**. Alfenas/MG: Universidade Federal de Alfenas, 2016.
- HALL, Stuart. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 21 jul. 2023.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. **Rituales de Resistencia: Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de postguerra**. Madrid: Traficante de Sueños, 2014.

MANSO, Bruno Paes. **A República das Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Alienigenas na sala de aula**. 9ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

OLIVEIRA, Antonio Carlos de; BRITO, Leandro Teofilo De; LOPES, Paulo Victor Leite. Masculinidades Plurais. **O Social em Questão**, n. 55, p. 1–12, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61434/61434.PDF>. Acesso em: 14 fev. 2023.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de. A cena alternativa do hardcore: cultura e política. **Embormal: Revista Identidades e História Cultural II**, v. 3, n. 6, p. 1–21, 2012. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/embornal/article/view/3193>. Acesso em: 22 out. 2022.

OLIVEIRA, Francis Fonseca; SANTOS, Claudiane. Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos Capes entre 2000 e 2017. **Revista Diversidade e Educação**, v. 7, n. 2, p. 105–128, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9510>. Acesso em: 10 out. 2022.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Masculinidades e sociabilidades: Compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 7, n. 3, p. 701–730, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117311/000965189.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 out. 2022.

PINHEIRO, Diogenes. A cidade espetáculo e as favelas: visibilidade e invisibilidade social da juventude no Rio de Janeiro. **Revista Contexto & Educação**, v. 26, n. 85, p. 91–115, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/444>. Acesso em: 20 jul. 2023.

ROCKEMBACH, Guilherme Rego. **Construções discursivas em estudo nas mídias digitais: os youtubers fabricando modos de ser jovem**. Dissertação de

Mestrado, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018. Disponível em: <http://omp.ifsul.edu.br/index.php/repositorioinstitucional/catalog/book/203>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SANTOS, Daniel dos. **Como fabricar um gangsta: Masculinidades Negras nos videoclipes dos Rappers Jay-z e 50 Cent**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26863>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4340>. Acesso em: 14 fev. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma introdução às Teorias de Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VARGAS, Juliana Ribeiro de; KLEIN, Carin. Funk ostentação: Masculinidades de jovens contemporâneos. *In*: RIZZA, Juliana Lapa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; *et al* (Orgs.). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Editora da Furg, 2019, p. 189–200.

VARGAS, Juliana. **O que ouço me conduz e me produz? A constituição de feminilidades de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/115726>. Acesso em: 13 fev. 2023.

5.2 ARTIGO 2:

REPRESENTAÇÕES PLURAIS DE MASCULINIDADES JUVENIS: O QUE DIZEM JOVENS DO ROCK, DO RAP E DO KPOP DO SUL DO BRASIL

PLURAL REPRESENTATIONS OF YOUTHFUL MASCULINITIES: WHAT YOUNG PEOPLE FROM ROCK, RAP AND KPOP IN SOUTHERN BRAZIL SAY

Resumo: A partir das perspectivas teóricas dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero e das Masculinidades, pretendemos, no presente artigo, problematizar as dimensões de diferentes estilos musicais e a (re)constituição de masculinidades por sujeitos (homens) jovens. Assim, temos, como objetivo, investigar representações de masculinidades contemporâneas visibilizadas por narrativas de sete homens jovens, os quais se descrevem como pertencentes às culturas relacionadas aos estilos musicais do *kpop*, *rap* e *rock*. Compreendemos como cultura toda manifestação de um grupo humano, o que significa entender os diferentes estilos musicais enquanto dimensões culturais. Como estratégia metodológica, valemo-nos das entrevistas narrativas, que foram realizadas de modo virtual, por meio de ferramentas que permitiram a execução de videochamadas. Nas narrativas dos jovens, foi possível constatar um distanciamento das representações de masculinidades “tradicionais/hegemônicas”. Essas diferentes representações, por sua vez, buscam outras formas de representações plurais/dissidentes/queers. Em se tratando de resultados, destacamos que, mesmo que os diferentes estilos musicais mencionados visibilizem determinadas posturas como representativas da masculinidade, os jovens do estudo (re)constituem significados e (re)definem, a partir da pluralidade, o exercício da masculinidade.

Palavras-chave: Masculinidades, Estudos Culturais, Narrativas, Culturas Juvenis, Estudos de Gênero.

Abstract: Based on the theoretical perspectives of the Cultural, Gender and Masculinities Studies, in this article, we intend to problematize the dimensions of different musical styles and the (re)constitution of masculinities by young subjects (men). Thus, we aim to investigate representations of contemporary masculinities made visible by the narratives of seven young men who describe themselves as belonging to cultures related to the musical styles of Kpop, Rap and Rock. We understand culture as every manifestation of a human group, which means understanding different musical styles as cultural dimensions. As a methodological strategy, we used narrative interviews, which were carried out virtually, using tools that allowed video calls to be made. In the narratives of the young people, it was possible to see a distancing from representations of “traditional/hegemonic” masculinities and that sought other forms of plural/dissident/queer representations. As results, we highlight that, even the different musical styles mentioned make visible certain postures

as representative of masculinity, young men (re)constitute meanings and (re)define, based on plurality, the exercise of masculinity.

Keywords: Masculinities, Cultural Studies, Narratives, Youthful Cultures, Gender Studies.

5.2.1 Apontamentos iniciais

Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola
(Legião Urbana - Geração Coca-Cola)

Valemo-nos dos versos da música *Geração Coca-Cola* para visibilizar a aproximação entre as culturas juvenis, a música e a própria constituição dos sujeitos jovens, temáticas que, em alguma medida, buscamos problematizar nesta escrita. A referida música faz parte do primeiro álbum da banda Legião Urbana, lançado em 1985 e parece retratar uma juventude insatisfeita com as condições de vida impostas pelo Regime Militar, que estava, naquele momento, chegando ao fim em nosso país.

Assim como buscamos demonstrar, com a epígrafe escolhida, compreendemos que diferentes estilos musicais podem fomentar, a partir das perspectivas teóricas pós-estruturalistas, a própria constituição dos sujeitos e dos seus modos de ser e de viver. A partir dessa premissa, ancorados nas perspectivas teóricas dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero e das Masculinidades, pretendemos, no presente artigo, investigar representações de masculinidades juvenis contemporâneas visibilizadas por narrativas de jovens que se descrevem como pertencentes às culturas relacionadas aos estilos musicais *kpop*²⁰, *rap*²¹ e *rock*²². Nesse movimento, buscamos problematizar as dimensões de diferentes estilos musicais, as quais produzem a (re)constituição de masculinidades por sujeitos (homens) jovens.

Importante referir que esse texto constitui um recorte de uma investigação maior, em finalização, na qual temos, como objetivo, problematizar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nas culturas juvenis

²⁰ Kpop é uma abreviação do nome *koreanPop*. Trata-se de um estilo de música que teve origem na Coreia do Sul e tem uma mescla de ritmos do pop, rap, jazz, rock e da música eletrônica.

²¹ O rap é uma abreviação da palavra inglesa *rhyme and poetry* (rima e poesia), é um estilo musical que se constitui como um dos pilares da cultura do *hip hop*, sendo esse o pilar musical.

²² O rock é um estilo musical que surgiu no final da década dos anos 1940 e início dos anos 1950 nos Estados Unidos, com raízes nos estilos musicais do *blues*, *R&B* e *jazz*. Desde o seu surgimento, ele se desenvolveu em diversos “subestilos” musicais, como o *classic rock*, *punk rock*, *heavy metal*, *hardCore*, entre outros.

relacionadas aos estilos musicais anteriormente citados. Neste texto, apropriamo-nos do conceito de cultura em consonância com campo dos Estudos Culturais em Educação, na vertente pós-estruturalista, distanciando-nos das definições de alta e baixa cultura. Logo, compreendemos que “todas as manifestações significativas para os distintos grupos sociais podem ser compreendidas como produções culturais.” (VARGAS, 2015, p. 30).

Segundo destaca Stuart Hall, (1997) as tecnologias de comunicação e informação contribuem para os processos de produção, circulação e troca cultural entre os indivíduos de um mesmo grupo social e entre distintos grupos. A expressão *centralidade da cultura* representa a dimensão assumida pelas produções culturais na contemporaneidade. Isso ocorre por estar presentes na vida de todos os sujeitos sociais, pois “[a cultura] penetra em cada recanto da vida social contemporânea [...] mediando tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam [...]” (HALL, 1997, p. 22) sendo (re)produzida e (re)significada continuamente²³.

A partir dessas concepções, entendemos que é também por meio da cultura que ocorre a aproximação ou a distinção entre os grupos e/ou os indivíduos durante os processos de sociabilização. Nesse sentido, sabemos que marcadores, sociais como as diferenças de classe, de gênero, sexualidade, geração e de etnia, também se constituem e são articulados no âmbito cultural. Dessa maneira, os significados culturais possuem efeitos de realidade e acabam por regular as práticas sociais. Conforme Maria Laura Moraes (2019, p. 169), “o reconhecimento do significado faz parte do senso da nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento.”.

Nesse viés, a linguagem funciona como sistemas de representações (HALL, 1997), os quais são constituídos por intermédio de discursos que estão sendo produzidos e reproduzidos através de redes de significações presentes em conversas de rodas de amigos/as, em sala de aula ou salas de trabalho. Além dessas formas, podemos encontrar essas significações em artefatos culturais que circulam nas imagens e nos vídeos a que assistimos ou, ainda, em artefatos que escutamos em músicas e videoclipes, lemos em documentos e livros, assim como, mais recentemente, encontramos em publicações de que compartilhadas em redes sociais.

²³ O destaque é feito pelo autor.

Para Hall (2002), é no decorrer do que fazemos, ouvimos, pensamos, dizemos e sentimos – como representamos – que produzimos os significados. Assim, através do modo como interpretamos os objetos, as pessoas e os eventos é que que conferimos esse sentido a essas representações, ou seja, por meio da forma que as utilizamos ou as integramos em nossas práticas sociais. Nesse sentido, as representações culturais são produzidas via um processo de construção de significados, os quais estão para além de descrevê-los ou apresentá-los. Logo, as representações ativamente acabam por produzir os grupos, as pessoas, suas identidades e a cultura de que falam (SANTOS, 1997). São construídas com base nos discursos que estão conectados a uma rede de significados, instituídos e colocados em circulação através das linguagens ou, segundo Tomaz Tadeu Silva (2011, p. 32) menciona: “as formas pelas quais esse “real” e essa “realidade” se tornam presentes para nós representados”.

Na sequência desta apresentação, destacamos, de modo breve, as dimensões de determinados estilos musicais e das culturas juvenis por eles motivados. Isso é realizado se pensando em de que forma tais dimensões operam sobre a (re)constituição das masculinidades dos sujeitos jovens homens. Em seguida, apresentamos os caminhos metodológicos, os sujeitos participantes da pesquisa e analisamos suas narrativas, que emergiram a partir de entrevistas. Por fim, encerramos essa escrita destacando os modos como os jovens entrevistados vêm (re)constituindo suas masculinidades.

5.2.2 Estilos Musicais e Culturas Juvenis

De acordo com Carles Feixa (1999) e Luiz Antonio Groppo (2016), diferentes estilos musicais, como expressão de cultura e identidade de diferentes grupos sociais, colaboraram, também, para a constituição da juventude como categoria social, em especial, no período pós-guerras. Foi no decorrer desse período que houve o desenvolvimento das tecnologias de comunicação, como o rádio e os discos de vinil, os quais possibilitaram a música ser um dos principais elementos que contribuíram para a aproximação/conexão dos/as jovens em diferentes lugares geográficos do planeta. Na concepção de Dayrell (2007), a dimensão cultural promovida pela música opera como espaço de constituição das identidades juvenis. Isso se dá por meio das práticas, dos símbolos e dos rituais compartilhados entre os pares e, muitas vezes,

visibilizados nos próprios corpos dos jovens, a exemplo das tatuagens e dos *piercings* que esses ostentam. Como veremos adiante, podemos pensar que a própria (re)constituição de masculinidade pode valer-se ou tencionar símbolos representativos de diferentes estilos musicais – como uso de determinadas roupas, cores, cortes de cabelos e maquiagem.

Durante o período pós-guerras, ao longo dos anos de 1950, diferentes movimentos juvenis foram impulsionados pelos estilos musicais da época, como os *rockers*, *bikers* e *teds* (FEIXA, 1999; GROPPPO, 2016), os quais se constituíram como manifestações distintas da cultura, ou seja, marcaram diferentes expressividades das juventudes em diferentes momentos históricos. Contudo, autores/as como Feixa (1999), Juarez Dayrell (2002) Groppo (2016), Manuela Belen Calvo (2020) apontam, em seus estudos, uma maior presença de homens em manifestações relacionadas a determinados estilos musicais, como no *rock* e no *rap*, estilos populares entre os jovens participantes de nosso estudo. Dessa forma, parece-nos profícua a problematização das masculinidades de jovens que se sentem pertencentes aos referidos estilos musicais e, ainda, ao *kpop*, uma vez que tal gênero musical vem agregando inúmeros fãs, em diversos países, na atualidade. Segundo destacamos anteriormente, nesse estudo, voltamos nossos olhares para os estilos musicais *rock*, *rap* e *kpop* em articulação com a produção das masculinidades e, por essa razão, apresentamos brevemente, cada um desses estilos.

O *rock* foi um dos estilos musicais que mais contribuiu para a consolidação da juventude enquanto categoria social (HALL; JEFFERSON, 2014). Desde a sua origem, datada da década de 1950, esse estilo musical atravessa fronteiras geográficas, alcançando diferentes locais do planeta (FEIXA, 1999; GROPPPO, 2016). Ao longo dos anos, principalmente nos países ocidentais do Hemisfério Norte, foram surgindo novos “subestilos” musicais dentro do próprio *rock*, a exemplo do *heavy metal*, *classic rock*, *hard rock*, *glam rock*, *rock progressivo*, *pop rock*, *punk rock*, *hardcore*, *emo rock*, *rock brasil*, *samba rock*, entre outros. Jeder Janotti Junior (2003) discute a respeito da dificuldade em se delinear as fronteiras entre esses vários estilos musicais presentes na cultura juvenil do *rock*, assim como entre o próprio *rock* e os demais estilos musicais. De acordo com o autor (2003, p. 24), “a ideia de *rock* é um espiral textual que envolve a formação dos sentidos e os investimentos afetivos, moldando assim o que vem a ser *rock* para certos fãs, mas é inaceitável para outros”. Apesar de as mulheres passarem a estar presentes, no *rock*, em especial, posterior

aos anos de 1970, a pesquisadora Cristiane Pawlowski (2013, p. 60) destaca que, por mais que “as características do movimento *rock* carreguem ideias de liberdade, de igualdade, de contestação e ruptura com o sistema político e cultural dominante, o *rock* delinea-se como um universo artístico e musical predominantemente masculino”.

Também o protagonismo dos homens pode ser visibilizado nas primeiras manifestações do movimento cultural do *hip hop*. No que se refere a esse estilo musical, o *rap* é um de seus pilares constituidores, juntamente com a discotecagem (DJ), o *break* (dança) e o grafite (DAYRELL, 2002). Analisando sob uma perspectiva mais atual, Ana Carolina Marques e Ricardo da Fonseca (2020, p. 35) destacam que: “O movimento *hip hop* e o *rap* ainda são compostos predominantemente por homens e os conteúdos de diversas rimas reforçam os discursos machistas e que objetificam as mulheres”. O termo *rap* é proveniente da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). Ele é um estilo de música que busca articular a tradição ancestral dos povos africanos que foram para as Américas com as tecnologias de áudio, que estavam presentes em Chicago e Nova Iorque, nos Estados Unidos, em meados dos anos 1970. Conforme Dayrell (2002, p. 126), o *rap* acaba “produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão a partir do seu enraizamento nos guetos negros urbanos.”.

Como destaca o autor (DAYRELL, 2002), a organização de eventos a baixo custo, para divulgação dos artistas e de suas composições e, atualmente, o acesso facilitado às redes sociais, são fatores que colaboraram para a proliferação de grupos de *rap* nas periferias urbanas brasileiras. Dessa maneira, essa produção criativa cultural, proporcionada pelo *rap* e pelo movimento *hip hop*, instiga os/as jovens a questionarem acerca de contextos sociais e amplia o repertório de símbolos culturais, os quais, igualmente, contribuem para a (re)constituição de suas masculinidades.

O terceiro estilo musical investigado, neste estudo, o *kpop* (korean pop), é oriundo das culturas sul-coreanas, sendo um dos últimos movimentos juvenis de massa a chegar ao Brasil. Ele é um estilo musical constituído a partir de misturas de ritmos popularmente conhecidos no ocidente, como as músicas *pop*, *rap*, *rock*, *dance* e eletrônica, além de apresentar uma estética de videoclipes e moda próprios. Em se tratando desse estilo musical, um marco da música sul-coreana, em nosso país, foi a música *Gangnam Style*, do artista Psy. O videoclipe dessa canção foi o primeiro de origem da Coreia do Sul a conquistar a marca de mais de dois bilhões de visualizações no *Youtube* (SOUZA, 2015).

Posteriormente ao surgimento do cantor Psy, o grupo BTS se tornou mais um fenômeno mundial do kpop (SANTANA; SANTOS, 2019; ROBASKI, 2019). O nome do grupo significa, em coreano, *Bangtan Sonyeondan*, o qual, em uma tradução para o português, significa “escoteiros a provas de balas”. Segundo Alejandra Barrera Ugarte (2020), o *kpop*, através de suas boy-bands, proporciona ao mundo uma variedade de personalidades e diferentes representações de masculinidades, que podem ser desde fofo, engraçado, despreocupado, quase infantil, até áspero, sensual e sugestivo. Os grupos musicais desse gênero buscam uma aproximação da ideia de masculino ligada à dança, sendo extremamente energética e, por vezes, danças sensuais. Entretanto, também há representações de masculinidades juvenis, entre os artistas sul-coreanos, em que se apresentam homens masculinizados, fortes e viris. Ugarte (2020) relaciona essas práticas às influências do *hip hop* e do *rap*, como a dança *break*, nessas representações.

Buscamos, nessa seção, apresentar, de modo breve, algumas características dos estilos musicais abordados em nossa pesquisa. Na seção seguinte, apresentamos alguns destaques acerca das masculinidades contemporâneas.

5.2.3 Alguns apontamentos sobre as masculinidades

A fim de problematizarmos a produção das masculinidades juvenis, é importante situarmos as discussões sobre esse campo teórico. A emergência dos estudos das masculinidades se deu na década de 1970, momento em que a masculinidade começou a aparecer não mais como um tema secundário, associado a outros interesses de pesquisa, mas como um campo produtivo para se pensar e problematizar os significados culturais que começaram a ser produzidos acerca dos homens (OLIVEIRA, 2004; HERRERA, 2006).

Entre as diferentes noções teóricas originárias dos estudos das masculinidades, a teoria da masculinidade hegemônica foi uma das mais difundidas entre as pesquisas nesse campo (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013; BRITO, 2021). A pesquisadora australiana Raewyn Connel (1995) inovou ao nomear a masculinidade hegemônica como uma dinâmica cultural em que os homens exigiam e buscavam manter uma posição de liderança nas sociedades ocidentais. Para tanto, segundo ela, faziam uso de práticas de legitimação do patriarcado, submissão das mulheres, atuando na hierarquização entre os próprios homens. Com

isso, eram constituídas representações de masculinidades tidas como subalternas, cúmplices, marginalizadas e subordinadas (BRITO, 2018).

Nesse sentido, nos últimos anos, emergiu um debate contemporâneo sobre a chamada masculinidade tóxica, que está relacionada aos modos normativos de “ser homem”, que, conforme João Gabriel Portilho e colaboradores (2020, p. 1), “é uma enunciação contemporânea muito próxima aos sentidos da teorização da masculinidade hegemônica”. Essa hegemonia, por sua vez, atua desde cedo na educação de meninos e jovens, tornando-se maléfica aos próprios homens ao gerar desequilíbrio e desordem emocional para eles nas relações sociais (CASTRO, 2018; PORTILHO, 2020).

A partir das teorizações das masculinidades hegemônicas, tais estudos abriram caminhos para que demais pesquisadores/as do campo das masculinidades produzissem trabalhos em que investigam e relatam diferentes formas de masculinidades. Segundo Antônio Carlos de Oliveira e colaboradores (2023, p. 1), existem formas plurais de masculinidades. Desse modo:

Observada tal multiplicidade – em contraposição a traços rígidos historicamente associados a uma única forma masculina de estar no mundo –, importa conhecer, descrever, significar e explorar expressões/produções de masculinidades em suas diversas dimensões e manifestações, em interface com outros importantes marcadores sociais, como classe social, raça, sexualidade, geração, origem e pertencimento territorial, dentre outros.

Dessa forma, ao buscar investigar representações de masculinidades juvenis através das narrativas dos jovens em nosso estudo entrevistados, entendemos que há a possibilidade de se encontrar diferentes produções de ser masculino, que podem variar de acordo com seus contextos sociais e culturais. A partir dessa compreensão, de que há uma pluralização de masculinidades presentes na sociedade, encontramos pesquisadores/as que têm apresentado teorizações a respeito dessa temática no que tange às culturas juvenis.

Relacionados às masculinidades encontradas no *rap*, temos os trabalhos de Daniel dos Santos (2017), Eliane Cristina Brito de Oliveira (2017) e Vitor Moraes Gomes (2019), nos quais são abordadas as masculinidades negras em videoclipes, o *gangsta rap* e as masculinidades negras e o homem negro e as masculinidades subalternas no rap, respectivamente. Já no referente às masculinidades no *rock*,

temos os trabalhos de Cristiane Pawlowski (2013), Leonardo Turchi Pacheco (2017), Manuela Belen Calvo, (2020), os quais apontam e discutem algumas representações de masculinidades na cultura juvenil, tais como aproximações com representações de masculinidades tóxicas e hegemônicas e representações de masculinidades alternativas. Por fim, em relação às pesquisas que investigam as masculinidades no *kpop*, já citamos, anteriormente, o trabalho de Alejandra Barrera Ugarte (2020). Nesse estudo, ela menciona que, nesta cultura juvenil, há representações juvenis que buscam distanciamento das lógicas de essencialismo binário, como formas experimentação de elementos andrógenos sem serem julgados por outros participantes de determinada cultura.

Buscando seguir nessa linha de distanciamento de essencialismos binários, Leandro Teófilo de Brito (2021) vem propondo um construto teórico para a masculinidade *queer*, subsidiado nas discussões da filósofa Judith Butler e de Jacques Derrida, para a interpretação de significações do masculino no contexto do esporte brasileiro. Assim, para esse autor, a masculinidade *queer* se traduz como um “horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino” (BRITO, 2021, p. 10), proporcionando identificações inumeráveis às performatizações/representações de masculinidade.

A perspectiva *queer* que se refere às masculinidades proporciona aproximações com as representações de sexualidades dissidentes, as quais são caracterizadas pelas formas de ser e de estar no mundo a partir de modos que desviam das normas (cis)heteronormativas (RUANI *et al.*, 2021). Assim, as masculinidades que representam/performam as formas dissidentes, buscam esse distanciamento do referencial idealizado para lógica binária das sociedades. Conforme Ruan Ruani e colaboradores (2021), “apresentar uma masculinidade, nesta perspectiva, é muito mais do que dizer-se homem; é também trazer para o discurso aspectos constituintes das masculinidades que fogem aos padrões (cis)heteronormativos”.

Na próxima seção do texto, apresentamos os caminhos metodológicos que nos auxiliaram na produção dos dados narrativos. Ainda, nessa parte da escrita, apresentamos os participantes do estudo.

5.2.4 Apontamentos Metodológicos – A Entrevista Narrativa e os Participantes

Para o desenvolvimento desta pesquisa, empregamos, como forma de produção de dados, a metodologia de entrevistas narrativas por entendê-las como práticas sociais que constituem os próprios sujeitos. Segundo as pesquisadoras Dárcia Amaro Ávila e Paula Regina Costa Ribeiro (2015, p. 121), “é no processo de narrar e ouvir histórias que os sujeitos constroem tanto os sentidos de si, quanto os dos outros e dos contextos em que estão inseridos.”

Para Sandra Andrade (2012), as entrevistas são nomeadas de entrevistas narrativas em decorrência de que, durante elas, elementos como falas, gestos e atitudes também são compreendidos como narrativas. Além disso, conforme a autora: “Nelas cada um/a dos/as entrevistados/as pode narrar a si num atrelamento de suas histórias escolares com suas histórias de vida, pois aprendi, como pesquisadora, que não há como falar de uma história sem ouvir a outra” (p. 192). Dessa forma, essa metodologia nos possibilita um aprofundamento de investigações, tornando possível a compreensão dos sentidos e significados que os jovens produzem a respeito das masculinidades. Contudo, precisamos ressaltar que, ao questionar os entrevistados, não buscamos investigar as “verdades” presentes em suas falas, mas sim alcançar um olhar para quais significados permeiam as narrativas.

Para contatar os participantes do estudo²⁴, utilizamos as redes sociais de um dos autores deste estudo, acionando uma busca por amigos que fossem seguidores e membros de páginas e grupos que tinham, como temática, os estilos musicais do *kpop*, *rap* e *rock*. Ademais, eles deveriam ter, como origem geográfica, a cidade do interior do RS na qual reside o referido autor. Para a escolha dos entrevistados, foram definidos alguns critérios, a saber: possuir entre 18 e 29 anos e se sentir pertencentes às culturas juvenis do rock, rap e kpop. O recorte de faixa etária foi definido a partir da legislação brasileira, o Estatuto da Juventude (2013). A partir desse contato, sete participantes dispuseram-se a participar da pesquisa, sendo dois participantes identificados com o *rock*, três com *rap* e dois com o estilo *kpop*.

Após o aceite em participar do estudo, os participantes responderam a um questionário prévio, acerca de questões gerais (idade, pertencimento étnico racial, classe social e preferências musicais). Posteriormente, realizamos as entrevistas

²⁴ Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, cabe destacar que a investigação foi submetida à Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética da (nome da universidade e nº foram suprimidos).

narrativas de forma *online*. A pesquisadora Jeane Felix (2012, p. 149) pontua que “as entrevistas narrativas online se configuram como uma estratégia metodológica potente para quem deseja realizar pesquisas com jovens (mas não somente com eles/as)”. Segundo, ainda, a autora, trata-se de uma metodologia com bastante espaço a ser explorado, (re)criado e adaptado, já que possibilita acessar pessoas de diversos lugares, permite diversas possibilidades de horários e dias, além de favorecer o anonimato dos/as informantes que assim o desejarem. As entrevistas ocorreram por intermédio de videochamadas com o uso da plataforma *Google Meet*, uso de mensagens de texto e áudio das plataformas *Whatsapp* e *Instagram*. A seguir, apresentamos nossos entrevistados, que foram identificados por codinomes a partir de suas próprias indicações de artistas de suas preferências.

Identificados com o *rock*, encontramos Serj (29 anos), branco, heterossexual, ateu. Ainda, ele se narrou como pertencente à classe média. Possui duas graduações: Licenciatura em História e Bacharelado em Arqueologia. Serj escolheu esse codinome em alusão a Serj Tankian, vocalista da banda *System of Down*. Já Slash tem 29 anos, descreve-se como branco, heterossexual, agnóstico e, ao ser questionado a respeito de sua classe social, respondeu ser “pobre”. É Bacharel em Música e fez a escolha desse codinome em referência ao guitarrista da banda *Guns and Roses*.

Identificados com o *rap*, encontramos Criolo (27 anos), o qual se que identifica como branco, homossexual, cristão e se sente pertencente à classe média. É Licenciado em Ciências Biológicas e escolheu o codinome Criolo em referência ao rapper Kleber Cavalcante Gomes, conhecido, popular/nacionalmente, como Criolo. Zudizilla (25 anos), também identificado com o *rap*, descreve-se como branco, heterossexual, umbandista e afirmou pertencer à classe média – baixa. Está cursando a Graduação em Cinema e Audiovisual. Escolheu esse nome em referência ao rapper Julio Cesar Correa Farias, conhecido, popularmente, como Zudizilla. Esse rapper é natural de Pelotas/RS e é conhecido nacionalmente no universo do rap. Já Djonga (25 anos), identifica-se como negro, heterossexual, ateu e pertencente à classe média. Está cursando a Graduação em Engenharia Química. Djonga escolheu esse codinome em referência ao rapper Gustavo Pereira Marques, um dos maiores nomes do rap nacional da atualidade.

Por fim, identificados com o *kpop*, encontramos Siha (20 anos), o qual se identifica como pardo, bissexual, umbandista e de classe social pobre. Possui ensino médio incompleto. Fez a escolha desse codinome em alusão ao cantor Yang Siha,

vocalista do grupo de *Kpop Noir*. Outro entrevistado, Hyuna, tem 20 anos, identifica-se como branco, homossexual, não binário. Além disso, afirma não possuir religião e, também, considera-se pobre. Possui ensino médio completo e escolheu esse codinome em referência à cantora de *Kpop* Kim Hyun-ah.

Com o intuito de atender o objetivo deste trabalho, fizemos um recorte de questões presentes nas entrevistas e selecionamos os seguintes questionamentos: a) Como você vê a participação das mulheres e dos homens no estilo musical sua de preferência? b) Você acha que esse estilo musical acaba influenciando ou impondo alguma regra/norma de ser homem na vivência do estilo musical? c) Você considera que as músicas influenciaram na sua constituição enquanto homem jovem e consumidor dessa cultura juvenil?

5.2.5 Representações de Masculinidades Juvenis em estilos musicais: plurais/dissidentes/queers

Eu acho que muita gente acaba e provavelmente eu também, acabou nesse estilo por reforçar a masculinidade. Ele questiona algumas questões que podemos dizer de hegemonia, como questão de aparência e de como se portar e tal. Mas o cerne é esse, no máximo que eles podem dizer que pegam é algumas questões e amplificam a questão do macho, do eu sou forte e amplifica. A questão do eu não deixo ninguém se meter no meu caminho que eu atropelo e tal. É tendendo, dependendo da atitude que tem dentro do estilo. Que é tipo coisa que é esperado no homem, coisa que ele contenha. Porque tirando a aparência que no caso tem o cabelo comprido que acaba cortando a lógica de um padrão. Ou seja, tirando o cabelo, de resto é isso, é o cara que é o fodão, o cara que é o forte, no estilo nórdico. E que não está pra esse sentimentalismo. (Serj, Rock).

Mas infelizmente, dentro do rap e da cultura hip hop, a gente ainda tem muito MC machista ainda. Sabe? É um ambiente ainda muito machista, onde predominantemente a gente encontra mais caras do que do que mina sabe? E ver muito mais uma certa como é que eu posso te dizer? dureza? Acho que essa palavra no jeito de se portar do que uma sensibilidade, mas hoje em dia sabe, graças a deus isso está muito menos latente sabe? Mas ainda tem aquela coisa sabe? Justamente porque se a gente for parar pra pensar assim o homem preto de periferia que veio do crime e tal tem que manter aquela imagem ou sabe? (Zudzilla, Rap)

Ao analisarmos as narrativas elencadas anteriormente, é possível notar que os dois entrevistados buscam tencionar/denunciar representações de masculinidades juvenis que estão ligadas às práticas machistas e, segundo eles, hegemônicas, presentes nos estilos musicais de sua preferência. Na primeira narrativa, Serj aponta que há práticas no *rock*, mais precisamente, na vertente do *heavy metal*, que acabam por reforçar o que ele denomina como masculinidade: ser o “fodão”, o mais forte, que

não demonstrará um sentimentalismo, o que se aproxima de uma representação de masculinidade “nórdica”, ou seja, que está relacionada a uma cultura advinda dos países do norte da Europa, tais como Noruega, Dinamarca, Finlândia e Suécia.

Conforme a pesquisadora Manuela Belen Calvo (2020), na cultura do *heavy meta*, muitos adeptos buscam significações, discursos e processos simbólicos oriundos de culturas bárbaras, como os guerreiros *vikings*, que habitavam esse norte Europeu. Em função disso, muitos comparam o uso dos cabelos longos e bagunçados com as características estéticas desses guerreiros. A autora também menciona que há referências da cultura dos “Conflitos bélicos/Guerras”, “Deuses e Demônios antropomórficos” e “Bikers” como fonte temática para representações agressivas e viris de masculinidades.

Na segunda narrativa, Zudizilla, que é um jovem pertencente ao rap, tenciona as representações de masculinidades machistas que estão presentes ainda em sua cultura juvenil. Segundo esse entrevistado, encontramos espaços em que existe a presença predominante de homens, e esses acabam reproduzindo posturas machistas e excludentes às mulheres. No entanto, sua narrativa parece tencionar essa dimensão ao afirmar que “isso, hoje, está menos latente”. Em outra fala, o entrevistado menciona que os MCs reproduzem práticas/posturas relacionadas a representações de “dureza”, o que os impedem de demonstrar sensibilidade. Para Zudizilla, há uma relação da “dureza” com a origem dos homens que participam da cultura do rap, os quais, em sua origem, são homens pretos periféricos, assim tendo que manter essa imagem de “durão”. No que tange a essa representação de masculinidade agressiva ou até mesmo machista, Inácio (2019) e Barbosa e Pires (2022), discutem que, apesar de o rap, um dos pilares da cultura do hip-hop, ser um estilo musical que busca construir narrativas sobre expectativas de futuro, amor e sexualidade, o sexismo, a masculinidade machista, agressiva e violenta, a qual também possui representações de masculinidade tóxica, ainda é um desafio nesse movimento cultural.

Embora apresentem argumentos que poderiam ser relacionados a representações de masculinidades hegemônicas/tóxicas, as narrativas dos nossos entrevistados a seguir tencionam representações do homem jovem que estão ligadas a ter que “ficar/pegar as mulheres” e ou ainda ser “talarico”. Na sequência, destacamos duas narrativas:

Se esse cara aí tá lá em cima do palco, tá pegando 30 mina ali e 30 stripper e não sei o que. Eu também quero ser esse cara entendeu. É o caminho que eu não fui, eu queria ser o cara que estava ali tocando e não porque estava por ir pra ficar pegando 30 mina entendeu. [...] E aí o cara acaba querendo se afirmar mais másculo né, porque quer ser o Rockstar, quer ser o cara que vai estar no meio de um monte de mina e que aí elas vão gostar de ti por causa do teu estilo, por causa do jeito de tu agir né? Então eu acho que sim o Rock com certeza degrada a imagem das mulheres na parte cultural de convivência sim. (Slash, Rock).

Tem uma regra de expressar o que é masculinidade dentro do Rap. De tipo tem que ser mais macho, mais forte, o que atira melhor, o que pega mais as meninas, que usa ele pega as meninas dos outros caras, então tipo tem a cultura do talarico, tem a cultura do talarico, mas assim como é mal visto por que tu tá sendo talarico pegando as mulheres teus amigos, ainda assim tu é o garanhão entendeu? Quando tu fala em uma batalha de rap por exemplo, tu fala que vai pegar a mulher do cara por exemplo, então tem esses dois lados mas sim sempre uma auto afirmação absurda da masculinidade. (Djonga, Rap).

Na primeira narrativa, Slash tenciona e denuncia a presença de jovens que vão para os shows de rock inspirados nas representações dos rockstars ou aos músicos que estão em cima do palco e demonstram representações desse “homem jovem que é rodeado por mulheres”. Em sua fala, Slash também menciona que buscou, ao longo de sua história nesse estilo musical, distanciar-se dessa representação de estar nos ambientes do rock com a intenção de conquistar mulheres. Ele afirmou estar no rock porque queria “estar tocando” seu instrumento, curtindo a sua cultura juvenil, sem precisar praticar essa representação.

Na segunda narrativa, a representação de masculinidade apresentada por Slash, relacionada às práticas dos homens jovens desejarem estar com o maior número de mulheres, também se faz presente. Nesse sentido, o entrevistado Djonga problematiza algumas performatizações/representações como ser o mais macho, o mais forte, o que “pega mais as meninas”. Esse entrevistado, ainda, vai além ao denunciar/tencionar os homens que se relacionam com mulheres de amigos (que ele nomeia como o cara “talarico”). Esses são, ao mesmo tempo, descritos por alguns companheiros como importunos, “mal vistos” e, entre os outros homens do grupo, são taxados “positivamente”, como os “garanhões”.

Dessa forma, em ambas as narrativas, Djonga e Slash denunciam as representações de masculinidades hegemônicas e machistas existentes em suas culturas juvenis. Conforme algumas pesquisadoras, como Alice Leão e Mayane Monteiro (2022), dos campos teóricos dos Estudos de Gênero e das Masculinidades, na vertente pós-estruturalista, as teorizações que envolvem o modelo de masculinidade hegemônica apontam para o falo como sendo um princípio de poder.

Desse modo, para os demais homens, “ não basta ter nascido com o órgão reprodutor masculino, é preciso ser merecedor dele, no sentido simbólico, ou seja, validá-lo dentro de um padrão de comportamento esperado por homens e para homens.” (LEÃO; MONTEIRO, 2022, p. 199).

Desse modo, as práticas sociais tencionadas por Djonga e Slash estão relacionadas aos comportamentos de representações de validação masculina, em que esses jovens são testados por meio de condutas da virilidade e força física, as quais estão presentes em características como: ser o mais macho, o mais forte, não demonstrar sentimentos, ter um envolvimento sexual com o maior número de mulheres possível. Nesse sentido, esses jovens, ao tencionarem e denunciarem essas representações de validação masculina, existentes em suas culturas juvenis, indicam formas de masculinidades hegemônicas presentes em seus círculos de vivências e buscam fugir dessas representações.

Dentre alguns trabalhos empregados na construção de nosso referencial teórico, muitos aproximam as representações de “rappers” a imagens de masculinidades ditas como agressivas e combativas. Entretanto, em uma das nossas narrativas, Criolo mencionou que:

O que eu vejo, que tem sim uma expectativa de postura, e até um pouco associada com uma visão de masculinidade. Mas eu vejo que não é essa de masculinidade, mas sim a questão de um comportamento um tanto mais, um pouco mais, agressivo, de combate, de enfrentamento, que é lido como masculinidade entendeu. Porque tem todo uma questão por traz de um ambiente, de uma periferia, de vozes de pessoas que não são escutadas, de pessoas que são marginalizadas, e tratadas como bandidos, alheias a sociedade em si. Mas então tem sim uma postura. Uma postura mais sisuda, que é confundida com masculinidade. E eu vejo que isso também se aplica as mulheres. (Criolo, Rap)

Santos (2015) pontua que muitos cantores de rap buscam transmitir, para o seu público, um contexto de guerra urbana, afirmando que, diante desse contexto, é preciso enfrentar e se defender da violência proveniente dessas relações sociais conflitantes. Assim, os rappers, com o intuito de realizarem essa tarefa, produzem e reproduzem discursos que expressam emoções iguais ou semelhantes a esse status social que eles criticam em suas músicas. Isso é percebido nas canções do Racionais MCs, do grupo Facção Central, do rapper Sabotage ou, ainda, representado nas músicas de rappers da nova geração, como o próprio rapper Criolo e o rapper Emicida, que verbalizam, em suas músicas, essas representações agressivas e combativas.

A partir dessa perspectiva, encontramos, na literatura, associações do rap a representações de agressividade, seriedade e, do mesmo modo, à virilidade, que, conforme Sandra Mara Santos (2015, p. 71), é apresentada “por meio de demonstração de firmeza física, de vozes grossas, rostos sérios e de outras posturas semelhantes”. No entanto, por meio de nossos entrevistados que se sentem pertencentes à cultura juvenil do rap, também encontramos novas formas de representação de masculinidades, as quais buscam o distanciamento desses modelos “pré-estabelecidos”, apesar de ainda terem que ser “confrontosas” ou de “terem que colocar o dedo na ferida”. Esses exemplos podem ser percebidos na narrativa de Zudizilla, quando ele afirma que:

Hoje em dia a gente consegue ser de irmandade mais forte, Sabe? Maneira de tu conseguir dizer pro teu irmão, um eu te amo, tá ligado? Dizer nas músicas que tu tá junto com teus amigos, que tu sentes amor por eles. Que eu acho que a sensibilidade ao longo do tempo conseguiu ser mais evidente. E ainda que eu ache que possa ser mais sensível, o Rap ainda tem essa fita confrontosa, e eu acho que tem ter porque é um bagulho que é tipo dedo na ferida do sistema sabe? (Zudizilla, Rap)

Nesse fragmento de narrativa, notamos que há um movimento de introdução de diferenciadas representações de masculinidades no rap, que permitem aos homens demonstrarem sentimentos, como amor e carinho por seus amigos, mesmo que colocando o “dedo na ferida do sistema”. Esse mesmo entrevistado relatou que:

E eu não sou um cara que é muito tipo brutão assim, tá ligado? Eu me considero uma pessoa mais sensível. Então quando eu consigo sentir aquele equilíbrio entre uma certa sensibilidade, encontrar uma outro tipo de musicalidade dentro do rap, outro tipo de jeito de se portar. Sempre uma coisa que me chama atenção. (Zudizilla, Rap)

Segundo podemos analisar, Zudizilla igualmente se descreve como sendo uma pessoa sensível, ao afirmar que: “não sou um cara brutão”. Assim, ele nos apresenta uma possibilidade de representação de masculinidade sensível, que age de maneira ortodoxa aos comportamentos relacionados a modelos hegemônicos de masculinidades.

Em outra narrativa da cultura juvenil do rap, Criolo, que se apresentou como sendo um homem gay, ao ser questionado a respeito do que ele entendia de masculinidade, mencionou que “a masculinidade é uma coisa que as pessoas esperam de mim, é uma coisa que as pessoas esperam de mim como um pré-requisito” (Criolo – Rap). Mas acrescentou que:

Agora pra mim, o que constitui a minha masculinidade é ser o que eu gosto de ser, partindo do princípio que eu me identifico como homem, ai tudo que eu me identifico como homem, tudo que eu fizer vai ser masculino. Ai é essa questão que eu falo, que tipo, não faz sentido essa questão de gênero, porque tipo assim, pra eu ser homem envolve passar um lápis de olho. Que pra outras pessoas isso não é ser homem, mas assim, se eu sou homem, e eu acredito que eu seja homem, e eu faço coisa de homem, não é o lápis de olho ou um gloss, que vai me deixar de ser um homem. Ai por isso que eu falo que a masculinidade é uma questão ao meu ver de expectativa das pessoas. (Criolo, Rap)

Nesse sentido, Criolo problematiza, por intermédio de sua fala, que há, na sociedade, uma existência de expectativas relacionadas aos jovens ou, no caso, no que toca a ele, de esperarem que represente modos de representação de masculinidades já pré-estabelecidos culturalmente pela sociedade. Contudo, a partir de seu entendimento de mundo, o que constitui sua masculinidade são todas as suas práticas, e não aquilo que as pessoas esperam dele. Desse modo, como ele explicitou: *“pra eu ser homem envolve passar um lápis de olho[...] não é o lápis de olho ou um gloss, que vai me deixar de ser um homem”*. Logo, Criolo deixa claro que não são os marcadores sociais que farão ele se sentir menos homem.

Desse modo, tanto Criolo, como Zudzilla, em suas narrativas, fazem referência/associações a representações de masculinidades plurais. Assim, esses sujeitos problematizam as identidades relacionadas ao homem jovem que podemos nomear como centrais/hegemônicas presentes no *rap*. Em vista disso, em ambas as narrativas, encontramos falas de sujeitos que buscam “escapar” dessas lógicas centrais, mas que ainda desejam encontrar uma identidade nessa cultura juvenil. Dessa forma, esses jovens criam identidades relacionadas ao *rap* e às formas de vivenciar suas masculinidades.

É importante destacar que os autores Antonio Carlos de Oliveira, Leandro Teófilo de Brito e Paulo Victor Leite Lopes (2023) observam que há pesquisas nesse campo teórico que elucidam novas perspectivas de representações de masculinidades, que as distanciam de traços rígidos, os quais foram historicamente associados a uma única forma masculina de estar no mundo. De modo mais específico, Brito (2021), tenciona as disputas sociais dos sentidos sobre as masculinidades no esporte brasileiro, produzindo um estudo a respeito das representações de masculinidades queer/cuir/kuir que se traduzem em um “horizonte que nega as estabilizações sedimentadas e que são forçosamente impostas para o masculino.” (p. 10). Nesse viés, o autor reconhece as significações do masculino para

além do essencialismo binário, heterossexual, cisgênero, materializando essas significações em corpos de sujeitos plurais.

A partir disso, podemos relacionar tais representações de masculinidades apresentadas pelos teóricos às narrativas de Zudizilla e Criolo, ambos da cultura juvenil do rap. Entretanto, também podemos relacionar tais representações de masculinidades plurais/dissidentes e queers às narrativas dos entrevistados próximos ao *kpop*. Isso pode ser observado nas falas a seguir:

Ah não sei sabe, é um pouco complexo pra mim. Até porque eu não me enxergo com o gênero em que nasci. Então seria um pouco difícil falar de masculinidade. Mas acho que posso falar por influência de um grupo O BTS. Eles sempre citaram que você deveria ser você mesmo. Fazer as coisas na qual se sente bem. E que ninguém deveria lhe apontar o dedo por isso. Acho que é exatamente assim que um garoto no meio do kpop deveria se sentir. Tem que se divertir, curtir teus gostos. Isso não vai afetar menos ou mais a tua masculinidade. (Hyuna, Kpop).

Sim, já havia ouvido falar sobre masculinidade, particularmente sou bem ligado a esses assuntos de Identidades de gêneros, Sexualidades e afins. Eu diria que não me identifico por nenhum gênero, o que seria "Não binário", embora use normalmente pronomes masculinos, gênero não faz diferença para mim. (Siha, Kpop).

Nas narrativas anteriores, os jovens se apresentam como não se identificando com o gênero em que nasceram e buscam se distanciar dessa lógica do essencialismo binário, heterossexual, cisgênero. Hyuna e Siha buscam se aproximar de representações/significações de sujeitos plurais/dissidentes (BRITO, 2021; BRITO, COUTO JUNIOR, 2019). Em outro momento da entrevista com Hyuna, ao discutirmos sobre o gênero com o qual ele se identificava, ele comentou:

Me identifico como não binário. Não me vejo como garoto e nem garota. Pra falar bem a verdade eu não sou uma pessoa de rótulos. Aceito qualquer pronome. Só não gosto que me vejam como 1 só. Ah "se veste como garoto, é garoto". Ah "se veste como menina, é uma menina". "Cortou o cabelo, virou macho". "Deixou crescer, virou florzinha". Eu nem dou bola. Enquanto a alma que habita meu corpo falar que eu devo mudar, eu vou mudar. Acredito que todos passam por grandes mudanças, só não se tocam disso. (Hyuna, Kpop)

Desse modo, Hyuna e Siha, a partir de suas falas, permitem-nos tencionar as representações de masculinidades presentes no *kpop*. Por mais que o termo masculinidade *queer* não seja um enquadramento identitário (BRITO, 2021), essa construção teórica nos possibilita relacionar as narrativas dos jovens do *kpop* a essa busca por rupturas relacionadas às estabilizações de sentidos designados ao masculino.

De acordo com Brito (2021), a masculinidade *queer* nega as estabilizações sedimentadas no que tange aos homens e enuncia performatizações que jamais se cristalizam. Nesse sentido, para tencionar tais representações de masculinidades juvenis, buscamos uma aproximação com a filósofa Judith Butler (2014), que defende a performatividade de gênero como sendo uma possibilidade de descrever os processos de representação produzidos como condições ou possibilidades de performances. Cabe ressaltar que a autora menciona, em sua obra, que essa teoria não prescreve quais performances seriam as “corretas” ou quais seriam as “dissidentes, mas sim indica que a performatividade de gênero busca denunciar as arbitrariedades estabelecidas pelas normas, de modo a proporcionar aos sujeitos dissidentes que vivenciem uma vida mais vivível (BRITO, 2018).

Dessa forma, a desestabilidade proporcionada pelas performatizações de masculinidades plurais/dissidentes/queers, potencializam uma diversidade de sujeitos e corpos, que almejam um posicionamento que possa marcar a diferença sobre suas significações de masculino. As representações apresentadas nas narrativas dos jovens do kpop (Hyuna e Siha) e do rap (Criolo E Zudizilla) se apresentam como representações de sujeitos que estão, a todo momento, buscando fugir de uma ideia fixa de masculinidade, tentando fugir da ideia de uma masculinidade central. Assim, torna-se possível um intercâmbio por demais formas de vivenciar suas juventudes.

5.2.6 Apontamentos Finais

A partir das interlocuções realizadas com as narrativas dos homens jovens participantes desta pesquisa, foi possível produzir uma análise. Essa, por sua vez, tencionou o fato de as masculinidades se expressarem e serem representadas de forma plural nos diferentes estilos musicais aos quais os entrevistados pertencem.

Dessa forma, com base nas narrativas desses jovens, percebemos que há, na indústria cultural relacionada aos estilos musicais aqui investigados, uma construção de pedagogias de formas a produzirem e reproduzirem representações de masculinidades juvenis contemporâneas para os jovens do *rock*, do *rap* e do *kpop*. Exemplos dessa dimensão foram apresentados nas narrativas associadas às representações de homens jovens que produzem e reproduzem práticas relacionadas às masculinidades hegemônicas que existem, principalmente, nas culturas juvenis do

rock e do *rap*. Nessas duas culturas ainda são encontradas representações do homem viril, “fodão”, guerreiro, de cabelo comprido, que se inspira nos guerreiros nórdicos ou nas gangues de motoqueiros fora da lei dos Estados Unidos. Ainda, em se tratando do *rap*, existe uma imagem baseada nas representações do homem rapper gangster, o qual tem que ser bruto, não pode ser sensível nem demonstrar emoção.

Por outro lado, encontramos, a partir das falas dos nossos entrevistados pertencentes a essas culturas juvenis, narrativas de homens jovens que (re)constroem e (re)significam outras formas de representações de masculinidades juvenis contemporâneas em suas vivências no *rock* e no *rap*. Isso não significa que eles rompam com seus gostos pessoais relacionados às músicas ou às formas de vivenciarem suas culturas juvenis. Na verdade, o que esses sujeitos homens buscam é resistir, abrir brechas para novas formas de ser homem, com a finalidade de romperem com a ideia de performatividade, de ser homem como algo ligado a traços hegemônicos nas suas culturas juvenis de que fazem parte.

Como mencionado, as produções culturais do *kpop* são recentes no Brasil, e na cidade do interior investigada, as suas produções culturais ocorrem através de práticas diferentes do *rock* e do *rap*, elas estão ligadas aos jovens participarem de campeonatos de dança, em modalidades individuais ou em grupos, em que esses jovens performam músicas de grupos consagrados da Coreia do Sul, como o BTS. Todavia, foi possível constatar, no decorrer deste estudo, que o *kpop* já chegou no Brasil, na primeira década do século XXI, como um estilo musical que tem, em sua gênese, praticantes dessa cultura juvenil que buscando romper com as práticas hegemônicas e, até mesmo, com as lógicas binárias relacionadas ao gênero e à sexualidade dos sujeitos. As narrativas dos nossos entrevistados que pertencem ao *kpop*, corroboraram para tais aproximações, visto que os três entrevistados produziram falas em que ficou claro um distanciamento das representações de masculinidades “tradicionais/hegemônicas”. Desse modo, ficou perceptível o fato de que todos buscavam formas de representações plurais/dissidentes/queers. Compartilhamos, com Dayrell (2002, p. 119), o seguinte entendimento:

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, professores ou patrões, assumem um papel de protagonistas, atuando de alguma forma sobre o seu meio, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Nesse contexto, a

música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. (DAYRELL, 2002, p. 119).

Encerramos esta escrita destacando que a vivência em (e com) diferentes estilos musicais, assim como em outras dimensões da cultura, colocam-se como espaços profícuos para análise, compreensão e problematização de diferentes modos de ser e de viver as juventudes e as próprias masculinidades. A realização da presente pesquisa permitiu compreendermos que as representações de masculinidades se apresentam de forma plural. Assim, em suas narrativas, os entrevistados contestaram formas essencialistas de ser e de viver suas masculinidades, buscando, inclusive, modos de masculinidade dissidentes/*queers*, como forma de potencializar a diferença sobre suas próprias (re)significações acerca do masculino. Cabe questionar: estará a sociedade, em suas mais diferentes instâncias, acolhendo ou refutando tais masculinidades? Saibamos nós, pesquisadores, por meio da escuta atenta e sensível, (re)compreender esses diferentes modos de viver as masculinidades no contexto atual.

5.2.7 Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós-estruturalistas. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 1ª edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ÁVILA, Dárcia Amaro; RIBEIRO, Paula Regina Costa. O que Esperar das Mulheres na Política? Uma Análise das Narrativas de Vereadoras da Região Sul do Rio Grande do Sul. **Revista Ártemis**, v. 19, n. 1, p. 119–129, 2015. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/3054>. Acesso em: 16 de junho de 2022.

BARBOSA, Claudia De Faria; PIRES, Edmeire Oliveira. Movimento Hip-Hop na cultura brasileira: resistência, politização e decolonialidade. **Revista Debates Insubmissos**, v. 5, n. 16, p. 72–96, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/252242>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

BRITO, Leandro Teófilo de. **Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer**. 2018. Tese de doutorado em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

BRITO, Leandro Teófilo. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. 1–

14, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/79307>. Acesso em 03 de março de 2023.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249-274., jan/jun 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 de maio de 2022.

CALVO, Manuela Belén. Masculinidades y feminidades en la música metal. **Con X**, n. 6, p. 1–28, 2020. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/121146>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.

CASTRO, Susana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. *Revista Aprender, Vitória da Conquista*, n. 20, p. 75-82, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/4552>. Acesso em: 18 de maio de 2022

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185–206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 05 dezembro de 2022.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 08 novembro 2022.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117–136, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022002000100009>. Acesso em: 17 out. 2022.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus**: antropología de la juventud. 2ª Edição. Barcelona: Editorial Ariel S. A, 1999.

FELIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAISO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.p.133-152.

GOMES, Vitor Morais. **Entendendo o homem negro nos Racionais MCs: uma etnografia lírica**. 2019. Dissertação de mestado em Ciências Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventudes: Sociologia, Cultura e Movimentos**. Alfenas/MG: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em: 10 mar. 2022.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Ed - Rio de Janeiro, 2002.

HALL, S.; JEFFERSON, T. **Rituales de Resistencia**: Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de postguerra. Madrid, Traficante de Sueños. 2014.

INÁCIO, Matheus Morais. A construção da masculinidade e do machismo no rap. **Revista Subjetiva**, 2019. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/a-construção-da-masculinidade-e-do-machismo-no-rap-3074100ca70c>. Acesso em 07 de novembro de 2022.

JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira. Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. **INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - BH/MG**, 2003.

LEÃO, Alice Alves Menezes Ponce de; MONTEIRO, Mayane, Ynêssa da Silva. Masculinidade Hegemônica e Velhice: a cristalização do velho homem. **Revista Perspectivas Sociais: entre a civilização e a barbárie**, v. 8, n. 1, p. 198-208, 2022. Disponível em: <file:///Users/paularibeiro/Downloads/22608-Texto%20do%20artigo-82964-1-10-20220726.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos; FONSECA, Ricardo Lopes. A representação das mulheres no rap: instituindo espacialidades, quebrando barreiras. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 39, n. 11, p. 25–37, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/158041>. Acesso em: 09 de outubro de 2022.

MONTEIRO, Ana Luiza Franco de Moura. **“Entre Razões e Emoções”**: uma análise da masculinidade no universo emo. 2021. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

MORAES, Maria Laura Brenner. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, v. 3, n. 2, p. 167–172, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482>. Acesso em 10 de maio de 2022.

OLIVEIRA, Antonio Carlos de; BRITO, Leandro Teofilo de; LOPES, Paulo Victor Leite. Masculinidades Plurais. **O Social Em Questão**, v. 1, n. 55, p. 1-12, jan/abr 2023. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_OSQ.php?strSecao=Artigos&secao=1&FASC=61686&nrSeqCon=61434. Acesso em: 10 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Eliane Cristina Brito de. **Do gangsta às minas: o rap do Distrito Federal e as masculinidades negras (1990 a 2015)**. 2017. Mestrado em História. Universidade de Brasília.

PACHECO, Leonardo Turchi. “Som de Macho”: uma reflexão sobre identidade, masculinidade e alteridade entre os headbangers. **Reunião Equatorial de Antropologia e X Reunião dos antropólogos Norte-Nordeste**, 2007.

PAWLOWSKI, Cristiane. **As mulheres no Rock**: as identidades femininas e o sujeito pós-moderno em letras de Rita Lee, Fernanda Takai e Pitty. 2013. Mestrado em Letras. Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2013.

PORTILHO, João Gabriel Marques; BRITO, Leandro Teofilo de. Produção acadêmica sobre masculinidades nos anais do congresso brasileiro/internacional de ciências do esporte. *Motrivivência*, v.32, n. 63, p. 01-21, jul/dez 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76309>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

ROBASKI, Justina Bechi. **Representações de Juventudes Sul-Coreanas**: uma análise cultural do K-drama Hello, My Twenties! 2019. Universidade Luterana do Brasil, 2019.

RUANI, Ruann Moutinho; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Sentidos de masculinidades dissidentes através do uso do emoji de berinjela no Grindr. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 18, n. 1, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/73385>. Acesso em 23 de fevereiro de 2023.

SANTANA, Aline Gomes; SANTOS, Maria Salett Tauk. Práticas culturais urbanas: análise do comportamento das “Armys” - fãs do grupo de K-pop BTS. **Intercom - Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, p.1–19, 2019.

SANTOS, Daniel dos. **Como fabricar um Gangsta**: Masculinidades Negras nos videoclipes dos Rappers Jay - Z e 50 cent. 2017. Mestrado em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia, 2017.

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos. **“Rap Florido”**: Reconhecimento Artístico, Amor e Relações de Gênero. 2015. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na Sala de Aula**. 9ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

SOUZA, Marco André Vinhas de. Os novos fluxos midiáticos da cultura popcoreana. **Galáxia**, n. 29, p. 297–300, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/cpst3rQrtZBk73K4QFDj4mf/?lang=pt>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

UGARTE, Alejandra Barrera. **Positivos, cuidadosos, sensibles, naturales**: Ser y pensarse varón en un grupo de jóvenes seguidores del K-pop en Lima. 2020. Tese de doutorado em Sociologia. Pontificia Universidad Católica Del Peru, 2020.

VARGAS, Juliana Ribeiro. **O que ouço me produz e me conduz?** A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia. 2015. 182 f. Tese de Doutorado em Educação –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

6. ÚLTIMAS ESTROFES DA PESQUISA

Acima de tudo, os significados culturais não estão apenas 'na cabeça'. Eles organizam e regulam as práticas sociais, influenciam nossas condutas e conseqüentemente têm efeitos reais, práticos. (HALL, 1997, p. 2, grifo do autor).

Ao nos encaminharmos para o fim dessa pesquisa de mestrado, foi possível problematizar, através da análise cultural, algumas representações de masculinidades contemporâneas presentes nas culturas juvenis do Rock, Rap e Kpop da cidade de Rio Grande/RS e produzir algumas considerações sobre essa temática que serão apresentadas a seguir.

Para fins de organização dividimos nossas conclusões em quatro tópicos, a saber: **A respeito das páginas**, em que tecemos algumas discussões a respeito das representações de masculinidades juvenis que estão circulando nas páginas do Rock e do Rap; **Com relação aos videoclipes**, em que discutimos as representações de masculinidades juvenis encontradas nos videoclipes das músicas Farda Demente (banda Sarrafo/Rock), e Salve quebrada part II (Gauchos MC's feat Igão/Rap); **No que diz respeito as narrativas**, em que tecemos algumas discussões que emergiram a partir das entrevistas narrativas com nossos participantes a respeito das representações de masculinidades juvenis plurais presentes nos estilos musicais aqui investigados; e por fim **Um último folego**, em que produzimos um balanço final a respeito dos nossos achados e tecemos algumas discussões potentes para a continuidade de um possível estudo.

6.1 A respeito das páginas

A partir do primeiro movimento da pesquisa, que foi a busca por participantes para a pesquisa no Facebook, este movimento nos possibilitou também produzir uma análise das representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nesses ciberespaços. Entretanto, em relação a página Anima Soul, que é a página relacionada ao estilo musical do Kpop, conseguimos fazer uma investigação a respeito do modo de produção cultural desta cultura juvenil na cidade, mas, não conseguimos produzir análises aprofundadas a respeito das representações de masculinidades juvenis circulantes nesse ciberespaço.

O que ocorreu de modo diferente com os ciberespaços relacionados as culturas juvenis do Rock e do Rap, em que conseguimos tencionar quais as possibilidades de representações de masculinidades juvenis contemporâneas circulam nesses ciberespaços. Vale ressaltar, que nesse espaço digital do Facebook, são essas duas culturas juvenis as que possuem maior dominância na cidade quando problematizamos esses ciberespaços.

Olhar para esse ciberespaço nos suscitou que apesar de ele apresentar diferentes formas de expressar as masculinidades, nos dois estilos musicais existe uma performatividade agressiva e um visual representativo e característicos que são normalmente (re)produzidos pelos homens jovens que consomem essas culturas juvenis. Todavia, as diferentes representações de masculinidades juvenis que circulam nessas páginas dialogam com elementos de resistência que contribuem para uma caracterização de masculinidades plurais, que são associadas as representações alternativas, marginalizadas, contra hegemônicas, apesar de serem culturalmente dominadas pelo sistema patriarcal.

6.2 Com relação aos vídeos

Com base no segundo movimento realizado nesta pesquisa, que tencionou as representações de masculinidades juvenis contemporâneas presentes nos vídeos das músicas *Farda demente* (Sarrafo/Rock) e *Salve quebrada part II* (Gauchos MC's/Rap), foi possível notar que essas representações de homens jovens problematizam as suas realidades sociais, que possuem marcas por conta da submissão das diferentes formas de violência que atravessam as suas vivências juvenis.

Os vídeos contestam a cobrança que a sociedade impõe aos homens unicamente por serem homens, assim como o fato de o Estado negligenciar a sua comunidade, muitas vezes localizadas em periferias urbanas, normalmente denominadas por eles como quebrada.

Nos dois vídeos analisados percebe-se a resistência realizada pelos jovens através das suas músicas sobre às formas como o Estado trata as suas existências. Para Marlucy Paraíso (2016) resistência é algo que “possibilita criar espaços de combates, de lutas, de insubordinação, de insurreição. A resistência é a criação de possíveis. Ela é força agenciadora que transforma e funda outras e novas relações” (p. 408), assim entendemos que os vídeos analisados, entendidos como artefatos

culturais, são espaços como coloca a autora de resistências e lutas em que é possível criar outras representações de masculinidades possíveis.

As vivências sociais que os homens jovens em ambos os videoclipes nos levam a concluir que apesar de estarem preocupados com suas vidas de modo individualizado, eles também manifestam suas preocupações com os seus pares, com a finalidade de que todos resistam e sobrevivam as ações violentas presentes nas suas comunidades.

É cabível afirmar que os artistas por trás dos videoclipes compreendem a potencialidade que esses artefatos culturais têm de questionar as realidades sociais que são vivenciadas pelas diferentes culturas juvenis e assim promover a reflexão acerca dessas questões. Nesse sentido, tencionam as masculinidades hegemônicas, como por exemplo ao questionarem os discursos que são (re)produzidos na comunidade e que algumas vezes colocam esses sujeitos homens em posições pré-existentes de como suas masculinidades devem ser vivenciadas, seja por influência das facções criminosas ou das milícias.

Além disso, esses artefatos culturais também promovem o pensamento dos seus telespectadores/as buscando auxiliar que essas culturas juvenis relacionadas a esses dois estilos musicais (re)produzam práticas que promovam o respeito na sociedade, principalmente a partir da juventude.

Por fim, quando investigamos esses dois artefatos culturais, apesar dos dois videoclipes representarem homens jovens que fazem parte de diferentes culturas juvenis, o rap e o rock, podemos perceber a partir das letras de suas músicas que durante os seus processos de constituição enquanto sujeitos eles buscam romper com a lógica de conflito da presente sociedade ao qual eles vivem.

6.3 No que diz respeito as narrativas

Ao chegarmos nesse terceiro tópico, iremos tecer algumas considerações com base no terceiro movimento metodológico proposto na presente pesquisa de mestrado: as entrevistas narrativas.

Com base nas narrativas dos jovens participantes da pesquisa, Roger Waters (27), Serj Tankjan (29), Slash (29), Criolo (27), Zudizilla (25), Djonga (25), Siha (20), Hyunah (20) e Hongioong (18), foi perceptível nos três diferentes estilos musicais, Rock, Rap e Kpop, que existem formas de produção e reprodução de diferentes representações de masculinidades juvenis contemporâneas. Como exemplo dessas

representações podemos destacar as narrativas do Roger Waters (pertencente a cultura juvenil do rock), Criolo (pertencente a cultura juvenil do rap), Hongioong, (pertencente a cultura juvenil do kpop):

A masculinidade ela é imposta, então tu tens que estar dentro daquele sistema de conjunto de regras para se afirmar como homem, além das questões das construções das identidades também envolvem a objetificação e sexualização do outro gênero [...]. A masculinidade é algo muito quadrada, muito fechada, é algo que tem que ter regra, que tem que ter uma aparência, uma postura, a postura do homem é tal, tem que ser o machão, não pode comprar um shampoo diferente, não pode lavar a louça, e etc. [...] Como também questões sentimentais, como o amor, formas carinhosas, o homem não pode ser tão afetivo. Por isso ela se torna toxica devido a essa imposição de um padrão.”(Roger Waters, 2022).

Então eu acho, o que eu vejo, que tem sim uma expectativa de postura, e até um pouco associada com uma visão de masculinidade. Mas eu vejo que não é essa de masculinidade, mas sim a questão de um comportamento um tanto mais, um pouco mais, agressivo, de combate, de enfrentamento, que é lido como masculinidade entendeu. Porque tem todo uma questão por traz de um ambiente, de uma periferia, de vozes de pessoas que não são escutadas, de pessoas que são marginalizadas, e tratadas como bandidos, alheias a sociedade em si. Mas então tem sim uma postura. Uma postura mais sisuda, que é confundida com masculinidade. (Criolo, 2022).

A grande maioria dos homens do kpop, com raras exceções, seguem um padrão. na minha visão, a maioria dos homens expressam masculinidade tanto em suas músicas, danças e clipes. tanto que existem casos que um artista masculino, ao dançar a música de uma artista feminina, altera os passos da coreografia considerados mais ‘femininos’ para passos mais ‘masculinos’. (Hongioong, 2022).

Cabe destacar que quando analisamos as narrativas dos entrevistados das culturas juvenis do Rock e do Rap, elas acabam sendo semelhantes quanto as expectativas sociais que são impostas para esses jovens em relação a produção de suas masculinidades. Sendo assim, é possível perceber nas narrativas dos jovens entrevistados desses dois estilos musicais que eles buscam (re)construir e (re)significar formas de representações de masculinidades a partir de suas vivências, buscando romper com a ideia de performatividade de ser homem que está intimamente ligada a traços hegemônicos e assim encontrar novas formas de ser homem dentro de suas culturas juvenis.

Não podemos ignorar que as duas culturas juvenis citados acima, rock e rap, já são consolidados a mais tempo do que o Kpop tanto na cidade de Rio Grande

quanto nacionalmente, assim como o fato de as suas produções culturais acontecerem por meio de práticas diferentes do rock e do rap. Entretanto, assim como nas narrativas dos entrevistados pertencentes a cultura juvenil do rock e a do rap, as narrativas dos entrevistados da cultura juvenil do kpop trazem a ideia de romper com práticas hegemônicas e com as lógicas binárias relacionadas ao gênero e a sexualidade dos sujeitos.

No decorrer das análises das narrativas foi possível perceber que apesar serem jovens que se identificam com três culturas juvenis distintas, eles compartilham semelhanças, como por exemplo, a busca pela quebra da linearidade de representações de masculinidades que são esperadas em suas culturas juvenis.

Nas análises empreendidas destacamos que as representações de masculinidades se apresentam de forma plural e contestam as formas singulares, possibilitando a emergência de outras masculinidades como as dissidentes/queers, que visibilizam uma diversidade de sujeitos e corpos que se posicionam na busca por legitimarem suas significações de masculino e vivências dentro das suas respectivas culturas juvenis.

6.4 Um último folego

No decorrer da escrita da dissertação tivemos o privilégio de conhecer diferentes espaços de produção e (re)produção de artefatos culturais, como conhecer locais de interações virtuais, e conhecer mais a respeito sobre os espaços de sociabilidade desses jovens, a partir das análises nos ciberespaços e no movimento de entrevistas narrativas, junto aos jovens pertencentes a essas culturas juvenis aqui investigadas. Tais movimentos de análise cultural, nos auxiliaram a problematizar acerca da construção das masculinidades juvenis contemporâneas nesses diferentes estilos musicais com suas culturas juvenis.

Dessa maneira, ao investigar essas culturas juvenis, Rock, Rap e Kpop, presentes em Rio Grande, destacamos os processos de constituição dos sujeitos jovens pertencentes a essas culturas e que são interpelados pelos artefatos culturais e os demais produtos, que hoje em dia circulam com facilidade pelas redes sociais, e que acabam influenciando nesse processo de constituição. Os artefatos culturais são produzidos e disseminados com muito mais facilidade na atualidade. Acabam facilitando para que as músicas, videoclipes e as publicações que circulam nas redes sociais, que são produções que são permeadas de valores, representações, saberes

e significados (MAGALHÃES, 2012), cheguem de forma muito mais rápida até os/as consumidores/as pertencentes a essas culturas juvenis.

No caso dessas três culturas juvenis, podemos destacar que ainda há uma indústria cultural que busca produzir artefatos com “intencionalidades”, ou seja, produzir pedagogias culturais, em torno da construção das masculinidades juvenis desses sujeitos pertencentes a estes estilos musicais. Entretanto, podemos verificar através de todos os nossos movimentos de pesquisa, que estes jovens se distanciam das linearidades “impostas” por esta indústria cultural, para as possíveis representações de masculinidades juvenis para essas culturas e estilos musicais.

Tal interpretação, a respeito dessas construções de masculinidades, vai de encontro com o campo teórico dos Estudos Culturais, na sua perspectiva pós-estruturalista, em que entende que os sujeitos são constituídos social e culturalmente, e pelo fato da cultura estar em constante mudança/desenvolvimento, estes jovens, que também estão sempre em constituição enquanto sujeitos, eles tencionam ou reconstróem as formas existentes para vivenciar suas masculinidades associadas a estes estilos musicais.

Cabe ainda destacar, que o contexto em que os jovens pertencentes a essas culturas juvenis estão inseridos acaba por desempenhar um papel significativo na forma em como eles constroem suas masculinidades juvenis. Nesse sentido, a cada nova geração pertencente a essas culturas juvenis, podemos encontrar mudanças sociais e culturais que proporcionam uma reavaliação de valores e significados atribuídos a produção e constituição de masculinidades juvenis associadas a esses estilos musicais. Eles podem reinterpretar ou recriar formas de vivenciar suas masculinidades através de novos contextos, sem perder a sua identidade ou sensação de pertencimento a esses estilos musicais/culturas juvenis.

Sendo assim, após finalizar nossos movimentos analíticos da pesquisa, entendemos que se faz necessário dar continuidade nos processos de escuta junto a essa juventude relacionada aos estilos musicais. Nossos entrevistados, e também os videoclipes e as páginas investigadas, auxiliam para o entendimento de que cada vez mais as masculinidades estão se aproximando de formas plurais de suas produções.

A partir desse estudo, tanto através da análise cultural nas páginas, como das entrevistas, esperamos que os futuros leitores desta dissertação consigam produzir entendimentos a respeito das masculinidades juvenis contemporâneas presentes nos três estilos musicais, Rap, Rock e Kpop. E assim, permitir que estes futuros leitores

possam desassociar as representações de masculinidades juvenis contemporâneas que por vezes são construídas socialmente para essas culturas juvenis.

Dias de Luta – Irá

Só depois de muito tempo comecei a refletir
Nos meus dias de paz nos meus dias de luta.
Se sou eu ainda jovem, passando por cima de tudo
Se hoje canto essa canção, o que cantarei depois?

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**, n. 46, p. 287–310, 2007.
- AMARAL, Caroline. **Literatura juvenil contemporânea LGBTI: Significados sobre identidades de gênero e sexuais**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.
- AZEVEDO, Daniela Medeiros de; GARBIN, Elisabete Maria; DAL MORO, Marília Bervian. Culturas juvenis contemporâneas em pauta: possibilidades da pesquisa em educação, 2012. p. 1–13
- BARBOSA, Jakelyne; CHACEL, Marcela Costa da Cunha. K-pop e Fãs Jovens Brasileiros: Um Estudo Exploratório Sobre Hábitos de Consumo. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 2020. <https://doi.org/10.1590/191>.
- BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos Culturais e Estudos de Gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **HOLOS**, v. 4, p. 172–182, 2013.
- BOMFIM, Emanuel; PERCINIO, Mariana. Cultura pop e juventude. *In*: DANE, Felix (ed.). **Juventudes no Brasil**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2015. p. 83–100.
- BONIN, Adriana. Pesquisa exploratória: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo. **Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2012.
- BOVE, Adrielle Luchi Coutinho. **Juventude e Heavy Metal: usos do espaço, práticas de consumo e produção de significados em Juiz de Fora, MG**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2017.
- BRITO, Leandro Teófilo de. **Enunciações de masculinidades em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer**. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

- BRITO, Leandro Teofilo De. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. 1–14, 2021.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, p. 249–274, 2014.
- CALVO, Manuela Belén. Masculinidades y feminidades en la música metal. **Con X**, n. 6, p. 1–28, 2020. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/121146>. Acesso em: 09 de dezembro de 2022.
- CAREAGA, Guillermo Reyna. **Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas e ciudadanía**. Tese de Doutorado, Universidade Autónoma de México, Programa Universitario de Estudios de Género, 2006.
- CASTRO, Susana de. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 20, p. 75–82, 2018.
- CECCHETTO, Fatima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.
- CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36–61, 2003.
- CRESPO, Eliana; BERMUDEZ, Emilia; PRIETO, Maria; VILCHEZ, ANA. Rock, consumo cultural e identidades juveniles (Un estudio sobre las bandas de rock en Maracaibo. **Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología**. 14(1). 119-153, 2005.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001209777>. Acesso em: 3 março 2023.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, 2003.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 117–136, 2002.

FACEBOOK. Páginas e Grupos. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/337881706729661>. Acessado em: 22, de fevereiro de 2023

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus: Antropología de la juventud**. 1ª Edição. Barcelona: Editorial Ariel S. A., 1999.

FEIXA, Carles. A construção histórica da juventude. **Jovens na America Latina**, São Paulo, vol. 251, 2004.

FEIXA, Carles. La habitación de los adolescentes. **Papeles CEIC**, n. 16, p. 1–21, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 151–162, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 18ª Edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FORECHI, Marcilene; SANTOS, Karla Natário dos; CONSTANTE, Fernanda. Lery. Pereira. **Concepções teóricas na propaganda**. Porto Alegre, Sagah, 2018

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: Uma História Social**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GARBIN, Elisabete Maria. **www.identidadesmusicaisjuvenis: um estudo de chats sobre música da Internet**. 2001. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e**

sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

GOMES, Vitor Morais. **Entendendo o homem negro nos Racionais MCs: uma etnografia lírica.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Progração de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2019.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventudes: Sociologia, Cultura e Movimentos.** Alfenas/MG: Universidade Federal de Alfenas, 2016.

GUERRA, Oscar Ulloa. **Como ser homens nestes tempos? Pedagogias de Gênero no manual H.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

HALL, Granville Stanley. **Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education.** 2nd ed. [S. l.]: Elibrom Classics, 1904.

HALL, Stuart. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S.; JEFFERSON, T. **Rituales de Resistencia: Subculturas juveniles en la Gran Bretaña de postguerra.** Madrid, Traficante de Sueños. 2014.

HARVEY, David. **The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change.** Oxford: Blackwell, 1989.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. Em Cena, os Homens... **Revista Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, p. 370–370, 1998.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira. Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. **INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - BH/MG**, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Corpos transparentes, exames e outras tecnologias médicas: a produção de saberes sobre os sujeitos homossexuais**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências, 2012.

MARTINEZ, Mirian Valenzuela; RAMIREZ, Maria de los Angeles Patino. **Masculinidades en el Rock**. Universidad Autónoma Del Estado de México, 2013.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809–809, 2008.

MELLO, Yasmin Teixeira. **Existências, resistências e reconhecimento: tecendo interlocuções com narrativas de pesquisadoras/es trans brasileiras/os**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências, 2021.

MEYER, Dagmar. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. *In*: MEYER, Dagmar; PARAISO, Marlucy (Orgs.). **Metodologias de pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Marlucy Paraiso, Dagmar Meyer, [s.d.], p. 47–61. (Diálogos).

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p. 9–27.

MEYER, Dagmar; PARAISO, Marlucy. **Metodologia de Pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MOREIRA, Antonio Flavio; JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva. Revista Tempos e Espaços em Educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (Org.). **Alienigenas na sala de aula**. 9ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

OLIVEIRA, Eliane Cristina Brito de. **Do gangsta às minas: o rap do Distrito Federal e as masculinidades negras (1990 a 2015)**. 2017. Mestrado em História. Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

PACHECO, Leonardo Turchi. “Som de Macho”: uma reflexão sobre identidade, masculinidade e alteridade entre os headbangers. **Reunião Equatorial de Antropologia e X Reunião dos antropólogos Norte-Nordeste**, 2007.

PAWLOWSKI, Cristiane. **As mulheres no Rock: as identidades femininas e o sujeito pós-moderno em letras de Rita Lee, Fernanda Takai e Pitty**. 2013. Mestrado em Letras. Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2013.

PEREIRA, Claudia; ROCHA, Everardo; PEREIRA, Miguel. Tempos de juventude: ontem e hoje, as representações do jovem na publicidade e no cinema. **Revista de Comunicação, Cultura e Política. Departamento de Comunicação Social PUCRJ**, v. 10, n. 19, p. 5–15, 2009.

PORTILHO, João Gabriel Marques; BRITO, Leandro Teofilo De; SANTOS, Ana Paula Da Silva. Produção acadêmica sobre masculinidades nos anais do congresso brasileiro/internacional de ciências do esporte. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 1–21, 2020.

ROBASKI, Justina Bechi. **Representações de Juventudes Sul-Coreanas: uma análise cultural do K-drama Hello, My Twenties!** 2019. Universidade Luterana do Brasil, 2019.

RUANI, Ruann Moutinho; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teofilo de. Sentidos de masculinidades dissidentes através do uso do emoji de berinjela no Grindr. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 18, n. 1, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/73385>. Acesso em 23 de fevereiro de 2023.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. *In*: MEYER, Dagmar; PARAISO, Marlucy (Orgs.). **Metodologia de pesquisas Pós-Críticas em Educação**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. (Diálogos).

SANTOS, Daniel dos. **Como fabricar um Gangsta**: Masculinidades Negras nos videoclipes dos Rappers Jay - Z e 50 cent. 2017. Mestrado em Cultura e Sociedade. Universidade Federal da Bahia, 2017.

SANTOS, Joelma de Sales. **Rap, periferia e questões de gênero: história e representações**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, 2016.

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos. **“Rap Florido”**: Reconhecimento Artístico, Amor e Relações de Gênero. 2015. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília, 2015.

SASSO, Wesley Carvalho. **Masculinidades plurais: um estudo sobre homens dissidentes de gênero e sexualidade no projeto “Chicos”**. Dissertação de Mestrado, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, 2018.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2003.

SEPARAVICH, Marco Antonio; CANESQUI, Ana Maria. Saúde do homem e masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 415–428, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 9ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, [s.d.].

TEIXEIRA, Michel Antonio Brasil. **Geração Boom Bap: Sampling e Produção Musical de Rap em Belo Horizonte**. 2018. Universidade do Estado de Minas Gerais, 2018.

UGARTE, Alejandra Barrera. **Positivos, cuidadosos, sensibles, naturales**: Ser y

pensarse varón en un grupo de jóvenes seguidores del K-pop en Lima. 2020. Tese de doutorado em Sociologia. Pontificia Universidad Católica Del Peru, 2020.

VARGAS, Juliana Ribeiro. **O que ouço me produz e me conduz?** A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia. 2015. 182 f. Tese de Doutorado em Educação –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VARGAS, Juliana Ribeiro de; KLEIN, Carin. Funk ostentação: Masculinidades de jovens contemporâneos. *In*: RIZZA, Juliana Lapa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; *et al* (Orgs.). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Editora da Furg, 2019, p. 189–200.

YÚDICE, George. **El Recurso de La Cultura usos de la cultura en la era Global**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2002.

Apêndice I

Tabelas movimentos exploratórios

Tabela 1. Trabalhos relacionados à música e masculinidade (16)

Autores	Ano	Tipo	Local	Títulos
BARBARA DE BRITO CAZUMBA	2017	Dissertação	UERJ	"Elas estão descontroladas": um estudo das estratégias linguístico-discursivas de (re)afirmação do machismo nas letras de funk masculinas nas décadas de 1990, 2000 e 2010
DANIEL DOS SANTOS	2017	Dissertação	UFBA	Como fabricar um gangsta: masculinidades negras nos vídeos dos rappers jay-z e 50 cent
DIOGO DIRENA FONSECA	2015	Dissertação	UFF	Entre o "brega" e o rock: a resignificação da música de Odair José
EDERSON COSTA DOS SANTOS	2009	Dissertação	UFRGS	Um jeito masculino de dançar: Pensando a produção de masculinidades de jovens dançarinos de HIP-HOP
EDINEIA APARECIDA CHAVES DE OLIVEIRA	2013	Tese	Unisul	Análise crítica multimodal da comodificação de homens e mulheres em capas de cd de música funk
ELIANE CRISTINA BRITO DE OLIVEIRA	2017	Dissertação	UNB	Do gangsta às minas: o rap do Distrito Federal e as Masculinidades Negras
FÁTIMA REGINA CECCHETTO	2002	Tese	UERJ	"Violência e estilos de masculinidade no rio de janeiro"
GLAUCIA OLIVEIRA GUERREIRO	2020	Dissertação	UNEB	Homem sem gravidade: no samba de loiô de laiá Representações de masculinidades no cancionário de Dorival Caymmi

GOLBERY DE OLIVEIRA CHAGAS	2008	Dissertação	UEPB	Os homens do forró perfis de masculinidades na música nordestina
JOSE LUCAS GOES BENEVIDES	2020	Dissertação	Unespar	Cantando a masculinidade hegemônica: a construção das masculinidades nas canções de amado batista
LAIANA MORAES DE AZEVEDO	2020	Dissertação	UEM	"Isto não é música de menino": representações de instrumentos e estilos musicais entre adolescentes de um projeto de educação musical
RODRIGO CANDIDO INVERNIZZI	2017	Dissertação	UFG	O prazer de ouvir rock and roll: uma análise sob a perspectiva do receptor
THIAGO HARUO SANTOS	2016	Dissertação	USP	Idols em imagens e sons, Fãs em re-ação Uma etnografia da prática musical do K-pop em São Paulo
VALTER SOUZA DA SILVA	2017	Dissertação	UEMS	Análise do discurso do funk: sujeito, ideologia e relação de poder entre gêneros
VITOR MORAIS GOMES	2019	Dissertação	UFRRJ	O homem negro nos Racionais MCs: uma etnografia da masculinidade subalterna
VIVIANE HASFELD MACHADO	2015	Dissertação	IFSul	Aprendendo sobre feminilidades e masculinidades no funk brasileiro

Fonte: Levantamento efetuado pelos autores no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Tabela 2. Trabalhos relacionados a músicas e culturais juvenis (40)

Autores	Ano	Tipo	Local	Títulos
ADRIELLE LUCHI COUTINHO BOVE	2017	Dissertação	UFJF	Juventude e Heavy Metal: usos do espaço, práticas de consumo e produção de significados na cidade de Juiz de Fora, MG
ALINE DO CARMO ROCHEDO	2011	Dissertação	UFF	"Os filhos da Revolução". A juventude urbana e o rock brasileiro dos anos 1980
ANA BARBARA APARECIDA PEDERIVA	1998	Dissertação	PUC/SP	Jovens tardes de guitarras, sonhos e emoções: fragmentos do movimento musical - cultural jovem guarda
ANA PAULA PEREIRA FALCÃO	2010	Tese	UFPB	Juventude, Música e Regionalismo: Resignificações Sobre o Lugar Nordeste
ANTONIO GUEDES RANGEL JUNIOR	2012	Tese	UERJ	Juventude paraibana e música popular: contribuições ao campo de estudo das culturas juvenis
AURO SANSON MOURA	2009	Dissertação	UFF	Música e construção de identidade na juventude: O jovem, suas músicas e relações sociais
CARINE LAVRADOR DE FARIAS	2013	Dissertação	UENF	Música gospel e sociabilidades juvenis: modos de relação com o religioso entre os evangélicos
CAROLINA DOS SANTOS BEZERRA PEREZ	2005	Tese	USP	Juventude, música e ancestralidade no jongo: som e sentidos no processo identitários
DANIELA OLIVEIRA DOS SANTOS	2012	Dissertação	PUC-GO	A música sertaneja é a que eu mais gosto! Um estudo sobre a construção do gosto a partir

				das relações entre os jovens estudantes de Itumbiara-GO e o Sertanejo Universitário
DULCE HELENA MAZAR	2017	Tese	UFRGS	Racionalidades do consumo musical: práticas culturais juvenis na cena rap porto-alegrense
ELIANA BATISTA RAMOS	2010	Dissertação	PUC/SP	Rock dos anos 1980: a construção de uma alternativa de contestação juvenil
Elmiro Lopes da SILVA	2007	Dissertação	UFU	Música, juventude, comportamento: nos embalos do Rock'n'Roll e da Jovem Guarda (Uberlândia - 1955/1968)
FERNANDA FEITOSA DO VALE	2010	Dissertação	Unesp	Juventude, mídias sonoras e cotidiano escolar: um estudo em escolas de periferia
JACYARA PEREIRA LOPES DE MELO	2005	Dissertação	UFMA	Juventude e pentecostalismo: conversão religiosa, mídia, festa e música gospel
JANE MEYRE SILVA COSTA	2007	Dissertação	UECE	O Movimento Cabaçal: expressão musical da juventude nas políticas culturais do Ceará
JOELMA DE SALES DOS SANTOS	2016	Dissertação	PUC/SP	Rap, periferia e questões de gênero: história e representações
JOSÉ RICARDO MARQUES DOS SANTOS	2006	Dissertação	UFSCAR	Malandros sem Carnavais, Carnavais sem Heróis: Juventude, Geração e Sociabilidade entre Jovens ligados ao Rap e ao Rock nas cidades de São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto
JUAREZ TARCISIO DAYRELL	2001	Tese	USP	A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte

JUSTINA BECHI ROBASKI	2019	Dissertação	ULBRA	Representações de juventudes sul-coreanas: uma análise cultural do k-drama 'hello, my twenties!'
LIVIA PESSANHA BOESCHENSTEIN SANTOS	2017	Dissertação	PUC/RJ	Eu nasci assim: uma análise subcultural da cultura de fãs de Lady Gaga e Beyoncé no Rio de Janeiro
LUCIANA RODRIGUES BEZERRA	2013	Dissertação	UFRN	Música e mídia para consumo: A construção da identidade juvenil 'Emocore'
LUÍS ANTÔNIO GROppo	1996	Dissertação	Unicamp	O Rock e a formação do mercado cultural juvenil. A participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80
LUIS FELLIPE FERNANDES AFONSO	2016	Dissertação	UFRJ	O som e a fúria de um novo Brasil: juventude e rock brasileiro na década de 1980
MARA PEREIRA DA SILVA	2015	Dissertação	UNB	A música como experiência intercultural na vida de jovens indígenas do IFPA/CRMB: um estudo a partir de entrevistas narrativas
MARCELO GARSON BRAULE PINTO	2015	Tese	USP	Jovem Guarda: a construção social da juventude na Indústria Cultural
MARINA HABER DE FIGUEIREDO	2016	Tese	UFSCAR	Rap e funk: a busca por voz e visibilidade
MIKELY PEREIRA BRITO	2016	Dissertação	UFRJ	Fatores de influência na construção das preferências musicais dos jovens
PATRICIA LUISA NOGUEIRA RANGEL	2014	Dissertação	Unigranrio	As representações identitárias do funk na baixada

PAULO FERNANDO PIRES DA SILVEIRA	2012	Dissertação	ULBRA	Pedagogias da moda e construção de identidades juvenis na comunidade Rorita(RS)
RAFAEL LOPES DE SOUZA	1997	Dissertação	Unesp	Punk: cultura e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade juvenil subversiva - São Paulo. 1983/1996
ROSANA APARECIDA MARTINS SANTOS	2002	Tese	USP	O estilo que ninguém segura :mano é mano! boy é boy! boy é mano? Mano é mano? Reflexão crítica sobre os processos de sociabilidade entre o público juvenil na cidade de São Paulo na identificação com a musicalidade do Rap Nacional
RUBENS DE FREITAS BENEVIDES	2008	Tese	UNB	Cenários modernos e pós-modernos no Brasil: juventude, política e rock and roll
RUBENS DE OLIVEIRA AREDES	2013	Dissertação	UFMG	Mensagens dos tambores no morro: significados musicais, educação e projeto social pelo Grupo Arautos do Gueto.
SÉRGIO VINÍCIUS DE LIMA GRANDE	2006	Tese	Unesp	O impacto do Rock no comportamento do jovem
SILVIA REGINA DE CAMERA CORREA BECHARA	2015	Dissertação	Unesp	Jovens Estudantes de Música na Cibercultura Musical: Facebook e Educação Musical 2.0
SIMONE EVANGELISTA CUNHA	2014	Dissertação	UFF	"É som de preto, de favelado!" Gosto e disputas simbólicas em torno do funk no YouTube

TANIA CAROLINA VIANA DE OLIVEIRA	2013	Dissertação	UFS	O rock e o sertão: juventude, consumo e estilo de vida em Sergipe
TATIANA DE LAAI	2008	Dissertação	UERJ	Música que vem do coração: emos, identidades, cultura juvenil e sociabilidade digital
TIAGO DE QUADROS MAIA CARVALHO	2015	Tese	UFBA	Práticas musicais juvenis em Sobral – CE e suas relações com o Coletivo Ocuparte
VANDERLEI CRISTO MENDONÇA	2012	Dissertação	UFES	Impactos do funk na vida dos funkeiros: reconhecimento na interação intragrupo; estigmatização e discriminação na relação extragrupo

Fonte: Levantamento efetuado pelos autores no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Tabela 3. Trabalhos relacionados a masculinidades (46)

Autores	Ano	Tipo	Local	Título
ALEXANDRE RODRIGO NISHIWAKI DA SILVA	2017	Tese	UFSCAR	Relações de gênero nos clássicos da didática: reflexões possíveis acerca da ideia de masculinidade
ANNE CAROLINE DA ROCHA DE MORAES	2018	Dissertação	UFPR	Homens em quadrados: masculinidades nas HQ's de Angeli na revista chiclete com banana (1985-1990)
BARBARA SILVA NUNES	2014	Dissertação	UFPI	EM BUSCA DO CORPO MASCULINO IDEAL: higiene, atividade física e moda masculina em Teresina (1900 – 1930)
CAIO ANDREO SILVA	2014	Dissertação	Unesp	Masculinidades e violências em narrativas de vida de jovens em conflito com a lei
CELSO VITELLI	2008	Tese	UFRGS	Jovens universitários e discursos sobre masculinidades contemporâneas
DANIEL DE CASTRO BARRAL	2019	Dissertação	UNB	Os estudos das masculinidades na Psicologia brasileira: da invisibilidade da crítica à crítica da invisibilidade
DANIEL GEVEHR KELLER	2016	Dissertação	Feevale	Masculinidade hiato: cultura, gênero e moda
DANIELA AFONSO ORTEGA	2019	Dissertação	USP	De Tarcísio a Cauã: masculinidades na telenovela
DANIELA ROMCY	2013	Dissertação	UFSM	Fala que nem homem”: gênero, poder e honra em um canteiro de obras

DANILO POSTINGUEL	2015	Dissertação	ESPM	Homem homem, homem com h e homem-imagem: Masculinidades midiáticas nas culturas do consumo
EDNA MIRTES DOS SANTOS GRANJA	2015	Tese	Fiocruz	Gênero, masculinidades e drogas: trilhas, obstáculos e atalhos nos caminhos para a atenção integral aos homens jovens na saúde
ELISETE SANTANA DA CRUZ FRANCA	2018	Tese	UFBA	As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidades de jovens no contexto escolar
FERNANDA DE PAULA CARVALHO	2017	Dissertação	UFMG	"Tem Espaço? Faz Tatuagem": os significados de tatuagens em corpos masculinos de jovens moradores de bairros populares
FERNANDA RIBEIRO PINTO RODRIGUEZ	2009	Dissertação	UFES	Meninos não choram? Um estudo sobre o fracasso escolar de jovens masculinidades no ensino médio'
FLORA ARDENGHI DUTRA	2017	Dissertação	UFSM	Selfies no tinder masculinidades como performance'
GABRIELA MASSOTE LIMA	2020	Dissertação	UFRJ	Ninguém nasce viril, torna-se viril: Representações do corpo masculino na arte contemporânea
GREGORIO RIBEIRO DE MIRANDA	2015	Dissertação	UFMG	Masculinidades em trânsito: Processos identitários de motoboys em Belo Horizonte – MG
HELEN BARBOSA DOS SANTOS	2013	Dissertação	UFRGS	"Um homem para chamar de seu: uma perspectiva genealógica da emergência da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem"
IRMO WAGNER	2008	Dissertação	ULBRA	Educação em animês: aprendendo sobre masculinidades com os cavaleiros do zodíaco

JESSICA LANGE DE DEUS	2017	Dissertação	Unicentro	Ser homem: a representação das masculinidades na revista curitibana o olho da rua
JOAO MENDES GOMES BRASIL DE HOLANDA	2020	Dissertação	Uniceub	A Construção das Identidades Masculinas: O Olhar de Alunos do Ensino Médio'
JOSEANE DA ROCHA DANTAS CAVALCANTI	2016	Dissertação	UFM	A Tenda do Conto na Atenção Primária à Saúde: Um Espaço Possível para o Cuidado Integral à Saúde Masculina?
JULIANA FONSECA DE ALMEIDA GAMA	2016	Dissertação	UFPE	"Né homem não?" – retratos de masculinidades subjetivadas por homens moradores da várzea, recife/pe
KELLY CRISTINA KOHN	2012	Dissertação	PUC-RS	A (nova) política de saúde para homens: abrindo caminhos para os discursos masculinos
KLEBER LOPES DA SILVA	2016	Dissertação	UFG	"Isso é coisa pra macho" – a construção de masculinidades nos encontros de motociclistas em Goiânia
LAURA MARIA DE AGUIAR LOFORTE GOMES	2007	Dissertação	UFRGS	Representações de Masculinidades entre os jovens em Moçambique em tempos de SIDA
LAZARO MOREIRA GOMES JUNIOR	2020	Dissertação	UFG	Apareceu o Margarida: Liminaridades e masculinidades no futebol
LEONARDO FABIANO SOUSA MALCHER	2002	Dissertação	UFPA	Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e Masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém
LUCIANA BORRE NUNES	2014	Tese	UFG	Se a prova fosse sobre os rebeldes eu ia tirar 10!" Culturas visuais tramando masculinidades na escola

LUCIANA MARIA RIBEIRO DE OLIVEIRA	2006	Dissertação	UFPE	Meninos bandidos? Interfaces entre criminalidade e identidade masculina em homens jovens
MAIRA DE MELLO CABRAL E MATOS	2011	Dissertação	Fiocruz	À deriva: juventude e masculinidades
MARGARETH MARTHA ARILHA SILVA	1999	Dissertação	Unicamp	Masculinidades e Gênero: discursos sobre responsabilidade e reprodução
MARIA DAS DORES HONÓRIO	2012	Tese	Unesp	Cachaceiro e raparigueiro, desmantelado e largadão! Uma contribuição aos estudos sobre homens e masculinidades na região Nordeste do Brasil
MARIANA MENDES DE MOURA	2018	Tese	UFBA	"São os olhos de quem vê": narrativas e masculinidades no reino da Pombagira em Salvador – BA
MARIANA PAULA OLIVEIRA	2017	Tese	USP	A masculinidade nos homens: Representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos
MARINA FRANCISQUETO BERNABE	2018	Dissertação	UFES	Ninguém nasce homem: torna-se homem": a produção dos gêneros e a precarização da vida - Problematizando as masculinidades em jovens em cumprimento de medida socioeducativa
NAIARA WINDMOLLER	2016	Dissertação	UNB	Construção das masculinidades em depressão: revisão de literatura e análise de casos
NATANAEL DE FREITAS SILVA	2017	Dissertação	UFRRJ	Dzi Croquettes: invenções, experiências e práticas de si. Masculinidades e Feminilidades vigiadas
OSCAR ULLOA GUERRA	2015	Tese	UFRGS	Como ser homens nestes tempos? Pedagogias de gênero no Manual H

PRISCILA JANDREY BRASCO	2018	Dissertação	Ufcspa	Masculinidades e Violência Conjugal
RAFAEL LUIZ MARQUES DE ABREU	2013	Dissertação	UFRJ	Masculinidades: posicionamentos dos homens nas relações conjugais'
RENATO PEREIRA	2014	Dissertação	UEPG	Só na "cabreragem": medo e representações sociais de jovens homens moradores da periferia do espaço urbano de ponta grossa no exercício de suas masculinidades
RODRIGO DE BRITO DOS SANTOS	2020	Dissertação	UERJ	Percepções de masculinidades na formação docente
ROSILENE MAZZAROTTO	2019	Dissertação	UFRGS	Quero ser um pai como a minha mãe": produção de masculinidades e o programa bolsa família
VANESSA RODRIGUES THIAGO	2019	Dissertação	USP	O cânone desgastado: hegemonia, masculinidades e crise
WESLEY CARVALHO SASSO	2018	Dissertação	UFPR	Masculinidades plurais: um estudo sobre homens dissidentes de gênero e sexualidade no projeto "chicos"

Fonte: Levantamento efetuado pelos autores no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Apêndice II
Roteiro de Perguntas

Objetivo	Objetivo Específico	Pergunta
Apresentação do Entrevistado	Através desta apresentação do entrevistado buscamos identificar aspectos sociais, como: escolaridade, se possui formação acadêmica, qual classe social pertence, onde e com quem mora, se trabalha.	Nesse momento inicial, gostaria que você se apresentasse.
Identificar se o Entrevistado ainda se considera jovem	Identificar se o entrevistado, através de sua idade e seu estilo de vida se considera ainda um jovem.	Tu me respondeste a tua idade, tu ainda te consideras jovem? E por quê?
Investigar a relação do entrevistado junto ao estilo musical a qual pertence.	Identificar se o entrevistado é apenas um consumidor ou se é também um produtor cultural dentro deste estilo musical.	No convite que te fiz para participar desta pesquisa, te fiz esse convite imaginando que te sintas pertencido a cultura deste estilo musical. Nesse sentido, queria que tu me confirmasses isso, se tu te sentes pertencido a essa cultura, e se dentro desta cultura tu és apenas um consumidor ou se também é ou já foi produtor?
Investigar quando o entrevistado teve contato com o estilo musical.	Identificar em que momento da sua vida o entrevistado teve um primeiro contato com esse estilo musical e como foi.	Já me contasse um pouco a respeito do teu envolvimento com esse estilo musical, agora queria saber de ti quando foi o teu primeiro contato com ele e como que foi esse contato?

Investigar quem são suas referências/artistas/grupos dentro desse estilo musical

Investigar como é o grupo de amigos/as do entrevistado e quais são os seus espaços de sociabilidade

Investigar se o entrevistado percebe se as músicas e os vídeos desse estilo musical falam a respeito de relacionamentos

Investigar como é a participação das mulheres dentro desse estilo musical

Investigar como a masculinidade é tratada/representada dentro desse estilo musical.

Identificar quais artistas e grupos são referências para o entrevistado.

Analisar o grupo de amigos/as do entrevistado de modo a ver como é sua organização (por exemplo se há mulheres nesse grupo), e quais são seus espaços de sociabilidade.

Identificar a partir da visão do entrevistado se as músicas desse estilo musical mencionam temas que envolvem relacionamentos

A partir da visão do entrevistado, investigar a participação das mulheres dentro desse estilo musical, tanto como consumidoras, como também produtoras de conteúdo.

Identificar a partir do entrevistado se o mesmo percebe se há padrões para ser homem dentro deste estilo musical.

E desde essa época que tu tiveste um primeiro contato, quem são os teus artistas e grupos musicais que tu mais gostas e consideras como uma referência para ti?

E dentro desse estilo musical tu tens mais amigos e amigas que se sentem também pertencidos? Vocês costumam se encontrar em algum lugar? Quais são e como são esses lugares que vocês consomem e produzem dentro desse estilo musical?

E nas músicas e vídeos desse estilo musical eles abordam temas a respeito de relacionamentos? Se sim, como são?

E como é a participação das mulheres nesse estilo musical? E como as músicas falam a respeito das mulheres?

Esse estilo musical a qual tu pertences, tu acreditas que acaba influenciando em tuas atitudes como homem, influencia na tua masculinidade? E de uma forma mais ampla, acreditas que esse estilo acaba “propondo” alguns padrões de como ser homem, a partir das músicas e vídeos?

Investigar como o entrevistado percebe a sua construção de masculinidade ao longo dos anos

Identificar vivências que ao longo da trajetória dos entrevistados, dentro do estilo musical, possam ter influenciado na sua construção de masculinidade

Gostaria de saber se podes me descrever alguma ou algumas vivências que tu consegues perceber que de certo modo, tanto junto aos/os amigos/as como em demais áreas de socialização, acabaram ou acabam influenciando na construção da tua masculinidade.

Fonte: Autoria própria.

Apêndice III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Investigando as relações de juventude e masculinidades a partir dos Estudos Culturais” do estudante Mauricio Nazarete Lopes – pesquisador responsável deste estudo – do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

1. Título do projeto: Juventudes e músicas: experiências e vivências sobre masculinidades

2. Tipo de estudo e objetivos: trata-se de uma Pesquisa Narrativa, de natureza qualitativa, cujo objetivo principal é investigar as narrativas de homens jovens sobre a construção das masculinidades juvenis em grupos que compartilham experiências e vivências produzidas por diferentes estilos musicais.

3. Descrição dos procedimentos que serão realizados: Você está sendo convidado para participar da pesquisa através de uma entrevista semiestruturada que pode acontecer de forma *on-line* por vídeo chamada, via *Google Meet*, ou *Whatsapp* ou *Facebook*, ou *Zoom*, ou *Microsoft Teams*, ou também de forma presencial, e que para melhor compreensão e registro das narrativas as nossas conversas serão gravadas e transcritas, onde a gravação será utilizada somente para facilitar a transcrição e em nenhum momento sua imagem será utilizada na pesquisa. Após essa transcrição a entrevista será enviada para que você possa ler, acrescentar, retirar ou modificar algum detalhe.

4. Descrição dos riscos esperados: Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, devemos atentar ao fato de potenciais riscos como a possibilidade de danos à psíquica, social e cultural dos entrevistados, por fazermos perguntas nas entrevistas

sobre temas que podem lembrar traumas do passado. Assim, o pesquisador garantirá assistência integral e gratuita ao participante, em caso de evento adverso relacionado a pesquisa.

5. Descrição dos benefícios esperados: Nós nos comprometemos a disponibilizar os resultados desta pesquisa a comunidade acadêmica, pois acreditamos que a pesquisa em questão irá contribuir com a produção de um conhecimento que possibilitará a compreensão de aspectos importantes acerca das construções de diferentes masculinidades presentes nas culturas juvenis.

6. Garantia de acesso: Caso você deseje obter mais alguma informação relacionada à pesquisa, contate o pesquisador Mauricio Nazarete Lopes, a Professora Dra. Paula Regina Costa Ribeiro e/ou a coorientadora Professora Dra. Juliana Vargas, através dos telefones (53) 991154051, (53) 9 99766858 e (51) 95152034.

7. Retirada de consentimento: você poderá retirar sua autorização a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

8. Direito de confidencialidade: As informações obtidas nesta pesquisa serão analisadas pelo pesquisador responsável juntamente com a orientadora Professora Dra. Paula Regina Costa Ribeiro e/ou a coorientadora Professora Dra. Juliana Vargas. A identificação de seus nomes não será divulgada, pois serão utilizados codinomes para identificar os participantes. A guarda de todos os materiais (impressos e digitais) gerados por esta pesquisa será de responsabilidade dos/das referido/as pesquisador/as e serão armazenados em pasta e/ou computador institucional, na sala do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE), localizado no prédio do Centro de Estudos Ambientais, Ciências e Matemática (CEAMECIM), na Av. Itália, km 8, Campus Carreiros, pelo tempo de cinco anos.

9. Despesas e compensações: não há despesas pessoais para o pesquisado em qualquer fase do estudo, tampouco compensação financeira relacionada à participação, de modo que caso haja qualquer despesa adicional, ela será de responsabilidade do pesquisador.

10. Compromisso do pesquisador: reforço o meu comprometimento em utilizar os dados gerados nesta pesquisa somente para utilização nela, conforme autorizado por você.

11. Verificação do consentimento: Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li descrevendo o estudo “Investigando as relações de juventude e masculinidades a partir dos Estudos Culturais” e minha participação neste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus riscos, benefícios e as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Este documento será sempre apresentado em duas vias, uma para o pesquisador e outra para a/o participante.

Nome da/o participante: _____

Assinatura Eletrônica:

--

